

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARCELO SERAFIM DE SOUZA

**APOLOGÉTICA PAULINA À DOCTRINA DA RESSURREIÇÃO NA PRIMEIRA
CARTA AOS CORÍNTIOS**

São Leopoldo

2022

MARCELO SERAFIM DE SOUZA

**APOLOGÉTICA PAULINA À DOCTRINA DA RESSURREIÇÃO NA PRIMEIRA
CARTA AOS CORÍNTIOS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e
Escrituras Sagradas - TES
Linha de Pesquisa: Estudos de Texto e
Contexto Bíblicos

Pessoa Orientadora: Flávio Schmitt

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729a Souza, Marcelo Serafim de
Apologética Paulina à doutrina da ressurreição na
primeira Carta aos Coríntios / Marcelo Serafim de Souza ;
orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2022.
125 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2022.

1. Ressurreição - Ensino bíblico. 2. Bíblia - Coríntios, I -
Crítica, interpretação, etc. 3 Bíblia - Epístolas de Paulo -
Crítica, interpretação, etc. I. Scmitt, Flávio, orientador. II.
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

**APOLOGÉTICA PAULINA À DOCTRINA DA RESSURREIÇÃO NA PRIMEIRA
CARTA AOS CORÍNTIOS**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Tradições e
Escrituras Sagradas

Data de Aprovação: 24 de janeiro de 2022

PROF. DR. FLÁVIO SCHMITT (PRESIDENTE)
Participação por webconferência

PROF^a DR^a CAROLINA BEZERRA DE SOUZA (EST)
Participação por webconferência

PROF. DR. JOSÉ ADRIANO FILHO (FUV)
Participação por webconferência

Dedico este trabalho à Deus, quem possibilitou tudo isso, aos meus professores, pelo ensino e, à minha esposa, pelo incentivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me presentear com a ímpar oportunidade de estar mestrando na Faculdades EST.

À minha querida esposa, por me apoiar nesse empreendimento educacional que me isola frequentemente do convívio social, contudo, ainda assim contribuir com seu valioso incentivo.

À minha mãe e à memória de meu falecido pai, que proporcionaram acreditar que o estudo contribui para a formação condigna do cidadão.

Ao meu orientador professor Dr. Flávio Schmitt pelas correções, incentivos, orientação e apoio para a produção desse trabalho de pesquisa.

Aos professores Carolina Bezerra de Souza e Ruben Marcelino Bento da Silva, pelas valiosas dicas e orientação transmitidas quando da realização da qualificação.

À CAPES pelo incentivo proporcionado pela bolsa de fomento à pesquisa acadêmica.

Aos e as colegas de sala de aula (virtual, por conta da pandemia mundial que a todos e todas acometeu), ainda que distantes, mas presentes nos incentivos, na ajuda sempre valiosa quando da realização de trabalhos acadêmicos.

A todos e todas que me apoiaram direta ou indiretamente, contribuindo com isso, para minha qualificação ministerial.

*Inseparável da pregação do juízo de Deus
é a da ressurreição dos mortos [...]. A
negação da ανάστασις [ressurreição] é,
simultaneamente, a da κρίσις [juízo].*

Rudolf Bultmann

RESUMO

A presente pesquisa fundamenta-se na problemática encontrada pelo Apóstolo Paulo na Igreja de Corinto, mormente no que atine a questão da ressurreição e, como mencionada questão ortodoxa obteve enfrentamento paulino. A cristologia paulina fundamentada no Cristo crucificado, era o tema da pregação de Paulo. Do Cristo, vítima de horrenda morte de cruz, contudo, ressurreto ao terceiro dia. Nisto consistia a loucura da pregação de Paulo, que contrastava com a sabedoria do mundo a sua volta. Os problemas que surgiram na igreja de Corinto, atinentes à ortodoxia, bem como de ordem prática e litúrgica, deram ensejo ao apóstolo de responder com orientações cujo valor, relevância e aplicação transcendem em muito, os limites daquela época e lugar, dada a sua atualidade, fazendo de Paulo, um apologeta, na defesa intransigente daquilo que pregava. Suas proto-cartas revelam a combatente e aguerrida defesa que Paulo faz do Evangelho, contra “ensinos desviantes” que tentavam miná-lo. Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo defende eficazmente o evangelho de ataques “extra ecclesia”, que se traduziam em influências externas àquela igreja, sobretudo contra a “sabedoria humana” que, tentava colocar em dúvida a reflexão da ressurreição.

Palavras-chave: Ressurreição. Teologia paulina. Corinto. Problemática. Apologética.

ABSTRACT

The present research is based on the problematic found by the Apostle Paul in the Church of Corinth, mainly in what concerns the question of the resurrection and as mentioned, the Orthodox question received a Pauline confrontation. Pauline Christology based on the crucified Christ was the theme of Paul's preaching. Of Christ, victim of a hideous death on the cross, however, resurrected on the third day. Herein lay the folly of Paul's preaching, which contrasted with the wisdom of the world around him. The problems that arose in the church of Corinth, relating to orthodoxy, as well as of a practical and liturgical nature, gave the apostle an opportunity to respond with guidelines whose value, relevance and application far transcend the limits of that time and place, given its actuality, making Paul an apologist, in the uncompromising defense of what he preached. His proto-letters reveal Paul's combative and fierce defense of the gospel against "deviant teachings" that tried to undermine it. In the First Letter to the Corinthians, Paul effectively defends the gospel from "extra ecclesia" attacks, which translated into external influences to that church, especially against "human wisdom" that tried to question the reflection of the resurrection.

Keywords: Resurrection. Pauline theology. Corinth. Problematic. Apologetics.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 19 |
| 2 CORINTO E PAULO | 23 |
| 2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE CORINTO | 26 |
| 2.1.1 <i>Biografia de Paulo</i> | 29 |
| 2.1.2 <i>Cartas Paulinas</i> | 42 |
| 3 A QUESTÃO DA NEGAÇÃO À RESSURREIÇÃO | 51 |
| 3.1 A PROBLEMÁTICA DA NEGAÇÃO A RESSURREIÇÃO | 55 |
| 3.1.1 <i>A Imbricada Controvérsia acerca da Ressurreição</i> | 60 |
| 3.1.1.1 <i>Enfrentamento Paulino à negação da Ressurreição em 1Cor 15</i> | 63 |
| 3.1.1.2 <i>Compreensão Grega da Vida Após a Morte</i> | 68 |
| 3.1.1.3 <i>Ressurreição na Ótica dos Judeus</i> | 79 |
| 4 METODIZAÇÃO DISCURSIVA PAULINA À RESSURREIÇÃO EM 1COR 15 | 89 |
| 4.1 A RESSURREIÇÃO DE CRISTO | 89 |
| 4.1.1 <i>O sepulcro vazio</i> | 93 |
| 4.1.2 <i>A Ressurreição dos Mortos</i> | 98 |
| 4.1.3 <i>A Ressurreição Final</i> | 100 |
| 4.2 ETHOS, PATHOS E LOGOS NA APOLOGIA DE PAULO | 103 |
| 4.2.1 <i>O Ethos na Apologia de Paulo</i> | 103 |
| 4.2.2 <i>O Pathos na Apologia de Paulo</i> | 112 |
| 4.2.3 <i>O Logos na Apologia de Paulo</i> | 114 |
| 5 CONCLUSÃO | 115 |
| REFERÊNCIAS | 117 |

1 INTRODUÇÃO

A defesa de Paulo a ressurreição, inserida no capítulo 15 de 1Cor constitui no tema e estudo da presente pesquisa. Tamanha sua importância tanto para estudos acadêmicos, como para estudos eclesiológicos, que Hodge, teólogo do século XIX, preleciona que, o capítulo 15 de 1Cor é destinado a tratar da defesa de Paulo à emblemática questão havida na comunidade de fé de Corinto, atinente a negação da ressurreição. Para tanto:

Ao lidar com este assunto, o apóstolo primeiro prova o fato da ressurreição de Cristo (vs. 1-11); A partir disso, ele deduz, primeiro, a possibilidade e, então, a certeza da ressurreição do Seu povo (vs. 12-34); Depois disso, ele ensina a natureza da ressurreição, **para mostrar que a doutrina não é passível das objeções que haviam sido apresentadas contra ela** (vs. 45-58) [...] **Depois de lembrar aos coríntios que a doutrina da ressurreição era um princípio primário do evangelho que ele lhes havia pregado e do qual a salvação deles dependia** (vs. 1-3), ele passa a afirmar e provar o fato de que Cristo ressuscitou dentre os mortos no terceiro dia.¹ (grifos nossos)

Utilizamos a expressão “doutrina”, fundamentado particularmente na preleção de São João Crisóstomo², (347-407), padre e doutor da Igreja, pregador e arcebispo de Constantinopla, sendo considerado um dos pais mais importantes da igreja do século IV, que utiliza a expressão em seu Comentário às Cartas de São Paulo: **“A doutrina sobre a ressurreição claudicava, porque uns, ainda atacados da loucura dos gregos, não acreditavam absolutamente na futura ressurreição dos corpos”**.³ (grifos acrescidos)

A expressão “doutrina” é usada, não em um sentido sistemático teológico como veio a ser definida nos manuais da Igreja. Até porque, não há de se falar no séc. I, no seio da igreja, de um arcabouço doutrinário pronto e acabado, mas ainda em construção. Portanto, o seu uso se dá conforme a prática da Igreja, na pregação do evangelho realizada, sobretudo, pelos apóstolos da Igreja primitiva.

¹ HODGE, Charles. **1Coríntios**. Trad. Sharon Barkley. São Paulo: PES, 2021. p. 335s.

² CRISÓSTOMO, SÃO JOÃO (347-407). **História da Igreja** - Prof. Márcio Ruben. Disponível em: <https://historiadaigreja-com.webnode.com/c/crisostomo%2C-s%C3%A3o-jo%C3%A3o-%28347-407%29-/>. Acesso em: 17 out. 2021.

³ JOÃO CRISÓSTOMO, Santo. **Comentários às Cartas de São Paulo/2**: Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios: Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios. Trad. Mosteiro de Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 2010. p. 13.

Bortolini destaca que, a comunidade de fé em Corinto, se viu cercada de tensões e conflitos, que reproduziam em referida comunidade, o tipo de sociedade injusta, na qual estavam inseridos. Sociedade esta que, lhes cerceava a participação na vida social, pois os consideravam alheios à vida social desta, o que em tese, lhes impossibilitaria de tomar decisões.⁴

Muitas transgressões praticadas pela sociedade de Corinto haviam penetrado na Igreja de tal forma que a disciplina deteriorou-se, de modo a fazer a apostasia operar entre a irmandade, pois, questões ortodoxas, como a ressurreição dos mortos, estavam sendo postas em xeque.⁵ Haja vista, alguns na comunidade afirmavam não existir ressurreição. Contudo, utilizando como ponto de partida a ressurreição corpórea de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Apóstolo Paulo, no capítulo 15, volta sua atenção sobre a questão.⁶

Nossa pesquisa sobre o tema será de ordem bibliográfica, cujas fontes vão desde livros, revistas, artigos digitais até sites na web que abordem o tema. Optamos por utilizar obras que avultam o tema, tais como as obras subscritas por Bultmann, Ladd, Dunn, Bortolini, Pannenberg, Marguerat e outros mais.

O trabalho está dividido em três capítulos, além de introdução e conclusão. No primeiro capítulo procuramos traçar um perfil histórico-biográfico de Paulo. Buscamos também inserir Corinto no contexto de sua época, como colônia romana, mas sem deixar de lado seus costumes e cultura gregos. Aludimos, como se deu o encontro de Paulo com a comunidade de fé ali existente. Referimo-nos também ao meio comum de comunicação da época de Paulo, as cartas, que foi largamente utilizado pelo Apóstolo dos gentios, sem contudo, ter-se noção que atravessaria gerações e séculos e chegaria até a atualidade com peso canônico. Bem como também principiamos sobre o tema que norteará toda a pesquisa, qual seja a negação dos coríntios a ressurreição.

No segundo capítulo, entramos de fato no tema da pesquisa, a questão acerca da negação da ressurreição por uma parcela da membresia da comunidade de Corinto, que influenciada pelo ensino filosófico de então, que pregava a impossibilidade da ressurreição corpórea coadunado à imortalidade da alma,

⁴ BORTOLINI, José. **Como ler a Primeira Carta aos Coríntios**: Superar os Conflitos em Comunidade. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Paulus, 2003. p. 106.

⁵ BORTOLINI, 2003. p. 16.

⁶ BORTOLINI, 2003. p. 15.

passaram a descrever da possibilidade da ressurreição. Mencionamos acerca do enfrentamento paulino a esta celeuma que se deu na forma de argumentação defensiva, havendo demonstrando o Apóstolo, as consequências irreversíveis e altamente prejudiciais, que se instalava com referida negação ao se tentar ruir o cerne e fundamento basilar da fé cristã.

Também neste capítulo, aludimos sobre a compreensão grega da vida após a morte. Iniciando pelos discursos contemporâneos aos grandes filósofos gregos, tais como Sócrates, Platão e Aristóteles, em Fédon e Fedro, destacamos a crença grega geral na imortalidade da alma e impossibilidade da ressurreição corpórea, conforme referidos discursos.

Destacamos ainda em mencionado capítulo, a ressurreição na ótica judaica. Impossível de se conceber no período judaico antigo, mas, a existência de uma abertura de percepção, no período do Segundo Templo. Todavia, sem unanimidade, contudo.

No terceiro capítulo, apresentamos a forma como Paulo delimitou seu argumento de defesa a ressurreição no capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios. Ainda que seu discurso apologético se iniciou com a ressurreição corpórea, mas o fundamentou na ressurreição de Cristo, que deveras, aconteceu, conforme arguiu. Possibilitando assim, a ressurreição corpórea e, finalizando na esperança da Igreja, a ressurreição final quando da parusia.

Por fim, demonstramos ao final do terceiro capítulo, que a apologia argumentativa de Paulo, se construiu através da tríade aristotélica, *ethos*, *pathos* e *logos*. Para tanto, aludimos que Paulo utilizou de argumentos assimiláveis por seu auditório, procurando imprimir eficácia ao seu discurso. Com o *ethos*, imprimiu imagem positiva a seu respeito, destacado pelo seu apostolado e pela autoridade adjacente a este. Bem como, Paulo ainda procurou despertar a atenção de modo emotivo do seu auditório, ao mostrar-lhes que o argumento destes aniquilava a ressurreição de Cristo e destruía a ressurreição final, através da utilização do *pathos*, reforçando assim, o seu *ethos* de autoridade. Na junção do *ethos* e *pathos*, demonstramos a utilização do *logos* no argumento apologético de Paulo, com vistas a trazer os fiéis de Corinto para sua mensagem apostólica, imprimindo-lhe eficácia ao se buscar o resultado almejado.

2 CORINTO E PAULO

“Em fraqueza, temor e grande insegurança vim a vós” (1Cor 2.3). Com estas palavras, Paulo sintetiza sua chegada pela primeira vez em Corinto, no outono de 51 d.C., conforme relatado por Lucas, em Atos 18.1-17. Vindo de Atenas, onde não lograra efetivo êxito ministerial, Paulo inicia suas pregações na sinagoga de Corinto aos sábados, até ser-lhe cerceado o direito de fazê-lo, pelos seus patrícios, por julgá-lo inconveniente, com suas mensagens do Cristo ressurreto. Para proibir a pregação de Paulo tentaram influenciar o procônsul Galião. Sem êxito, contudo, haja vista, Galião, julgando tratar-se de litígios religiosos entre judeus, recusou-se a intervir, momento em que Paulo pôde permanecer mais tempo na cidade. O incidente levou Paulo a continuar pregando a palavra de Deus na localidade, porém, não mais na sinagoga dos judeus.⁷

Conforme o testemunho de Atos, enquanto Timóteo se desloca a Tessalônica, Paulo e Silas vão para Corinto, oitenta quilômetros da cidade de Atenas. Neste ambiente grego, as pregações de Paulo, cada vez mais, se voltam para um público diversificado. Em Corinto, um não judeu simpatizante do judaísmo, Tício Justo, acolheu Paulo. Conforme At 18.12, Gálio era a época procônsul da Acaia, região cuja capital era Corinto. A grandeza da cidade e o sem-número de atividades que ali se realizam lhe terão propiciado uma sobrevivência modesta, com o exercício da fabricação de tendas, junto a um casal da cidade, conforme se depreende de At 18.3. Atos menciona que o objetivo de Paulo era o Ocidente, passando por Roma. Porém, a curto prazo esse objetivo estava dificultado pela expulsão de judeus pelo imperador Cláudio, em 49 d.C. Por essa razão, Paulo permaneceu em Corinto, o que veio a revelar-se como um momento oportuno de sua atividade missionária: estabeleceu aí uma das *ἐκκλησία* (ecclesia = igreja), com que mais se veria comprometido, mas também envolvido em embates fundamentais.⁸

Com vistas a contextualizar, importante se faz mencionar que, à época de sua segunda viagem missionária, vindo de Atenas, o Apóstolo Paulo conheceu na

⁷ SCHELKLE, Karl Hermann. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Loyola, 1977. p. 140.

⁸ VASCONCELOS, Pedro L.; FUNARI, Pedro Paulo A. **Paulo de Tarso: Um apóstolo para as nações**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 37.

cidade de Corinto o casal Priscila e Aquila, há pouco vindos de Roma, expulsos por ordem do Imperador Cláudio.⁹ Como tinham o mesmo ofício de fazer tendas, o Apóstolo quedou-se com estes, tendo ao todo, permanecido na cidade de Corinto um período de um ano e meio. O evangelista Lucas relata uma visão noturna que Paulo teve, pouco tempo após sua chegada a Corinto, em que o Senhor lhe disse: “Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade” (At. 18.9,ss). Esta visão divina o fortaleceu, e fez com que Paulo reconhecesse o fato de que, Corinto não havia constado inicialmente em seus planos, todavia, ocupava um lugar de destaque nos planos de Deus para si.¹⁰

Para Marguerat “[...] a primeira epístola aos Coríntios se apresenta, em sua versão canônica, como um manual de ética evangélica. [...] A epístola constitui, assim, na história do cristianismo, um primeiro manual católico e ecumênico da vida cristã”.¹¹

A primeira carta aos coríntios, ditada pelos cuidados pastorais do apóstolo, documenta os passos inseguros de uma jovem comunidade nos trilhos da fé em Cristo. Os problemas surgidos na comunidade eclesiástica e o modo como Paulo lidou com estas questões, confere especial relevância às proto-cartas paulinas, inclusive para reflexão teológica na atualidade.¹²

Muito da complexidade que caracteriza a *ἐκκλησία* (igreja) de Corinto advém do ambiente em que esta se encontra, e da sua composição social, bem como da interação social de seus membros, com o mundo exterior.¹³ A comunidade de fé de Corinto, não diferente das demais à sua época, era formada por pessoas advindas de diversos estratos sociais, com prevalência para os reconhecidamente pobres, eis que a maioria naquela localidade, que também possuía em sua formação, alguns outros mais abastados economicamente. Esta diversificação social representou um desafio para Paulo, diante dos problemas surgidos a partir daí.¹⁴ A composição da

⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto**: Um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 13.

¹⁰ BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003. p. 241.

¹¹ MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2015. p. 233.

¹² BRAKEMEIER, 2008, posição 156 (Obs.: utilizamos aqui um e-book *Kindle edition*).

¹³ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 38.

¹⁴ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 40.

comunidade constitui um caldeirão cultural formado sobretudo por judeus e não judeus, ricos e pobres, escravos e homens livres, letrados e pessoas sem instrução.¹⁵

É da classe pobre de Corinto, de escravos, artesãos, empregados, que se recrutava a maioria dos membros da comunidade cristã, com poucas exceções (1Co 1.25ss). Nessa cidade, cuja padroeira era a deusa Afrodite, Paulo conseguiu criar um núcleo cristão que iria crescer e desenvolver-se rapidamente.¹⁶

A partir de sua convivência com os diversos problemas apresentados na comunidade de fé de Corinto, Paulo reúne base suficiente para escrever a carta mais antiga do Novo Testamento, a Primeira Carta aos Tessalonicenses.¹⁷

Com a chegada de Paulo a Corinto (cf. At 18) e, conseguinte a pregação deste, se dá o início da Igreja em Corinto, momento em que vários judeus e gentios tementes a Deus foram persuadidos por causa da pregação paulina. Insta consignar que, um dos líderes da sinagoga de Corinto, de nome Crispo, bem como, o dono de uma casa ao lado da sinagoga, nominado pelo evangelista Lucas de “Tício Justo”, estavam entre os que foram persuadidos pela pregação de Paulo. Ao que tudo indica, o nome completo Tício Justo era Gaio Tício Justo. Se isto é verdade, trata-se do mesmo cristão coríntio que Paulo descreve como “Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja” (Rm. 16.23). Nos versículos 14 e 16 do primeiro capítulo de 1ª Coríntios, Paulo declina os nomes de Crispo e Gaio, juntamente com Estéfanos e sua família, os únicos convertidos em Corinto que ele pessoalmente batizou, sendo ao que indica, estes os primeiros convertidos em Corinto.

Paulo obteve a ajuda de Silas nesta empreitada, mas também de Timóteo, seu verdadeiro filho na fé (1ª Tim. 1.2), fruto de sua segunda viagem missionária (Atos 16.1), que sobremaneira o ajudou a completar sua missão na região da Macedônia, auxiliando-o até mesmo no batismo dos novos convertidos. Ao que indica, Paulo pôde com citada ajuda, deixar de lado um pouco seu ofício de fazedor de tendas (Atos 18.3), para dedicar integralmente à pregação e ao ensino. Paulo tinha por costume, a partir da sinagoga, anunciar Cristo aos coríntios, o que logrou êxito ao fazê-lo por considerável tempo, sem nenhum impedimento. Contudo, seus

¹⁵ REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2012. p. 77.

¹⁶ BRAKEMEIER, 2008. posição 163 (Obs: utilizamos aqui um e-book *Kindle edition*).

¹⁷ VASCONCELOS; FUNARI, 2014, p. 40.

compatriotas, obstaculizaram-lhe o acesso à sinagoga, por julgar sua mensagem dissonante da usual tradição mosaica. Mas, Deus lhe abriu outra porta de pregação, quando Tício Justo, lhe franqueou acesso à sua casa para pregação da Palavra de Deus, tornando-se esta casa, o primeiro local de reunião da Igreja de Corinto.¹⁸

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE CORINTO

A título de contextualização, convém destacar que, Corinto pertencia ao conjunto das metrópoles importantes na antiga Grécia. Apesar de, ter sido destruída em 146 a.C., contudo, um século depois, em 44 a.C., é reerguida, ao tempo de Júlio César e, no ano de 27 a.C., torna-se Corinto e, não Atenas, a capital da província senatorial da Acaia.¹⁹ Corinto encontrava-se situada nas proximidades do mar Egeu, de um lado, e do Mar Jônio, de outro, bem como, localizava-se numa extensa planície abaixo do Acrocorinto, um cume fortificado de 575 metros de altura na península do Peloponeso.²⁰ Dada a sua importância, a cidade de Corinto aparece na *Ilíada* de Homero, tendo exercido influência sobre toda a península, a qual se encontrava localizada.²¹

Balch e Stambaugh prelecionam que Corinto, assim como as demais colônias romanas, gozavam de benesses concedidas pelo Império Romano:

Durante quase todo o tempo do Principado, o tipo mais prestigioso foi a colônia romana. Seus moradores originais eram cidadãos romanos enviados da Itália ou provenientes das legiões romanas, e também os não-romanos que moravam aí ou nas adjacências muitas vezes recebiam concessão de cidadania romana. As colônias, por causa de sua cidadania romana, estavam isentas de tributo e de muitas formas de taxaço, e seu governo baseava-se no modelo romano. Como nos diz o autor de Atos (16,12), Filipos era uma colônia deste tipo. Assim também Corinto, onde viviam colonos romanos junto com judeus e gregos não-cidadãos (At 18,4-8).²²

Acredita-se que, à época de Paulo, em Corinto habitavam entre 250.000 e 500.000 pessoas, sendo esta, uma cidade de migrantes, que lá se estabeleceram

¹⁸ BRUCE, 2003. p. 243.

¹⁹ BRAKEMEIER, 2008. p. 13.

²⁰ KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**. Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2003. p. 15.

²¹ KISTEMAKER. 2003, p. 16.

²² BALCH, David L.; STAMBAUGH, John E. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 7. (Obs.: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

por considerável período. Muito embora, Corinto fosse uma das maiores cidades do Império Romano, à ocasião da segunda viagem missionária de Paulo, por volta do ano 50 a.D., todavia, dois terços de sua população era composta de escravos.²³ Sobreleva-se, portanto, impossível precisar com exatidão, sua população, também pelo fato de que naquele tempo os escravos não serem contados. Na época do Novo Testamento, Corinto era uma grande cidade grega, possuindo magníficos templos antigos, dos quais alguns se conservam até hoje.²⁴ Bortolini preconiza que, Corinto era uma movimentada cidade portuária, possuindo dois portos principais, que ligavam a cidade à Roma e à Ásia. Sendo que o árduo trabalho nestes portos era realizado pela população escrava. Bastante provável que boa parte destes trabalhadores, fosse composta de cristãos escravizados.²⁵

Corinto era uma cidade grega, cujo nome remonta à chegada dos gregos dóricos, no início do primeiro milênio a.C. Possuía magníficos templos pagãos, muitos dos quais em ruínas sobrevivem até os dias de hoje.²⁶ De suas ruínas, ocasionadas por desastres naturais e guerras, pouco se lembra presentemente de sua glória passada. E, atualmente, contando com uma população atual estimada em nove mil habitantes, Korinthos, das cinzas e ruínas se reergueu, desde sua reedificação nos idos de 1858.²⁷ Corinto, gabava-se de ser o centro de culto a deusa Diana, cujo majestoso templo, situava-se na região do Acrocorinto. A imponente estátua de Diana era ornada com a armadura do deus da guerra, Marte, cujo capacete lhe servia para apoiar os pés.²⁸

Após a reconstrução da cidade em 44 a.C., Júlio César trouxe consigo mil escravas, para servirem ao templo de Diana, propiciando com isso, o aumento da prosperidade da cidade, tornando-a polo turístico.²⁹ Em Corinto, de dois em dois anos, realizavam-se os jogos do istmo, aos quais Corinto presidia, onde vislumbrava-se honraria à Netuno, o deus do mar. Quanto à pujante vida religiosa da cidade de Corinto, há que se destacar que, havia duas divindades que também figuravam entre as principais nessa cidade, quais sejam: Poseidon, deus do mar,

²³ BORTOLINI, 2003. p. 59.

²⁴ SCHELKLE, 1977. p. 139.

²⁵ BORTOLINI, 2003. p. 13.

²⁶ SCHELKLE, 1977. p. 139.

²⁷ MATOS, Keila. **O que a história registrou sobre Paulo, Corinto, a igreja e as mulheres no Século I.** Fragmentos de Cultura. Goiânia, v. 17, n. 9/10. set./out., 2007. p. 931-948.

²⁸ BRUCE, 2003. p. 242.

²⁹ BRUCE, 2003. p. 243

relacionado ao poderio naval, e Afrodite, deusa do amor sexual, relacionada à fertilidade.³⁰ Acredita-se que referidas homenagens a deuses e divindades, fez Paulo escrever no versículo 5 do capítulo 8 da Primeira Carta, acerca dos muitos deuses e senhores ali cultuados.

Na época de Paulo, Corinto era uma impotente e cosmopolita cidade, situada no istmo de mesmo nome, possuindo também uma importante via terrestre, controlada pela própria cidade de Corinto, que ligava a Grécia Central à região do Peloponeso. Possuía dois importantes portos: “Liqueu e Cencréia, que ficavam ao lado oeste e leste do istmo, onde se situava a cidade, respectivamente.³¹ Corinto, possuía um canal, em seu istmo, com vistas ao escoamento de mercadorias, idealizado por Vespasiano.³² Construída ao lado norte do monte Acrocorinto, fato que levou os coríntios a acreditarem, ser invencíveis em sua segurança, nos altos dos 600 metros, que lhes servia de fortaleza. Possuía uma fonte de água denominada Pirene, que abastecia a cidade, fazendo com que, tudo o que necessitassem, estivesse dentro de seus muros. O comércio de Corinto desenvolveu-se grandemente, tornando-a uma próspera cidade na época clássica da Grécia. Contudo, em 146 a.C., um exército romano conduzido por Lúcio Múmio, em resposta à insubordinação da cidade, na revolta da Liga da Acaia, destruiu-a completamente, desta apenas restando ruínas, além de vender como escravos sua população e, confiscando seu território para o Império Romano. Desta época, na atualidade, pouca coisa ainda resta, à exceção do templo dórico de Apolo, datado do sexto século a.C.³³

Após catastrófico incidente, Corinto ficou abandonada por um século, até novamente ser fundada por Júlio César em 44 a.C., com o nome *Laus Iulia Corinthiensis*, sob domínio romano, recuperando aos poucos sua glória do passado, ao possuir administração própria, tendo sido transformada em sede do governo da província romana da Acaia. Com isso, de modo rápido reconquistou a prosperidade de outrora. No porto localizado na parte mais estreita de seu istmo, navios enormes trafegavam pelos seis quilômetros que separavam o golfo de Corinto no oeste e o golfo Sarônico no leste. Uma comunidade considerável de judeus da diáspora,

³⁰ MATOS, set./out. 2007. p. 931-948.

³¹ BRUCE, 2003. p. 242.

³² KISTEMAKER, 2003. p. 16.

³³ BRUCE, 2003. p. 242.

passou a habitar a cidade coadunado a sua população de cidadãos romanos, haja vista, após 44 a.C., Corinto tornou-se colônia romana, cuja população aumentou muito desde então. A comunidade judaica cresceu de tal modo na cidade, que arqueólogos encontraram em um sítio arqueológico, parte de uma verga de porta de pedra, onde se lia em grego a seguinte inscrição: “Sinagoga dos Hebreus”, tendo sido talvez conhecida por Paulo, durante sua estadia na cidade de Corinto.³⁴

Corinto possuía um estádio, onde se realizava a prática de diversos esportes, patrocinados pelos comerciantes, que na ocasião de sua realização, deixavam a cidade em polvorosa, ao visitá-la, o que mais tarde colaborou para que Corinto fosse constituída em um dos três centros bancários da Grécia. Após a colonização romana, o ambiente de Corinto passou a ser dominado pela cultura greco-romana, contudo devido ao fato da grande quantidade de judeus que lá residiam, Corinto também sofre a influência da cultura judaica, haja vista, à esta época, os judeus, não apenas formavam classe populacional dominante em Corinto, como também estavam espalhados por todo o Império Romano e, representavam quase a totalidade da classe social de então, desde soldados, policiais, mascates, almozarifas, escravos, comerciantes à magistrados, oficiais governamentais, proprietários de terras, agricultores, donos de navios, etc., fazendo com que, seus costumes fossem amplamente conhecidos em Corinto, embora, também influenciados pela cultura greco-romana.³⁵

Esta miscelânea cultural influenciou Cerfaux a prelecionar que, “Corinto representa a grande experiência da implantação do cristianismo em espíritos helênicos de tendências intelectualistas, platônicas e místicas”.³⁶

2.1.1 *Biografia de Paulo*

Não obstante, Paulo haver contribuído consideravelmente para grande parcela escrita do Novo Testamento, particularmente no que atine a relevância doutrinária e pastoral de suas proto-cartas, contudo, não se vislumbra nestas, um registro contínuo e sistemático de sua vida. O que nos faz recorrer ao relato lucano

³⁴ BRUCE, 2003. p. 242.

³⁵ MATOS, set./out. 2007. p. 931-948.

³⁶ CERFAUX, Lucien. **O Cristão na teologia de Paulo**. Tradução José Raimundo Vidigal. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012. p. 21.

neste aspecto. Havendo Lucas, em seu, “Atos dos Apóstolos”, contribuído consideravelmente para se formar uma biografia paulina pós conversão.³⁷ Cumpre destacar que, há relatos e detalhes da vida e do ministério de Paulo, que só podem ser encontrados em Atos dos Apóstolos, que conforme a mais balizada teologia, trata-se de um livro mais historiográfico que biográfico, além de teológico.³⁸

A descrição acerca de sua conversão nos é possível apenas através do relato lucano, já que Paulo silencia em suas cartas, a respeito. Paulo opta pelo termo “chamado” (Rm 1.1, 1Cor 1.1, Gl 1.15), para se referir ao seu apostolado.³⁹

Pode-se afirmar que, Paulo lidera a lista de convertidos pós-pascal. Ainda que a biografia lucana não seja totalmente isenta de imparcialidade, parte pela cooperação deste no ministério apostólico de Paulo, ao acompanhá-lo em algumas de suas viagens, parte pela dramatização lucana, quanto a jornada da igreja primitiva da Judeia em direção ao mundo gentílico; detalhes importantes da vida de Paulo, importante mencionar, temos no relato lucano.

Apenas em Lucas, por exemplo, temos o fato de que Paulo, ainda em tenra idade, saiu de Tarso, foi para Jerusalém, a fim de ser instruído pelo mestre Gamaliel, da escola de interpretação da lei mosaica, de seu avô⁴⁰ Hillel.⁴¹ Bem como, Lucas também relata que, Paulo esteve presente, quando do apedrejamento de Estevão.⁴²

Para Arbiol as interpretações que se fizeram de Paulo ao lado de sua biografia escriturística, revelam a personagem paradoxal paulina.

Paulo teve um papel de monumental importância nas origens do cristianismo. A figura de Paulo de Tarso revela-se uma das mais paradoxais [...] da história da humanidade, não tanto pela personagem histórica, mas pelas leituras e interpretações que se fizeram dele, por seus seguidores e detratores, que construíram uma imagem caleidoscópica de infinidade de cores, mais do que um retrato reconhecível.⁴³

Ainda conforme Arbiol,

³⁷ SEGAL, Alan F. **Paulo, o convertido**: apostolado e apostasia de Saulo fariseu. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2010. p. 24.

³⁸ ZIBORDI, Ciro Sanches. **Paulo**: O príncipe dos pregadores. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. p. 10.

³⁹ FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: apóstolo dos gentios. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 120.

⁴⁰ OLIVEIRA, André Luiz Alves de. O conceito de vontade no homem interior em Hannah Arendt. **Dissertação (Mestrado em Filosofia)**. Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, 2016. p. 20.

⁴¹ SEGAL, 2010. p.24.

⁴² SEGAL, 2010. p.24.

⁴³ ARBIOL, Carlos J. Gil. **Paulo na origem do cristianismo**. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 19.

No processo de criação de identidade dos que creem em Cristo que se iniciou no fim do século I de nossa era, foi decisivo o recurso à figura de Paulo. [...] Em fins do século IV de nossa era [...] com o edito de Tessalônica, por parte de Teodósio (380 d.C.), confirma-se a nova religião, o cristianismo, única religião oficial do Império. Durante esses anos, as interpretações de Paulo foram fundamentais no processo de identificação da origem do cristianismo diante do judaísmo rabinico.⁴⁴

Tendo em vista a ausência do contato direto de Paulo com o Jesus histórico, bem como, o fato de que Paulo não fez parte do grupo dos doze, sua inserção no colégio apostólico, dessa forma, não se deu de forma célere.⁴⁵ Em 1Cor 15.8, Paulo se considera “um nascido fora de tempo”, “um abortivo”, ou seja, “o último de todos”, pois perseguiu a igreja de Deus, conclui no v. 9. Contudo, ainda assim, no mesmo v. 8, Paulo se inclui na lista daqueles a quem o Senhor apareceu ressurreto, após o evento Pascal. Motivo suficiente que o levará a jamais negligenciar seu apostolado, bem como, da reivindicação a este (Gl 1.1).⁴⁶

A inserção de Paulo no colégio apostólico, ainda que sob protestos de alguns de seus patrícios, cristãos judeus, se deu pelo seu engajado trabalho missionário, bem como, sua contribuição doutrinária e pastoral inserida em suas cartas.⁴⁷ O evento de sua conversão no caminho de Damasco revela-se motivo embaixador à sua autorização lhe atribuída por Cristo para proclamar seu Evangelho.⁴⁸

Recorrendo ao tema central do estudo em questão, qual seja, a combativa defesa apologética paulina à reflexão da ressurreição em 1Cor 15, temos que, esta serve não apenas para Paulo assegurar aos cristãos destinatários da Primeira Carta aos Coríntios, seu apostolado, pelo fato de ter visto o Cristo ressurreto, quando a caminho de Damasco. Bem como, também serve, para Paulo afirmar que seu apostolado seguia o modelo do Crucificado e, de nenhum outro.⁴⁹

Quanto ao chamado de Paulo, Cerfaux utiliza a expressão “escolhido desde o seio de sua mãe”, aduzindo, para tanto, que o chamado de Paulo para o ministério apostólico, confirmado pelo Livro dos Atos dos Apóstolos, se confunde, dentre

⁴⁴ ARBIOL, 2018. p.20.

⁴⁵ SEGAL, 2010. p.23.

⁴⁶ SEGAL, 2010. p.42.

⁴⁷ SEGAL, 2010. p.23.

⁴⁸ KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios. 2 ed. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2014. p. 647.

⁴⁹ FEE, Gordon D. **Jesus o Senhor segundo o Apóstolo Paulo**: Uma Síntese Teológica. Trad. Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. p. 912.

outros, com o chamado dos profetas à sua missão, por exemplo, Jeremias, no período pré-exílio.

O estilo de Paulo é fundamentado nas fórmulas bíblicas; na luz do Espírito Santo, ele releu o Antigo Testamento, lá encontrando sua história pessoal. Foi “escolhido desde o seio de sua mãe” para a obra à qual Deus o destinava. “Escolher” (αφορίζειν) indica a separação do profano e consagração ao serviço de Deus. Ele foi “escolhido” como Deus separou os hebreus dos outros povos, como a gente separa os animais puros dos animais impuros, como os profetas são consagrados para a sua missão. A expressão “desde o seio de minha mãe” faz pensar ao mesmo tempo na vocação de Jeremias e na do Servo de Javé; o “chamado” faz lembrar sobretudo do Servo. Portanto, Paulo compara seu chamado com o dos profetas do Antigo Testamento.⁵⁰ O Livro dos Atos confirma estas conclusões. Paulo é o instrumento escolhido (οκευος εκλογής) para “levar” o nome de Cristo, isto é, para testemunhar, no meio das perseguições, diante dos reis, das nações e de Israel (At 9.15).⁵¹

Para Swindoll, Paulo foi um grande apóstolo, que em quinze anos de ministério realizou feitos extraordinários.

Paulo, o apóstolo, foi, de longe, diferente de qualquer homem de sua época [...] Ele fez escolhas incomuns na vida — permanecendo solteiro, viajando constantemente, dedicando-se inteiramente ao ministério... Ele alcançou mais realizações, em quinze anos, do que muitas pessoas realizam em uma vida inteira. Além de evangelizar grande parte do mundo romano... No entanto, nada substituiu a sua prioridade número um: conhecer a Cristo.⁵²

Senda trilhada por Lopes, insta frisar, ao prelecionar que o apóstolo Paulo:

[...] Plantou igrejas nas províncias da Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia Menor [...] Embora tenha vivido sob fortes pressões internas e externas, não deixou jamais sua alma ficar amargurada. Paulo [...] pregou com zelo aos gentios e aos judeus, nas escolas, cortes, palácios, sinagogas, praças e prisão. Com a mesma motivação, pregou quando tinha fartura e também quando passava por privações. Ele enriqueceu muitos, sem nada possuir. Embora tenha experimentado fome e frio, suportado cadeias e tribulações, passado os últimos dias numa masmorra e enfrentado o martírio por ordem de um imperador insano, sua vida ainda inspira milhões de pessoas em todo o mundo.⁵³

Conforme Cerfaux “depois de Jesus, Paulo foi o principal autor desta obra que transformou a história do mundo, e nas suas Epístolas ele é seu grande idealizador”.⁵⁴ Corroborado por Souza, para quem “o apóstolo Paulo é considerado o

⁵⁰ CERFAUX, 2012. p.89.

⁵¹ CERFAUX, 2012. p. 92.

⁵² SWINDOLL, Charles R. **Vivendo Provérbios**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013. p. 51.

⁵³ LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: O maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 6.

⁵⁴ CERFAUX, Lucien. *O Cristão na teologia de Paulo*. Tradução Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003. p. 79.

teólogo que desenvolveu de maneira autônoma uma teologia de impacto que atravessou gerações e chegou até nossos dias”.⁵⁵

Quanto ao nascedouro da teologia do Apóstolo dos gentios, Cerfaux aduz que “o pensamento de Paulo formou-se [...] no judaísmo de tendência farisaica, à margem do helenismo.”⁵⁶ Para Cerfaux “o judaísmo foi o solo, o terreno [...] da teologia paulina”.⁵⁷ Contudo, ao principiar o estudo da teologia paulina e suas implicações, revela-se importante arguir quem foi Paulo, cognominado “apóstolo dos gentios”, para se poder entender sua elevada contribuição para a teologia que atravessou os séculos até chegar incólume aos nossos dias.

Ainda conforme a preleção de Cerfaux:

A obra de Deus visando a salvação cristã foi efetuada em duas etapas. Servo de seu Pai, Cristo foi enviado, manifestou-se, morreu pelos pecados e ressuscitou. Desta forma, em princípio a salvação estava adquirida; faltava, numa segunda etapa, colocá-la ao alcance dos homens: Deus o realiza pela missão e a mensagem dos apóstolos. Uma vez que se trata do pensamento de Paulo, não compreenderemos bem esta segunda etapa, senão à luz da vocação daquele a quem damos o nome de Apóstolo dos gentios.⁵⁸

O que corrobora Bruteau, para quem “as imagens mais antigas do Jesus histórico e seus ensinamentos passaram em muitos casos pelo filtro da interpretação de Paulo sobre o significado de Cristo (e, portanto, também pelas lentes das interpretações que outros fizeram das interpretações de Paulo)”.⁵⁹

Neste sentido Becker, ao prelecionar: “Sua missão entre os gentios, significa que Deus confiou a ele o anúncio do evangelho, como um bem que deve se administrar fielmente sem esperar recompensa [...]. Esta tarefa pesa-lhe sobre os ombros como uma obrigação”.⁶⁰

Para Shelley:

As raízes do cristianismo remontam à história judaica muito antes do nascimento de Jesus Cristo. Foi Jesus de Nazaré, entretanto, quem condenou as ideias do judaísmo estabelecido e trouxe um movimento de

⁵⁵ SOUZA, Marcelo Serafim de. Paulo: cristologia, pneumatologia e teologia antioquena. **Anais eletrônicos do VI Simpósio Cristianismo e Interpretações** / ISSN 2595-6345. Recife: Unicap, 2020. p. 79.

⁵⁶ CERFAUX, 2012. p. 22.

⁵⁷ CERFAUX, 2012. p. 22.

⁵⁸ CERFAUX, 2012. p. 39.

⁵⁹ BRUTEAU, Beatrice. **Jesus segundo o judaísmo**: Rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito de um antigo irmão. São Paulo: Paulus, 2014. p. 26.

⁶⁰ BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. Tradução Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã, 2020. p. 114.

renovação à luz da história no início do primeiro século. Após sua crucificação sob o domínio de Pôncio Pilatos, um oficial romano, os ensinamentos de Jesus espalharam-se por toda a região mediterrânea. Um apóstolo chamado Paulo foi especialmente influente. Ele enfatizou o dom divino de salvação para todos os homens e, assim, conduziu o cristianismo, cujo surgimento se deu em meio ao judaísmo palestino, a uma posição de religião.⁶¹ (grifos acrescentados)

Segundo Fabris, *apud* Zibordi, “Paulo é a única personagem da primeira geração cristã que entra com pleno direito na galeria de fundadores de movimentos religiosos”.⁶² Em uma exaustiva leitura do relato lucano, em Atos, bem como de suas cartas, pode-se inserir na história da Igreja dos primórdios da Fé Cristã, Paulo como um grande pregador itinerante ao seu tempo.⁶³ Saulo de Tarso começou a pregar o evangelho em Damasco, mas sua carreira como pregador itinerante teve início, de fato, em sua primeira viagem missionária. A confirmação de seu chamado deu-se na igreja de Antioquia da Síria (At 13.1⁶⁴), comunidade gentílico-helenista, onde Paulo viveu como um judeu entre gentios.⁶⁵

Quanto ao seu nascimento, tem-se que este se deu por volta dos anos 5-10 d.C., em Tarso na Cilícia. Seu duplo nome “Saulo-Paulo” denota sua pertença à diáspora judaica. Pelo fato de sua família possuir a cidadania de Tarso, Paulo desde seu nascimento herda uma importante condição social, muito privilegiada e cobiçada à época, qual seja, a cidadania romana.⁶⁶ Cumpre ressaltar que, a data aproximada de seu nascimento, se deve ao fato de que, na metade dos anos 30 d.C., “um jovem chamado Saulo”, conforme o relato lucano, é o responsável de guardar os mantos daqueles que apedrejaram Estevão. O termo utilizado por Lucas no original (At 7.58) *νεανίας* (gr. *neanías*), refere-se a uma pessoa jovem. Sendo que o termo “jovem”, nos escritos helenistas é reservado a pessoa de idade compreendida entre o interregno de vinte e quatro e quarenta anos de idade.⁶⁷

Na carta a Filemon (v.9), escrita por Paulo em meados dos anos 50 d.C., o apóstolo dos gentios se apresenta como *πρεσβυτες* (*presbyteres* = gr. ancião), termo

⁶¹ SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Trad. Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 17.

⁶² FABRIS, 2010 *apud* ZIBORDI, Ciro Sanches. **Paulo**: O príncipe dos pregadores. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. p. 20.

⁶³ ZIBORDI, 2019. p. 25.

⁶⁴ ZIBORDI, 2019. p. 26.

⁶⁵ SEGAL, 2010. p. 29.

⁶⁶ FABRIS, 2001. p. 43.

⁶⁷ FABRIS, 2001. p. 18.

designado a pessoas que à época possuíam entre cinquenta e sessenta anos de idade. Portanto, se Paulo em meados dos anos 30 d.C., é ainda jovem (mais ou menos 25/30 anos), podemos então levantar a hipótese de que ele tenha nascido na primeira década da era cristã, entre 5 e 10 d.C.⁶⁸

Cumprir destacar que, até sua morte por decapitação em Roma durante o governo de Nero em 67 d.C.⁶⁹, sua vida coincidiu com o reinado de cinco imperadores sucessivos: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Nascido em Tarso, no Oriente, morre em Roma, no Ocidente.⁷⁰

A cidade natal de Paulo na diáspora, Tarso, era uma cidade a frente do seu tempo, cosmopolita, bem como uma cidade de negócios, voltada à política. Seu helenismo era visível em sua filosofia e cultura.⁷¹ Essa multiculturalidade cosmopolita de Tarso, indubitavelmente contribuiu para a familiaridade de Paulo, com a retórica grega. Bem como o judaísmo da diáspora, o aproximou do misticismo judaico junto ao apocalipticismo⁷², que lhe era peculiar.⁷³ O que é corroborado pelos estudiosos das canônicas cartas paulinas aos Coríntios, ao inserirem a linguagem de Paulo no apocalipticismo.⁷⁴

Desse modo, o ministério apostólico paulino é marcado por milagres, êxtase, curas, contatos com anjos e com Deus, bem como expectativa do fim dos tempos. Todos estes aspectos de seu ministério são condições relevantes, para se compreender Paulo.⁷⁵ Suas experiências místicas envolvem a revelação de segredos do mundo divino.⁷⁶ Corroborando o exposto supra, Segal, preleciona que, “as cartas de Paulo registram o pensamento de um fariseu que se converteu a uma

⁶⁸ FABRIS, 2001. p. 18.

⁶⁹ CONEGERO, Daniel. **Como Morreram os Apóstolos de Jesus?** Disponível em: <https://estiloadoracao.com/como-morreram-os-apostolos/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

⁷⁰ REYNIER, 2012. p. 23.

⁷¹ WRIGHT Nicholas Thomas. **Paulo: uma biografia**. Trad. Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 19.

⁷² CONFORME Silva, “reputado como repleto de antigas mitologias cósmicas e interpretado como corrente religiosa, assunto de seitas e comunidades místicas no judaísmo pós-exílico, o apocalipticismo pode ser visto [...] como sistema de pensamento, de diversos símbolos, uma simples ideologia, um movimento apocalíptico (religioso-cultural) em um lugar próprio de uma comunidade oprimida e necessitada de esperança que “codifica sua identidade e interpretação da realidade. (SILVA, Ângelo Vieira da. *A literatura apocalíptica e o livro dos vigilantes: o problema do mal no livro etíope de Enoque*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Unida de Vitória, 2013).

⁷³ SEGAL, 2010. p. 12.

⁷⁴ ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 150.

⁷⁵ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 7.

⁷⁶ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 35.

forma nova, apocalíptica, mística – e para muitos dos seus contemporâneos – suspeitosamente herética de judaísmo”.⁷⁷

Retornando a cidade natal de Paulo, Tarso, convém ressaltar que, esta também possuía uma próspera indústria têxtil, que servia inclusive para a feitura de alojamentos. Bem pode ser que surgiu daí, a profissão de Saulo e sua família, em fazer tendas.⁷⁸ Todo este burburinho cultural, aliado a vida cosmopolita de Tarso⁷⁹, aterrando-a no solo mais amplo da cultura greco-romana⁸⁰ favoreceu para o aumento significativo populacional da cidade.⁸¹

Porém, apesar de Paulo ter nascido em Tarso, é em Jerusalém que sua formação educacional/religiosa se dará. E isso, até sua experiência de conversão na estrada de Damasco, também relatada por Lucas (At 9).⁸² Esta múltipla ambientação cultural de Paulo, o torna, na dicção de Reinke, “um personagem bíblico possivelmente híbrido[...]”.⁸³

Apesar de Saulo (Sha’ul = Saul) haver nascido em família de tradição judaica, crescido ao contato das Escrituras hebraicas, a cultura helênica da diáspora o influenciou sobremaneira. Ao ter contato com o Cristo ressurreto, converte-se e formula a partir de então sua própria interpretação da nova fé. A partir daí, mais tarde se tornaria Apóstolo dos gentios, sendo conhecido mais pelo seu segundo nome, pois assim se identifica no mundo helênico e diante das diversas comunidades de fé que fundou.⁸⁴

Nascido na diáspora judaica, o jovem Paulo, perseguidor dos primeiros cristãos, possuía um segundo nome de matriz judaica, Sha’ul (= Saul), conquanto, em suas cartas ele se apresenta sempre com o nome greco-romano Παύλος (Páulos).⁸⁵ Ao privilegiar o uso do nome greco-romano, Paulo demonstra a frequente utilização da cidadania romana, que lhe abriria as portas da pregação do Evangelho, em terras gentílicas, em que prevalecia a cultura greco-romana.⁸⁶

⁷⁷ SEGAL, 2010. p.13.

⁷⁸ WRIGHT, 2018. p. 19.

⁷⁹ WRIGHT, 2018. p. 21.

⁸⁰ WRIGHT, 2018. p. 18.

⁸¹ WRIGHT, 2018. p. 21.

⁸² FABRIS, 2001. p. 53.

⁸³ REINKE, André Daniel. **Aqueles da Bíblia: História fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021. p. 57.

⁸⁴ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 4.

⁸⁵ FABRIS, 2001. p. 40.

⁸⁶ FABRIS, 2001. p. 41.

Tal fato coincide com os avanços arqueológicos que, encontraram uma inscrição do procônsul de Atos dos Apóstolos, Sérgio Paulo, em Antioquia da Pisídia. Por conta disso, há aqueles que defendem, decorrer dessa descoberta, uma suposição: Saulo teria adotado o nome latino “Paulus” em Pafos, por influência desse procônsul”.⁸⁷ O nome judeu Saulo, somente aludido pelos Atos dos Apóstolos, pode ser uma referência ao também benjamita e, primeiro rei de Israel. Os judeus da diáspora utilizavam ao lado do nome semítico costumeiramente um segundo nome romano-helenístico, com idêntica acústica. Exemplo, Silas e Silvano. Por conta disso, acredita-se que no mundo helênico, Paulo utiliza o seu segundo nome.⁸⁸

Conforme Cerfaux, o pensamento de Paulo formou-se no farisaísmo⁸⁹, a exemplo de seu progenitor, pois infere-se, Paulo descender de uma linhagem farisaica (At 23.6). Por conseguinte, o judaísmo moldou sua inicial teologia, que supedaneou sua posterior cristologia.⁹⁰ Infere-se indubitavelmente que, sua raiz farisaica, o tornou irrepreensível, quanto à justiça que há na lei (Fl 3.5; At 22.3; 26.5-6). Destarte, para Paulo, tais observâncias legais, significa “andar nos caminhos de Yahweh” (Dt 26.17), herança de sua subserviência aos 613 preceitos reconhecidos pela classe farisaica. Seu engajamento a tal desiderato advinha de seu apego à lei mosaica, com vistas a torná-lo justo diante de Deus e dos homens.⁹¹

Jerusalém, portanto, tornou-se o centro balizador da teologia de Paulo, assim como Antioquia da Síria, o foi de sua cristologia. Por conta disso, a partir do capítulo 13 de Atos, Lucas muda completamente o enfoque de seu livro, deixando os apóstolos de Jerusalém de lado, para fazer de Paulo o seu protagonista. Conforme Willians *apud* Zibordi, “até aqui, Jerusalém e a Judeia têm sido o cenário das atividades dos crentes, sendo Pedro o personagem proeminente. Agora, todavia, muda-se a base de operações [...] para a Antioquia da Síria, e Paulo torna-se o centro da atenção”.⁹² Conseqüentemente, doravante, não mais Jerusalém, que

⁸⁷ ZIBORDI, 2019. p. 40.

⁸⁸ BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. Tradução Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã, 2007. p. 63.

⁸⁹ CONFORME Neto, “não se pode pensar a origem dos fariseus sem antes refletir sobre o retorno dos judeus do exílio da Babilônia, pois a hipótese mais plausível sobre as origens dos fariseus é a que coloca o retorno do sacerdote Esdras do exílio da Babilônia como o ponto de partida da história do farisaísmo”. (NETO, Diácono Manoel F. de Miranda. **Os fariseus e sua contribuição teológica para o judaísmo e o cristianismo**. Revista de Cultura Teológica. V.12. nº 47. abr/jun 2004. p.138).

⁹⁰ CERFAUX, 2003. p. 22.

⁹¹ REYNIER. 2012. p. 31.

⁹² WILLIANS, 1996 *apud* ZIBORDI, 2019. p. 22.

gradualmente perdeu sua proeminência, ainda que figurasse como um local de importância singular, mas, Antioquia da Síria passa a figurar como o principal centro difusor do evangelho, contando conforme o relato lucano em At 13, com quatro profetas, bem como mestres e, neste meio, encontra-se Paulo, proeminente pegador itinerante.⁹³

Devido à grande importância do ministério apostólico de Paulo, torna-se impossível dissociar Paulo do cristianismo do primeiro século, coadunado à sua relevante contribuição para este. Sua história de vida pós-conversão, se confunde com a expansão da igreja no mundo greco-romano, tornando-o uma das personagens mais marcantes do mundo cristão à sua época; o que faz do seu ministério um divisor de águas, na igreja do primeiro século.⁹⁴ E, isso somente foi possível, pois, para Machado, “autores como Herman Gunkel, Wilhelm Bousset, Adolf Deissmann e Albert Schweitzer...enfazaram a experiência religiosa de Paulo e seu misticismo caracterizado pela centralidade do “estar em Cristo”.⁹⁵

Quanto à influência da teologia paulina, Schnelle aduz que esta “[...] é nada mais que uma explicitação do querigma da comunidade de Antioquia”.⁹⁶ Contudo, torna-se difícil prever, entre o interregno temporal compreendido desde a conversão no caminho de Damasco e sua estada em Antioquia, junto a seu mentor Barnabé, à sua chamada ministerial, na mesma comunidade⁹⁷, que este se tornaria um grande apóstolo à seu tempo. Suas inúmeras viagens pelo mundo gentílico, dispostas em suas três grandes viagens missionárias, tiveram como inicial objetivo “anunciar o Cristo ressuscitado”, com vistas a congregar todos quantos açambarcassem esta verdade teológica.⁹⁸

Desse modo, revelava-se total e completamente insuspeito, o fato de que Paulo sairia da comunidade gentílica de Antioquia, rumo a missões transculturais e

⁹³ ZIBORDI, 2019. p. 22.

⁹⁴ CERFAUX, 2003. p. 27.

⁹⁵ MACHADO, Jonas. **O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo**: um novo olhar nas Cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa. São Paulo: Paulus, 2009. p. 14.

⁹⁶ SCHNELLE, Udo. **Paulo**: vida e pensamento. Tradução: Monika Ottermann. Santo André/SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 136.

⁹⁷ ATOS 13.2: E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.

⁹⁸ REYNIER, 2012. p. 61.

alcançaria com a mensagem do Evangelho, boa parte do mundo conhecido de então.⁹⁹

Por conta disso, Paulo recebe a alcunha de “apóstolo dos gentios” pela tradição da Igreja. Há que se consignar também o fato de Paulo se expressar perfeitamente bem na língua grega, motivo dente outros, que levou-o a dedicar seu ministério voltado em específico à comunidade helênica. Pode-se, portanto, afirmar que, Paulo foi grego com os gregos, assim como foi judeu para com os judeus. Judeu ou grego, sua cidadania era a celestial, conforme ele nos revela em Fl 3.20. Fato que o libertava de toda sujeição humana (1Co 9.20-23).¹⁰⁰

Como verdadeiro apóstolo aos gentios, o grego é para Paulo uma língua materna, ainda que falasse bem o aramaico, como língua do cotidiano do povo judeu, especialmente em Jerusalém, bem como o hebraico, língua para fins cúlticos do seu povo. Bem como, ainda que adotasse a Septuaginta, como Sagradas Escrituras, ao empregar certos recursos da exegese rabínica.¹⁰¹ Contudo, ainda que conhecesse bem o hebraico e o aramaico, falados à época e Israel, mas seu idioma cotidiano era o grego.¹⁰²

Conseqüentemente, pode-se asseguradamente afirmar que, Paulo pertence ao judaísmo helenizado¹⁰³, possuidor de tato e firmeza gregos. Diferentemente de muitos à sua época, Paulo sabe se portar como homem culto, fruto de sua primária instrução secular. Sua melhor definição é: um judeu helenizado, que não se deixou, contudo, influenciar pelo pensamento grego ao seu tempo.¹⁰⁴

Cumprir mencionar que, Paulo relata em 2Cor 11.23-27, os sofrimentos e percalços sofridos na vigência de seu ministério. Bem como o versículo 28 demonstra-nos o zelo pastoral que permeava seu ser. Contudo, no versículo 12 do capítulo 4 de sua Carta aos Filipenses, vislumbra-se que sua vida em Cristo (Fl 1.21), o levou a jamais permitir que sua alma amargurasse, com tais intempéries,

⁹⁹ BECKER, 2007. p. 138.

¹⁰⁰ CERFAUX, 2003. p. 32.

¹⁰¹ CERFAUX, 2003. p. 31.

¹⁰² VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 5.

¹⁰³ QUANTO ao judaísmo helenizado, tem-se nos dizeres de Izidoro, que: “no que se refere ao helenismo, abre-se um novo período na história do judaísmo, isto é, a “helenização” que antecede a Antioco IV Epifânio (175-164 a.C.). “A história helenista veio a ser uma história universal. Esse foi um esquema que penetrou no judaísmo. O estabelecimento de uma era universalmente válida. Uma universalidade aceitável, datando de eventos que transcenderão aos sistemas locais””. (IZIDORO, José Luiz. **O problema da identidade no cristianismo primitivo**: interação, conflitos e desafios. Oracula, São Bernardo do Campo, 4.7. ISSN 1807-8222, 2008. p.60).

¹⁰⁴ CERFAUX, 2003. p. 30.

fazendo de Paulo um bandeirante nato do cristianismo, bem como um dos seus mais ilustres expoente. Pregando em quaisquer circunstâncias vivenciadas, tanto em fartura, quanto em escassez, enfrentando frio e fome, tempestades e naufrágios, por amor ao evangelho, conforme relato da escola paulina em Ef 3.1; o que faz seu exemplo de vida nos legado, ser inspiração para pessoas de todas as épocas ao redor do mundo.¹⁰⁵

Nesse sentido Fabris, para quem “a personalidade humana de Paulo [...] é marcada por um grande dinamismo vital. Quando ele acena para alguma crise de angústia, ligada com as preocupações por suas Igrejas ou derivadas da ameaça à sua vida, é apenas para mostrar que a superou”.¹⁰⁶

Metz *apud* Barros demonstra existir quatro perguntas constitutivas de toda e qualquer teologia (e, comungamos da tese que a teologia do apóstolo Paulo, não é exceção), ao prelecionar: “Quem fala – como, onde, para quem, com que propósito [...]? Tais perguntas passam a ser perguntas constitutivas da teologia, que com ele é subordinada aos critérios da condição do sujeito: a práxis e a alteridade [...]”.¹⁰⁷

A teologia farisaica de Paulo nos revela o extremo zelo deste pela observância à Torah, circunscrita a tradição do judaísmo, o que levou Paulo em sua juventude a perseguir os cristãos, conforme se perquiri de Gl 1.13,14.¹⁰⁸ Nestes versículos perscruta-se que o apóstolo ao referir-se a esta fase de sua vida, o judaísmo para este à época era mais que simplesmente uma religião, mas, uma atividade desempenhada com severa aspereza e zelo, qual seja, a propagação e defesa do estilo de vida de seus ancestrais.¹⁰⁹ Ao falar de seu passado, não para se vangloriar, vislumbra-se que Paulo procurar demonstrar a transformação operada em sua vida por obra e graça divina.¹¹⁰ A educação obtida no farisaísmo, ao qual, Paulo aderiu, o levou a intransigir quanto à lei mosaica e os princípios lhe transmitidos em sua adolescência.

Conforme o relato lucano (At 9.19-28), o perseguidor tornou-se perseguido. Em Gálatas 1.13-23, Paulo é alcançado pela graça divina, mediante a conversão,

¹⁰⁵ LOPES, 2009. p. 6.

¹⁰⁶ FABRIS, 2001. p. 77.

¹⁰⁷ METZ *apud* BARROS, Douglas Ferreira. **Teologia Política**: disciplina de estudos e pesquisas acerca da relação entre religião, teologia e política. INTERAÇÕES: Belo Horizonte. v. 15, n. 01, jan./jun.2020. p. 34.

¹⁰⁸ REYNIER, 2012. p. 31.

¹⁰⁹ WRIGHT, 2018. p. 12

¹¹⁰ REYNIER, 2012. p. 32.

doravante levando uma vida de exemplo ao refletir como um espelho a glória do Senhor (2Cor 3.18). Passando a figurar como um caso exemplar de salvação pela misericórdia de Deus.¹¹¹ Não sem motivo, aquele que no relato lucano, entrava nas casas, arrastando homens e mulheres para a prisão (At 8.1-3), objetivando a apostasia dos primeiros cristãos mediante torturas, tendo até por objetivo a morte destes, havendo solicitado autorização escrita para o sumo sacerdote (9.1, 13s, 21), para, nas sinagogas de Damasco, inspirar “ameaças de morte contra prolapados cristãos”, ao converter-se ao cristianismo, passa de perseguidor a perseguido.¹¹²

Em sua juventude, opor-se aos cristãos, persegui-los, significava salvar a glória de Deus, único merecedor de adoração como Deus uno. Por conta disso, para Paulo não havia à esta época outro caminho que conduzisse o homem a Deus; e todo e qualquer que surgisse, a pronta resposta opositiva era a alternativa viável naquelas circunstâncias, para Paulo.¹¹³

Quanto a ter sido φαρισαίος (farisaíós = fariseu), Paulo refere-se ao modo zeloso e criterioso de interpretar e viver a Torah.¹¹⁴ Perante o rei Agripa, Paulo assim iniciou sua defesa: “Todos os judeus sabem, como foi a minha vida desde a minha juventude, no meio do meu povo e em Jerusalém, desde o início. Eles me conhecem de longa data e, se quiserem podem testemunhar que vivi como fariseu, conforme a seita mais rígida da nossa religião” (At 26.4-5).¹¹⁵ E isto se deveu, em parte, a sua rígida formação em Jerusalém aos pés de Gamaliel (At 22.3), onde se deduz que, Paulo aprendeu a recitar o Shemá desde a sua juventude, duas vezes por dia: “Escuta, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4).¹¹⁶

Para Zibordi, além de Atos dos Apóstolos e das cartas paulinas, há um *corpus* de escritos que possibilita a reconstrução dos principais traços da vida e personalidade paulina, bem como de sua atuação como apóstolo, com destaque especial para as tradições preservadas por clemente de Roma (35-97 d.C.), além de livros apócrifos.¹¹⁷ Aliás, importante se faz mencionar que, a cristologia, a teologia paulina, etc., são sensivelmente moldadas, a partir de sua experiência pessoal e

¹¹¹ BECKER, 2007. p. 94.

¹¹² BECKER, 2007. p. 95.

¹¹³ REYNIER, 2012. p. 33.

¹¹⁴ FABRIS, 2001. p. 51.

¹¹⁵ FABRIS, 2001. p. 51.

¹¹⁶ DUNN, James D.G. **A Teologia do apóstolo Paulo**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. p. 59.

¹¹⁷ ZIBORDI, 2019. p. 20.

religiosa.¹¹⁸ E “a experiência paulina com Jesus Cristo se inicia com a sua vocação”, complementa Becker.¹¹⁹ Haja vista, a experiência com o Cristo glorificado, quando do caminho de Damasco (At 9;22;26), modificou radicalmente seu modo de vida e de conduta, e ainda sensivelmente sua teologia. Por conta disso, vislumbra-se em Bultmann que, “quando [Paulo] aponta para Cristo como modelo, ele não pensa no Jesus histórico, e sim no preexistente (Fp 2.5ss; 2Cor 8.9; Rm 15.3).¹²⁰

Em síntese, ainda que os fariseus, que formavam a classe espiritual dominante de Israel, à qual Paulo pertenceu, tivesse posicionamento diverso sobre sua espiritualidade, contudo, importante mencionar: “Deus era a rocha e o fundamento da teologia de Paulo”. A convicção de Paulo em Deus nos é tangenciável pelas inúmeras referências em seus escritos acerca de Deus e sua fé nele.¹²¹ Portanto, Deus é o pressuposto fundamental da teologia de Paulo. E isso ficará demonstrado na frequência de que o nome próprio “Deus” aparece em seus escritos, não menos que 548 vezes, 153 vezes apenas na Epístola aos Romanos.¹²² Para Schreiner, “Deus em Cristo é o fundamento da teologia paulina”.¹²³ “Na mente do apóstolo, finaliza Schreiner, a centralidade de Cristo e a centralidade de Deus fazem parte de um mesmo todo”.¹²⁴ Por conta disso, indubitavelmente, pode-se afirmar que o caráter axiomático da fé de Paulo era sua convicção herdada em Deus e sua unicidade. E isto, o manteve inabalável diante do politeísmo característico do mundo greco-romano. Sua teologia de Deus não era especulação absoluta, mas formada e supedaneada pela sua própria experiência na conversão. E esta experiência singular em sua vida tornará persuasivo seu discurso sobre Deus.¹²⁵

2.1.2 Cartas Paulinas

Ao adentrarmos na questão atinente às cartas paulinas, convém destacar que, sua obsequiosa aceitação nas recém fundadas comunidades de fé, se deveu

¹¹⁸ SEGAL, 2010. p. 28.

¹¹⁹ BECKER, 2020. p. 175.

¹²⁰ BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Ilson Kayser. Santo André/SP: Academia Cristã, 2008. p. 244.

¹²¹ DUNN, 2003. p. 80

¹²² DUNN, 2003. p. 55

¹²³ SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo: O apóstolo da glória de Deus em Cristo**. Trad. A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 19.

¹²⁴ SCHREINER, 2015. p. 20.

¹²⁵ DUNN, 2003. p. 80

por diversos fatores. Dentre estes fatores, pode-se citar a tradição da massiva circulação de correspondências ao tempo de Paulo. Muitas destas, pode-se dizer, foram transformadas em livros, conforme preleciona Marguerat, ao reverberar que:

[...] A antiguidade conhecia o gênero literário de coleção de cartas: as cartas de Platão, de Epicuro, de Isócrates ou de Demóstenes foram editadas como livros, e autores como Cícero, Sêneca ou Plínio publicaram eles mesmo sua correspondência. Dessa maneira, mesmo curtas mensagens são conservadas e postas à disposição do público.¹²⁶

As cartas de Paulo à igreja de Corinto são tidas como Sagradas Escrituras, havendo sido aceitas para fazer parte, portanto, do cânon no Novo Testamento. Diversos problemas surgidos no seio da igreja de Corinto, principalmente debatidos por Paulo em sua Primeira Carta àquela igreja, de cunho ortodoxo, bem como de ordem prática e litúrgica, deram causa ao apóstolo dos gentios, em responder à altura, as questões que se lhe apresentaram. Empaticamente Paulo defendeu os valores do evangelho, atinente aos princípios e doutrinas bíblicas. Esta defesa propiciou que referidas cartas, chegassem aos nossos dias como a inspirada Palavra de Deus.¹²⁷

A primeira Carta aos Coríntios pode ser definida como um manual de ética evangélica, conforme a dicção de Marguerat. Através desta carta, Paulo responde a dúvidas e questões da incipiente igreja, bem como contra-ataca “ensinos desviantes”, que poderiam colocar a perder todo seu labor missionário, quando da fundação da igreja.

[...] a primeira epístola aos Coríntios se apresenta, em sua versão canônica, como um manual de ética evangélica. O contexto de comunicação estabelecido pelo apóstolo é, com efeito, paradoxal: a carta é, em primeiro lugar, enviada a Corinto; responde a questões precisas dos coríntios [...] e reage a problemas particulares surgidos em Corinto [...], ao mesmo tempo, entretanto, Paulo a destina ao conjunto da cristandade.¹²⁸

As cartas apostólicas perfazem quase a totalidade dos livros que compõe o Novo Testamento, haja vista, dos vinte e sete livros neotestamentários, vinte e um são cartas. Destas podemos destacar, por exemplo, as cartas pessoais íntimas, a epístola a Filemon. Cartas que possuíam determinado destinatário, mas, ao final se

¹²⁶ MARGUERAT, 2015. p. 241.

¹²⁷ CALVINO, João. **1 Coríntios – Série Comentários Bíblicos**. Tradução: Rev. Valter Graciano Martins. São José dos Campos/SP. Ed. Fiel, 2004. p. 9.

¹²⁸ MARGUERAT, 2015. p. 233.

dirigiram a um grande círculo de leitores, como é o caso das Cartas ao Romanos, aos Coríntios, aos Gálatas, aos Hebreus, etc.¹²⁹

Para Elliot, Cristo como centro gravitacional da teologia paulina, propiciou-lhe suficiente subsídio para a escrita de suas cartas.

É impossível exagerar a importância da cruz de Jesus para Paulo. Seu encontro com Jesus como o crucificado não só gerou a revolução em sua convicção e ação que costumamos chamar sua “conversão”, mas também deu vigor a todo o seu empenho apostólico (de que suas cartas apenas representam pequena parte), pelo qual buscou organizar as vidas de suas comunidades cristãs lançando tudo no tremendo campo de gravitação da cruz.¹³⁰

Corroborando o exposto, Bruce destaca a importância das cartas paulinas no cânon do NT, ao preconizar que, “o Novo Testamento nos apresenta os documentos fundamentais da nossa fé e, entre esses documentos, as cartas de Paulo têm interesse e importância singulares”.¹³¹

Won discorrendo sobre o apóstolo Paulo e a importância de suas cartas, assim preleciona:

Paulo, uma pessoa cosmopolita e versada em várias línguas – pelo menos nas línguas de seu contexto, como hebraico e aramaico, e nas línguas de seu mundo, como o grego e o latim (cf. Filipenses 3:5; 1Coríntios 16:22; Gálatas 6:11) usou as cartas dentro da estrutura clássica a fim de se comunicar e pastorear as igrejas espalhadas pelo mundo mediterrâneo.¹³²

Para Dunn sobreleva impossível negligenciar o estudo da teologia de Paulo, esquecendo-se da influência dos escritos veterotestamentários na teologia paulina, haja vista:

Elas contêm tantas alusões a situações endereçadas, a formulações de outros cristãos anteriores, ao Antigo Testamento – ao menos como foi entendido em seu tempo -, que é impossível entrar na teologia de qualquer carta única sem levar em conta essas alusões e tentar se envolver com a urdidura e a trama das reações e interações que elas expressam [...] qualquer tentativa de entender uma carta de Paulo em seus próprios termos, desconsiderando essas alusões e a particularidade de seu contexto

¹²⁹ SCHELKLE, 1977. p. 117.

¹³⁰ ELLIOT, 1998. p. 127.

¹³¹ BRUCE, F.F. **Paulo e seus convertidos**: como o apóstolo cuidou das igrejas que plantou. Trad. Marcelo Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2020. p. 11.

¹³² WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 341.

histórico, seria difícil de entender a teologia da carta como a teologia de Paulo, que foi escrita com todas essas alusões vivas em sua mente.¹³³

Ainda em Dunn temos a indissociabilidade da teologia de Paulo de suas cartas. Sendo estas consideradas, o fio condutor que nos leva a sua teologia:

Não se pode esperar escrever uma teologia de Paulo a não ser ouvindo suas cartas como diálogo; escutando, por assim dizer, uma grande mente e espírito teológicos ao lidar com diversas situações e questões desafiadoras [...] em suas cartas vemos e somos privilegiados por ouvir a teologia em formação, a teologia vindo à tona, Paulo teologizando.¹³⁴

Quanto aos destinatários das cartas paulinas, conforme a dicção de Fee, estes eram majoritariamente formado por cristãos gentios: “Também é importante notarmos que as igrejas para as quais Paulo escrevia duas décadas depois da inauguração da era cristã eram, então, compostas majoritariamente de gentios, e não de judeus”.¹³⁵

Conforme Becker:

Paulo domina de início o estilo epistolar, quando, seguindo o formulário grego, subdivide o início em *superscriptio* (indicação do emitente), *adscriptio* (indicação dos destinatários) e *salutatio* (saudação em estilo formal), fazendo da *salutatio* uma oração gramatical propriamente dita ao modo judaico-oriental.¹³⁶

Paulo consegue coordenar, muito bem, a ordem de suas ideias, bem como tornar transparente a sua sucessão, sabendo utilizar, convenientemente, sinais textuais de subdivisão, e colocar uma questão no seu ponto exato, com boas formulações. Acrescenta-se a isso, que Paulo não se serve de um estilo linguístico qualquer, mas utiliza modelos de argumentação helenísticos, tais como o estilo da assim chamada diatribe.¹³⁷ Evidencia-se assim, a influência helenística de uma formação superior.¹³⁸

As cartas de Paulo foram preservadas por seus seguidores, que fizeram cópias e passaram a constituir este tesouro que chegou até nós desta forma. A

¹³³ DUNN, James D. G. **Teologia do Novo Testamento**: uma introdução. Trad. Karen Clavery Macedo e Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021. p. 35.

¹³⁴ DUNN, 2021. p.36

¹³⁵ FEE, 2019. p. 30.

¹³⁶ BECKER, 2007. p. 85.

¹³⁷ DIATRIBE: [...] gênero retórico que se constitui no mundo interior da personagem, “construído habitualmente em forma de diálogo com um interlocutor ausente, fato que lev[a] à dialogização do próprio processo de discurso e pensamento” (ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz; LOPONDO, Lílian. **Diálogo no limiar e diatribe**: mecanismos de construção da autoconsciência do sujeito. Bakhtiniana, São Paulo, 7 (2): 5-18, Jul./Dez. 2012).

¹³⁸ BECKER, 2007. p. 86.

cópia mais antiga deste conjunto, que se conservou até hoje, encontra-se num papiro datado de inícios do séc. III.¹³⁹

Não temos ciência sobre quem copiou suas cartas. Nem tampouco, quem as copiou, foi fiel ao original. Contudo, ainda assim, o acervo das cartas paulinas, constituem os documentos que mais nos revelam Paulo.¹⁴⁰

Contudo, nem todas as cartas atribuídas a Paulo, que levam seu nome no cabeçalho, foram ditadas pelo apóstolo, pois algumas foram compostas, posteriormente, por seguidores. Consideram-se sete como autênticas: I. Romanos (56-57 d.C.). II. 1 Coríntios (54-55 d.C.). III. 2 Coríntios (um conjunto de fragmentos de cartas diversas, escritas entre 55-56). IV. Gálatas (43-54 d.C.). V. Filipenses (55 d.C.). VI. 1 Tessalonicenses (51 d.C.). VII. Filemon (55 d.C.). As demais, embora com graus maiores ou menores de segurança, tendem a ser tomadas como produtos de seguidores de Paulo: I. 2 Tessalonicenses (70 d.C.). II. Colossenses (80 d.C.). III. Efésios (90-100 d.C.). IV. 1 Timóteo. V. 2 Timóteo. VI. Tito (essas três últimas datariam de inícios do séc. II).¹⁴¹ O que corrobora Bultmann, ao preconizar que: “como fontes para a teologia de Paulo devem servir somente as epístolas paulinas indubitavelmente autênticas: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses, Filemon”.¹⁴²

Para Arbiol, com vistas a se evitar a perda da memória da obra missionária efetuada por Paulo, coadunada a seus escritos, surgem às cartas pseudoepígrafas, que junto às cartas proto-paulinas, formam a totalidade do *corpus* de textos paulino.

As cartas originais de Paulo e as atribuídas a ele ou pseudoepígrafas formaram um *corpus* de textos que tiveram muita influência na construção do Ocidente e na tradição cristã. A formação desse conjunto de cartas [...] está na base da formação do cânone cristão [...] Quando o processo de criação do *corpus* paulino começa, já se haviam reunido as cartas originais de Paulo em sete cartas. Essa concentração local depois da morte de Paulo deu início à tendência de agrupar mais cartas, mesmo que tivessem sido dirigidas a outra cidade. A notícia mais antiga de um intercâmbio epistolar entre destinatários de diferentes cidades aparece em Cl 4,16: “Depois que esta carta tiver sido lida entre vós, fazei-a ler também na Igreja de Laodiceia. Lede vós também a que escrevi aos de Laodiceia”. Igualmente, em 2Ts 2,2.15; 3,17, os autores dizem conhecer outras cartas de Paulo, entre as que obviamente estaria 1Ts. Em ambos os casos, trata-se de cartas deuteropaulinas, escritas durante a segunda geração por discípulos de Paulo. Este dado aponta para uma primeira conclusão: parece que

¹³⁹ VASCONCELOS; FUNARI, 2014., p. 17.

¹⁴⁰ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 17.

¹⁴¹ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 17.

¹⁴² BULTMANN, 2008. p. 245.

depois da morte de Paulo, quando se corria o risco de perder sua memória, apresentou-se o intercâmbio de cartas entre assembleias e recopilação delas.¹⁴³

As cartas de Paulo transmitem-nos valiosas informações a seu respeito, bem como os primórdios da Igreja do primeiro século. Podemos afirmar que, indubitavelmente são fonte de riqueza espiritual a todos os que a elas têm acesso. Ademais, ainda que Paulo ditasse suas cartas a pessoas que lhes serviram de amanuenses (à exceção de alguma ou outra saudação de próprio punho, como por exemplo, Gálatas 6.11-18), tais como Timóteo, Lucas ou Tércio, o estilo literário de propaladas cartas, não deixam dúvidas, serem de Paulo.¹⁴⁴ A utilização de amanuenses por Paulo, se deveu ao fato de que, o material para escrita, em larga escala utilizado era o papiro e, escrever em suas folhas era um trabalho árduo, lento e muito difícil.¹⁴⁵

Como exímio observador do mundo a sua volta, Paulo deixava-se entrever pela cultura de sua época, ao reproduzir seu efeito em suas cartas, ao mencionar, por exemplo, a figura do atleta, bem como a corrida, ou a coroa recebida no combate (1Cor 9.24-27; Fl 3.12-14).¹⁴⁶

As cartas de Paulo refletem o cuidado pastoral deste, transmutado na angústia do apóstolo, de nem sempre fazer-se presente às comunidades de fé, por ele fundadas em suas viagens missionárias. O apóstolo sempre enviava um substituto, seja para confortar os membros desta, ou levar-lhes suas exortações pastorais. Este é o nascedouro de suas cartas.¹⁴⁷ As cartas de Paulo sobressaíram a quaisquer cartas emanadas de igual forma por outros pais primitivos da igreja e, isso, deveu-se ao fato da seriedade com que imprimia em suas cartas, bem como, a importância que dava a cada tema atinente a ortodoxia.¹⁴⁸ Suas cartas são resultado de profunda reflexão e extensa e salutar meditação, o que por vezes exigia esforço exegético de seus destinatários.¹⁴⁹

Duas Cartas aos Coríntios encontram-se inseridas no cânon neotestamentário. Contudo, acredita-se, existirem quatro cartas de Paulo aos

¹⁴³ ARBIOL, 2018. p.158ss.

¹⁴⁴ BRUCE, 2003. p. 12.

¹⁴⁵ SCHELKLE, 1977. p. 118.

¹⁴⁶ REYNIER, 2012. p. 27.

¹⁴⁷ SCHELKLE, 1977. p. 119.

¹⁴⁸ SCHELKLE, 1977. p. 120.

¹⁴⁹ SCHELKLE, 1977. p. 120.

Coríntios. Entretanto, boa parte do conteúdo das outras duas cartas, encontra-se dispostos nas duas cartas canonizadas.¹⁵⁰ Sobreleva mencionar que, a correspondência por cartas, de Paulo com as comunidades de fé por ele fundadas, são respostas às inquietações, indagações e distorções de cunho, mormente ortodoxo, inserto à referidas comunidades. E a preocupação de Paulo era voltada justamente, aos princípios basilares da fé cristã, que deveria ser pela comunidade açambarcada, conforme pensamento paulino.¹⁵¹ A isso se deve o fato de que Paulo, jamais se preocupou em criar livros de literatura, mas, sim, com as dificuldades vivenciadas pelas comunidades, voltava sua atenção a estas, buscando saná-las. Mencionadas cartas tornaram-se patrimônio da igreja ao longo dos séculos, justamente pelo seu elevado teor principiológico cristão, revelando-se fonte inexaurível de fé e teologia, descortinando a alma do grande pastor de almas, teólogo, homem de oração e devoção. Justamente por isso, encontram-se insertas no cânon neotestamentário.¹⁵² Quanto às cartas paulinas aos Coríntios, em uma leitura exauriente destas, vislumbra-se a absoluta certeza do Apóstolo naquilo que ele pregava, especialmente, a reflexão da ressurreição. Era o que se pode chamar de “conhecimento” que a revelação divina havia produzido em seu coração. Ao tratar de assuntos, principalmente da ortodoxia em suas cartas, perscruta-se, o Apóstolo não supedaneava sua teologia em conceitos humanistas, tampouco filosóficos, porém na revelação divina.

Deste entendimento, comunga Fabris, aduzindo que não outro, senão o próprio Deus Pai, revelou seu Filho, Jesus a Paulo.

O sujeito implícito desse processo de revelação é Deus, contraposto à função dos homens. Por isso, também o conteúdo do Evangelho paulino é a revelação de Jesus Cristo (Gl 1.12). A retomada dessa terminologia apocalíptica na frase autobiográfica do chamado dá a entender que a “revelação de Jesus Cristo” consiste no fato de que Deus revelou a Paulo “o seu Filho”.¹⁵³

Acerca da teologização de Paulo inserida em suas cartas, Dunn aduz que: “[...] é precisamente Paulo quem nos permite ver mais claramente o caráter da teologia do Novo Testamento como algo vivo e em movimento, pois ele é o autor de

¹⁵⁰ SCHELKLE, 1977. p. 120.

¹⁵¹ PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do evangelho**: Introdução estrutural às cartas de São Paulo. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 403.

¹⁵² SCHELKLE, 1977. p. 121.

¹⁵³ FABRIS, 2001. p. 145.

uma série de cartas que ainda temos”.¹⁵⁴ As cartas de Paulo, finaliza Dunn, nos mostram teologia em movimento, teologia viva, teologização.¹⁵⁵

Perfilhando idêntica senda, Bultmann vai além. Para referido teólogo, em Paulo, não apenas enxergamos o caráter da teologia do Novo Testamento como algo vivo e em movimento, contudo, antes disso, Paulo, torna-se efetivamente o fundador de uma teologia cristã.

A posição histórica de Paulo é caracterizada pelo fato de que ele, inserido no cristianismo helenista, elevou os temas teológicos que atuavam no querigma da comunidade helenista à clareza do pensamento teológico, trouxe à consciência e levou a uma resolução as perguntas ocultas no querigma helenista, e – na medida em que as fontes nos permitem um juízo – tornou-se o fundador de uma teologia cristã.¹⁵⁶

Para Marguerat, através da Primeira Carta aos Coríntios, vislumbramos a cristologia paulina (1Cor 15.12-28), ao interpretar a cruz de Cristo. Bem como sua antropologia. Ambas, identificáveis pelo arcabouço argumentativo da epístola, dominado pela consciência apocalíptica, escatológica e missionária de Paulo.¹⁵⁷

Contudo, importante mencionar que, há aqueles que pensam de modo diverso, como por exemplo, Morris, para quem, a essência do pensamento de Paulo, deve ter sido de período anterior às suas cartas:

Alguns estudiosos mostram o desenvolvimento havido no pensamento de Paulo das primeiras para as últimas cartas, mas essa busca provavelmente é em vão. As cartas procedem de um período de tempo relativamente curto, perto do fim da vida de Paulo. Paulo já era cristão e havia pregado durante dezessete anos ou mais antes de escrever a primeira das cartas que temos dele. A essência do seu pensamento deve ter sido formada bem antes de ele escrever suas cartas. As diferenças entre as cartas devem ser explicadas pelas circunstâncias diferentes do apóstolo e pelas diversas situações que as provocaram, e não por um suposto desenvolvimento em sua maneira de pensar.¹⁵⁸

Importante mencionar que, independentemente da teologia paulina haver sido formada em período anterior ou ainda que posterior, aos problemas de cunho ortodoxo encontrados nas comunidades por Paulo fundadas, suas cartas, majoritariamente a carta objeto do presente estudo (Primeira Carta aos Coríntios), são escritas para orientar as comunidades, diante de questões centrais da fé, com

¹⁵⁴ DUNN, 2021. p. 34.

¹⁵⁵ DUNN, 2021. p. 35.

¹⁵⁶ BULTMANN, 2008. p. 242.

¹⁵⁷ MARGUERAT, 2015. p. 242.

¹⁵⁸ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 26.

vistas a se manter a candura e inviolabilidade do Evangelho por Paulo pregado e combativamente defendido.¹⁵⁹ Não sem motivo, na Primeira Carta aos Coríntios, perquire-se desde o início desta, o cuidado pastoral de Paulo, para com aquela comunidade de fé. Sua teologia, portanto, é moldada a cada problema encontrado e por este enfrentado.¹⁶⁰

¹⁵⁹ MACARTHUR, John. **O evangelho segundo Paulo**: a essência das boas-novas. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 14.

¹⁶⁰ VASCONCELOS; FUNARI, 2014. p. 35.

3 A QUESTÃO DA NEGAÇÃO À RESSURREIÇÃO

A princípio, importante destacar que, após o apóstolo dos gentios tratar de diversos assuntos relevantes à comunidade de fé de Corinto, no capítulo 15 de 1ª Coríntios, este se propõe a defender não apenas a realidade pura e simples da ressurreição como um todo, mas ao fazê-lo, apologeticamente, Paulo defende a essência do evangelho. Haja vista, tratar-se a ressurreição de ponto nevrálgico, fundante e supedaneador da fé cristã, conforme a teologia paulina, pois, é através da ressurreição de Cristo, que se instaura o cristianismo, com todos os seus pilares e princípios.¹⁶¹ O que corrobora Cerfaux, para quem “a vida cristã foi inaugurada pelas aparições do Cristo ressuscitado”.¹⁶² Bem como Vermes, para quem, “a ressurreição, a reversão da morte, é apresentada pela cristandade como apogeu da benevolência divina, alcançada pela humanidade por Jesus.”¹⁶³ Senda trilhada por Queiroz, ao preconizar: “[...] certo é que falamos, vivemos, amamos, sonhamos, imaginamos, sofremos, pensamos e julgamos segundo o ensinamento judaico-cristão, moldado por mais de dois mil anos [...]”¹⁶⁴

Conforme Becker, “[...] entre a vocação e o mais antigo e importante texto de 1Cor 15, há um espaço de tempo de mais de vinte anos”.¹⁶⁵ Tempo suficiente para formar o amadurecimento de Paulo, tornando-o apto, a de modo combativo, apologeticamente refutar os argumentos em contrário à reflexão da ressurreição (15.1-58).¹⁶⁶ Para Cerfaux, “o fato de Paulo debater acerca dos problemas encontrados na Igreja de Corinto, em sua primeira epístola à esta igreja, a elevou ao status de Epístola mais construtiva para a vida da igreja e a moral cristã, dentre suas Epístolas”.¹⁶⁷

Conforme se perquire da perícopé inserida a partir do versículo 12 do capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios, na comunidade de fé de Corinto havia

¹⁶¹ RIBEIRO, Olavo J. A. **1º Coríntios**: Comentário Exegético. Kindle Direct Publishing. p. 30 (Obs: utilizamos aqui um e-book - *Kindle edition* -, portanto, as páginas podem variar).

¹⁶² CERFAUX, Lucien. **O Cristão na teologia de Paulo**. Tradução Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003. p. 223.

¹⁶³ VERMES, Geza. **Ressurreição**: História e mito. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 21.

¹⁶⁴ QUEIROZ, Paulo. **Ensaio**: Direito, política e religião. 3 ed. Salvador: Juspodivm, 2017. p. 58.

¹⁶⁵ BECKER, 2020. p. 98.

¹⁶⁶ CEBI. **Paulo e suas cartas**: Roteiros para Reflexão X. São Paulo: Paulus, 2000. p. 55

¹⁶⁷ CERFAUX, 2012. p. 63.

cristãos que negavam a ressurreição dos mortos.¹⁶⁸ A partir de então, de modo aguerrido o apóstolo dos gentios enfrenta os que negavam a ressurreição dos mortos. Importante mencionar que, apesar do fato de que nem todos a negassem, contudo, aqueles que o faziam, possuíam posição de destaque na comunidade, influenciando negativamente os demais. Pois, influenciados não pela seita dos saduceus¹⁶⁹, que não criam na sobrevivência da alma após a morte, nem tampouco, em castigos e recompensas no Hades¹⁷⁰, mas, pelo sofismo grego, achavam impossível a ressurreição de um corpo pútrido, embora, sustentassem a ideia grega da imortalidade da alma.¹⁷¹ E, isso devido ao apego aos princípios básicos de sua estrutura de crenças norteadas pela cultura grega.¹⁷² Até porque, conforme aduz Reynier, “em Atenas, a “ressurreição” é considerada uma deusa, em função do mundo cultural”.¹⁷³ “Apenas e tão somente isso”. O que corroboram Kreeft e Tacelli, ao prelecionarem que, “quando Paulo pregou o evangelho aos filósofos estóicos e epicureus em Atenas, eles acharam que o apóstolo estava falando de dois novos deuses, Jesus e *Anastasis* (vocábulo grego para ressurreição); [...] isso demonstra o quanto [...] aqueles filósofos eram confusos”.¹⁷⁴

Para o pensamento dualista ínsito ao ensino filosófico grego, tornava-se inconcebível o fato de que, a matéria ou a substância material, como a origem do mal, pudesse tornar a vida, por meio da ressurreição. Para estes, o espírito desencarnado do homem abandonava, cada parte da existência humana, em carne e osso, quando do evento morte, ao atravessar as esferas planetárias.¹⁷⁵

¹⁶⁸ PRIOR, David. **A Mensagem de 1 Coríntios**: A vida na igreja local. São Paulo: ABU, 1993. p. 274.

¹⁶⁹ CONFORME Scardelai, “[os] saduceus [...] compunham a classe aristocrática sacerdotal, os principais dirigentes políticos ligados ao Templo”. (SCARDELA, Donizete. **O escriba Esdras e o Judaísmo**: Um estudo sobre Esdras à luz da tradição. São Paulo: Paulus, 2012. p.72). (Obs.: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

¹⁷⁰ AITKEN, James K.; PAGET, James Carleton. **A tradição judaico-grega na antiguidade e no império bizantino**. Rio de Janeiro: Bvbooks, 2019. p. 18.

¹⁷¹ MORRIS, Leon. **1 Coríntios**: Introdução e Comentário. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo. Mundo Cristão, 1983. p. 168.

¹⁷² VANG, Preben. **1 Coríntios**. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2018. p. 206.

¹⁷³ REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2012. p. 74.

¹⁷⁴ KREEFT, Peter; TACELLI, Ronald K. **Manual de Defesa da Fé: Apologética Cristã – 100 Respostas para Questões Cruciais**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008. p. 273.

¹⁷⁵ GREATHOUSE, William M.; METZ, Donald S.; CARVER, Frank G. **Comentário Bíblico Beacon**: Romanos a 1 e 2 Coríntios. Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 356.

Hodge comunga deste pensamento ao prelecionar, “não é improvável que a filosofia oriental, que presumia que a matéria fosse a fonte e sede do mal, tivesse produzido um efeito na mente desses cétricos coríntios [...]”.¹⁷⁶

Por conta disso, Paulo então conclui pelo raciocínio lógico ao preconizar: “Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou” (v.16). E “[...] se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé” (v.14). Via de regra, a fé destes é inócua, desprovida de qualquer arcabouço, vazia, diante da negação da ressurreição que açambarcaram. Para Paulo não se trata de se negar algo simples e trivial do dia-a-dia, mas o âmago da fé, é severamente golpeado, para Paulo, pelos negadores à ressurreição, em questão. O que corrobora Bultmann, ao preconizar: “o mesmo se evidencia do próprio Paulo, para quem é óbvio que a *ανάστασις νεκρών* [ressurreição dos mortos] é um artigo central da fé cristã - se ela não existe, querigma e fé para nada servem (ICo 15.12-34)”.¹⁷⁷ Neste sentido, Agostinho de Hipona, ao afirmar que “crer na ressurreição do Senhor de entre os mortos [...] fortalece nossa fé com uma grande esperança”.¹⁷⁸

Para Lopes, “A ressurreição de Cristo é o maior milagre da História ou é o maior embuste [...] A cruz sem ressurreição é símbolo de fracasso e não de vitória”.¹⁷⁹

Para Hodge:

O argumento do apóstolo não sugere que os objetores tenham admitido a ressurreição de Cristo. Ele não está argumentando com eles, e sim contra eles. Seu objetivo é mostrar que as objeções deles à ressurreição provavam demais. Se provavam alguma coisa, provavam o que nenhum cristão poderia admitir – ou seja, que Cristo não ressuscitou dos mortos. Negar a ressurreição dos mortos envolve negar a ressurreição de Cristo.¹⁸⁰

Portanto, para Paulo, a ressurreição como um todo, particularmente a de Cristo é central para o evangelho. Referida negação contribuía, segundo Paulo, até mesmo para tornar vã a pregação do evangelho.¹⁸¹ Vislumbra-se então que, para Paulo, negar a ressurreição, não se trata de oposição meramente a sua pregação,

¹⁷⁶ HODGE, 2021. p. 336.

¹⁷⁷ BULTMANN, 2008. p. 123.

¹⁷⁸ AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: manual de exegese e formação cristã. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. p.54.

¹⁷⁹ LOPES, Hernandes Dias. **1 Coríntios**: como resolver conflitos na Igreja. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 273.

¹⁸⁰ HODGE, 2021. p. 346.

¹⁸¹ MORRIS, 1983. p. 168.

mas aniquilação da pedra angular da mensagem do evangelho, que possui a participação direta de Deus Pai em enviar seu Filho com uma missão específica (Jo 3.16), “não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele” (Jo 3.17). E nisso reside a essência do evangelho. Para Lauter, “o apóstolo Paulo fez questão [de] afirmar que a mensagem do Evangelho inclui a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo”.¹⁸² Ferreira *apud* Graeme, vai mais além, ao prelecionar que, “se algo não é o que Deus fez em e através do Jesus histórico dois mil anos atrás, então não é o evangelho”.¹⁸³

Para Souza, a insistência dos primeiros cristãos em enfatizar a ressurreição de Cristo, revela que à época nem todos aceitavam a pregação da doutrina da ressurreição, consequentemente colocando em xeque parte essencial da fé cristã.

Não é de admirar que nem todos aceitassem a pregação da doutrina da ressurreição proclamada pelos discípulos. O fato de eles realçarem tanto esse tema em seus discursos nos mostra que a ressurreição ainda não era aceita por todos e que precisava estar sempre enfatizando essa nova doutrina, que era parte essencial da fé cristã.¹⁸⁴

A inocuidade da fé cristã é visível nos dizeres de Queiruga, ao se negar a ressurreição:

“E se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento também é a vossa fé” (1Cor 15.14). A evocação destas palavras tenciona, logo de entrada, colocar diante da reflexão a suma gravidade e transcendência do tema que se pretende abordar. Trata-se de uma questão central, de uma verdade nuclear, que afeta o cerne da oferta cristã de sentido. Por isso, desde sempre, tocar o tema da ressurreição equivale a pôr o pé reflexivo em terreno sagrado... A advertência paulina continua ressoando cada vez que uma proposta teológica procura abrir os moldes do já estabelecido: “Como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos?” (v.12)¹⁸⁵

Perscruta-se, destarte, que, o binômio morte-ressurreição de Cristo é fundamental ao evangelho. Nesse mesmo sentido, trilha Lopes, para quem:

¹⁸² LAUTER, Gabriel Giroto. A historicidade da ressurreição: um estudo exegético de 1 coríntios 15.1-11. **Revista Batista Pioneira**. v. 5, n. 2, dezembro/2016. p. 227.

¹⁸³ FERREIRA, Franklin *apud* GRAEME, Goldsworthy. **Pregando toda a Bíblia como a escritura cristã: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva**. Trad.. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos/SP: Fiel, 2013. p. 11.

¹⁸⁴ SOUZA, Tiago Dias de. **Do outro lado da vida: a apologia paulina da ressurreição em 1 Coríntios 15**. São Leopoldo/RS: Oikos, 2016. p. 42.

¹⁸⁵ QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura**. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares, Anoar Jarbas Provenzi. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 21.

...O evangelho centraliza-se na morte de Cristo. Na capital da filosofia, Paulo decide pregar a mensagem da cruz de Cristo. A morte de Cristo não é uma doutrina periférica do cristianismo, mas sua própria essência. A cruz não é um apêndice, ela é o núcleo, o centro, o eixo, e a essência do cristianismo. A morte substitutiva de Cristo na cruz é o ponto central e culminante do evangelho. Não há outro evangelho a ser pregado a não ser “Jesus Cristo e este crucificado”.¹⁸⁶

3.1 A PROBLEMÁTICA DA NEGAÇÃO A RESSURREIÇÃO

“A compreensão da ressurreição é central para a fé cristã”, nos dizeres de Panasiewicz e Reis.¹⁸⁷ Já Kistemaker argumenta que, coadunado à doutrina da igreja em sua relação com o culto e a vida, encontra-se inserida a reflexão e ensino da ressurreição na teologia Paulina.¹⁸⁸ Cerfaux, enxerga uma entrelaçada interdependência e mutualidade, entre a Igreja primitiva e a teologia paulina, ao prelecionar que, “a teologia paulina se apoia sobre a fé da Igreja primitiva”.¹⁸⁹ Destarte, ressurreição e fé encontram umbilicalmente interligadas em um tênue liame.

Toda e qualquer tentativa de dissociar referido liame significa retirar a essência do evangelho. Nisto residiu e consistiu a apologia de Paulo a defesa da ressurreição. Inobstante o apóstolo Paulo em sua trajetória apostólica haver encontrado ferrenha oposição de seus patrícios, especificamente em diversas cidades gentílicas por onde passou; que colocavam em xeque a messianidade de Cristo. Contudo, insta frisar, suas maiores batalhas teológicas foram travadas *intra ecclesia*, ou seja, no seio da igreja, sobretudo patrocinadas por cristãos judeus.¹⁹⁰

São João Crisóstomo, um dos Pais da Igreja, afirma o zelo empregado pelo Apóstolo Paulo, quando do enfrentamento à negativa da ressurreição por parte da comunidade de fé de Corinto:

Tendo terminado o discurso sobre os dons espirituais, o Apóstolo vai ao mais necessário, a saber, o problema da ressurreição. Neste ponto eles estavam gravemente falhos. E como relativamente ao corpo, quando a febre atinge as partes firmes, isto é, os nervos, as veias e as partes vitais, o mal é irremediável, a não ser que o doente receba muito tratamento, havia perigo de acontecer o mesmo no presente caso. O mal atacava as partes

¹⁸⁶ LOPES, 2008. p. 31.

¹⁸⁷ PANASIEWICZ, Roberlei; REIS, Miracy Monteiro Melo. **Ressurreição e fé cristã: uma leitura a partir da compreensão de Andrés Torres Queiruga.** *Estudos Teológicos.* São Leopoldo. v. 53, n. 1. p. 43-56. jan./jun. 2013.

¹⁸⁸ KISTEMAKER, 2003, p. 33.

¹⁸⁹ CERFAUX, 2012, p. 85.

¹⁹⁰ SEGAL, 2010, p. 15.

elementares da piedade. Por isso Paulo emprega o maior zelo. Não era mais questão do comportamento... mas o sermão versava sobre os bens principais, porque eles disputavam entre si a respeito da própria ressurreição. Visto que aí está toda a nossa esperança... afirmavam que o corpo não ressurgue, e a ressurreição consta apenas da purificação da alma. O demônio maligno persuadia-os a asseverarem essas coisas, não só querendo perverter a fé na ressurreição, mas também mostrar que eram mitos os eventos que se deram em nosso favor. Se ficassem persuadidos de que não há ressurreição dos corpos, aos poucos ele os convenceria de que nem Cristo ressuscitou; procedendo daí, induziria a crença de que ele não veio, nem fez o que realizou [...] Por isso, o Apóstolo, admirável e verdadeiramente grande, sempre descobrindo tais armadilhas e desvendando essas malvadas insídias, dizia: “Não ignoramos as intenções dele” (2Cor 2.11).¹⁹¹

Partindo do princípio que a reflexão da ressurreição subjaz à fé cristã, e a esta se encontra umbilical e indelevelmente ligada; àqueles que a negam (v.12), consequentemente também negam a ressurreição de Cristo (v.16), o que deságua indubitavelmente na inocuidade e esvaziamento da fé. Justamente por conta disso, em Paulo a ressurreição de Cristo é fundamental para o Evangelho (vv.4,20), pois implica na ressurreição do cristão (vv.22,23), quando da parusia.¹⁹² Importante mencionar que, o liame umbilical em Paulo, existente entre a ressurreição de Cristo e a parusia¹⁹³ surge precocemente na escatologia paulina, por volta dos anos 50 a 52 a.C., quando Paulo escreve sua primeira Epístola aos Tessalonicenses (1Ts 1.9-10).¹⁹⁴

Por conta disso, o Evangelho por Paulo pregado é nominado de “o Evangelho da glória”, em sua terminação no grego alexandrino δόξα (dóxa). Termo repetidamente utilizado por Paulo para se referir a Cristo; como no exemplo de 1Cor 2.8, em que Cristo é o Senhor da glória e, através da glória do Pai, venceu o aguilhão da morte, ao ressuscitar.¹⁹⁵ O que corrobora Schreiner, para quem, “[...] a humilhação, a ressurreição e a exaltação de Cristo foram para a glória de Deus Pai

¹⁹¹ JOÃO CRISÓSTOMO, 2010. p. 536/7.

¹⁹² MORRIS, 1983. p. 163.

¹⁹³ CONFORME Ferreira, trata-se a Parusia de “uma das doutrinas mais relevantes da religião pentecostal é a crença mítica da volta de Jesus Cristo ao mundo a fim de arrebatá-la sua igreja (seu povo) para um lugar preparado por ele nos céus. Esta seria a “viva esperança” dos fiéis que professam a referida religião. Trata-se de uma complexa doutrina que é descrita por um ramo da teologia denominado “escatologia”. Dentro deste ramo teológico, este acontecimento extraordinário foi denominado de “parusia””. (FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. A parusia e a valorização do tempo futuro no pentecostalismo. Paralellus, Recife, v. 7, n. 15, mai./ago. 2016, p. 323-339).

¹⁹⁴ VERMES, 2013. p. 146.

¹⁹⁵ SEGAL, 2010. p. 34.

[...]”¹⁹⁶ Destarte, negligenciar a centralidade da morte de Cristo, traz como nefasta e funesta consequência, a perda da essência do próprio evangelho.¹⁹⁷

Os saduceus do século I, veementemente negavam a reflexão de uma ressurreição física, conforme se perscruta da perícopa de Mc 12.18-23. Contudo, temerário afirmar que, estes tenham influenciado parcela da comunidade de Corinto que negavam a ressurreição. Sendo mais certo afirmar, que tratando-se de uma comunidade gentílica helênica, influenciada, ao menos em parte, pelo sofisma grego e sua sabedoria, para quem era impossível, um corpo em decomposição tornar a vida. Diante desse dilema e má influência, Paulo sabia que tinha de opor-se a esta negação, pois esta desaguardaria consequentemente, na negativa da ressurreição de Jesus Cristo, bem como a ressurreição final, quando da Parusia.¹⁹⁸

Jüngel vai mais além, ao imiscuir-se em sua preleção no âmago e cerne da presente questão. Para Jüngel, a ameaça à fé cristã, pode ser revelada, ainda na má compreensão do evento “morte”: “a fé cristã não é ameaçada apenas pelo gradativo desaparecimento de uma postura em relação à morte, mas também por conceitos estranhos que se aninharam na compreensão cristã de morte [...] Referimo-nos a Platão e sua influência”.¹⁹⁹

De tal monta revelou-se a influência platônica, conforme reverbera Jüngel, principalmente, suas afirmações filosóficas sobre a morte, que estas não se quedaram restritas apenas ao seu tempo, mas ainda hoje, seu impacto é sentido: “As afirmações platônicas sobre a morte causaram, desde o início, uma impressão inigualável; e ainda hoje é difícil esquivar-se às suas consequências”.²⁰⁰

Não apenas a influência filosófica grega revelou-se uma problemática para a incipiente comunidade de fé de Corinto, importa mencionar, mas, a questão do patronato, acredita-se que, tolerado por parte da referida comunidade, revelou-se outra fonte originária de infringimento às questões ortodoxas em Corinto. Vasconcelos e Funari, ousam apresentar o patronato, como a fonte e origem de diversos problemas de cunho ortodoxo surgidos em Corinto:

É bastante adequado pensar que alguns problemas discutidos por Paulo em 1 Coríntios tenham a ver com a instituição do patronato, se é que não se

¹⁹⁶ SCHREINER, 2015. p. 23.

¹⁹⁷ LOPES, 2008. p. 32.

¹⁹⁸ KISTEMAKER, 2003. p. 646.

¹⁹⁹ JÜNGEL, Eberhard. **Morte**. Trad. Ilson Kayser. 3ed. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST, 2010. p. 37.

²⁰⁰ JÜNGEL, 2010, p. 38.

fundam nela²⁰¹, haja vista, o patronato vigia às escancaras em Corinto, em uma relação onde “A cultiva B, e B cultiva C”: ninguém é o único dono de si mesmo. Hierarquias dos mais variados formatos, estabelecidas por um sem-número de vínculos que, em última instância, remetiam ao imperador com sua larga rede de funcionários locais (mas também ao âmbito do divino, cheio de deuses padroeiros), fundavam valores e estruturas que se reproduziam também em espaços e instituições de menor monta, como as casas e as associações. Seria irreal considerar que os membros da εκκλησία estabelecida por Paulo na cidade estivessem alheios a essa estrutura, ou isentos de suas implicações. Pelo contrário, é bastante adequado pensar que alguns problemas discutidos por Paulo em 1 Coríntios tenham a ver com a instituição do patronato, se é que não se fundam nela.²⁰²

Quanto ao combate paulino à negação da ressurreição, fruto da má influência da filosofia grega, no seio da comunidade de Corinto, Fee aduz que a pregação de Paulo era suficiente para contrastar com a sabedoria grega:

...a afirmação de Paulo já no início da sua carta — de que um Messias crucificado é o poder e a sabedoria de Deus que confrontava o fascínio que os coríntios tinham com a sabedoria grega — destrói a ideia de que Paulo identificava Cristo com a famosa Senhora Sabedoria, o que estava muito além da capacidade de compreensão dos primeiros destinatários da epístola.²⁰³

Para Paulo, Cristo ressuscitou. E, sua ressurreição é a vitória sobre a morte na cruz.²⁰⁴ Para Paulo, a pregação de Cristo é loucura para os que perecem, particularmente os gregos, já que Paulo escreve para cidadãos gregos nas cartas aos Coríntios, que jamais associariam a figura de um Deus, Senhor, Messias, Salvador, com um Cristo crucificado, vencido em uma morte das mais horrendas ao seu tempo. É justamente por isso que apregoa Bonhoeffer “morrer na cruz significa sofrer e morrer como rejeitado, proscrito”. [Pois] “[...] Cristo só é Cristo sendo aquele que sofre e é rejeitado [...]”²⁰⁵ Nesse caso, deveria existir algo, que pudesse dar credibilidade a mensagem de Paulo e dos apóstolos. Paulo nos demonstra que há: Cristo ressurgiu dos mortos (15.20). Haja vista, a cruz não pôde deter o autor da vida, conforme o relato matiano: Mateus 28.6: “οὐκ ἔστιν ὧδε, ἠγέρθη” “não está aqui, foi ressuscitado”. O êxito e o ponto de partida para dar credibilidade a

²⁰¹ VASCONCELOS; FUNARI. 2014, p. 38.

²⁰² VASCONCELOS; FUNARI, 2014, p. 39.

²⁰³ FEE, Gordon D. **Jesus o Senhor segundo o Apóstolo Paulo: Uma Síntese Teológica**. Trad. Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. p. 62.

²⁰⁴ ARAÚJO, Frei José William Corrêa de. **O conteúdo da fé na ressurreição de Jesus**. GRANDE SINAL Revista de Espiritualidade. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano. Ano LVI – Janeiro-Fevereiro, 2002. p.38.

²⁰⁵ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Trad. Murilo Jardelino, Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. p.62.

ignomínia da Cruz, em Paulo, é a certeza da Ressurreição.²⁰⁶ Exatamente por isso, Lopes, aduz que, “a mesma cruz, que era escândalo para os judeus e loucura para os gregos, era o conteúdo da pregação de Paulo. Paulo se gloriava daquilo que os judeus e gregos se envergonhavam”.²⁰⁷

O apóstolo Paulo ao iniciar o capítulo 15 da sua Primeira Carta aos Coríntios, no versículo 4, afirma que, Cristo ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, antecipando com isso, pujante defesa de aludida reflexão, que viria a seguir.²⁰⁸

O que corrobora Vermes, para quem:

A preocupação de Paulo com o problema da ressurreição não chegou ao fim com sua primeira epístola aos tessalonicenses, mas revelou-se especialmente intensa na primeira epístola aos coríntios. Com efeito, o capítulo 15 dessa epístola dá o registro mais detalhado da compreensão de Paulo do impacto da ressurreição sobre os crentes cristãos. Aqui, mais uma vez, Paulo confronta o problema teológico a partir de um ponto de vista prático.²⁰⁹

Insta mencionar que, no capítulo 15 de 1 Coríntios, Paulo mostra não apenas as danosas consequências da negação da ressurreição do corpo, mas, se volta para a certeza da ressurreição de Cristo e todas as implicações daí advindas, passando a enumerar os acontecimentos finais da humanidade, culminando no subjugamento da morte.²¹⁰

No capítulo 15 em tela, Paulo confere grande destaque a σῶμα “sóma” = corpo. Tendo em vista que, nossos corpos são criados por Deus e, a ele pertencem (1Cor 6.20). Também são santificados, por meio da união com Cristo (6.12-20), bem como destinados a redenção final, quando da Parusia (15.35-38). Por conta disso, negar a ressurreição corpórea dos mortos, significa colocar em xeque em sua totalidade, a estrutura do Evangelho que Paulo pregava (15.12-19).²¹¹

²⁰⁶ MAZZAROLO, Isidoro. **O Apóstolo Paulo: o Grego, o Judeu e o Cristão**. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011. p. 126.

²⁰⁷ LOPES, 2008. p. 32.

²⁰⁸ KISTEMAKER, 2014. p. 647.

²⁰⁹ VERMES, 2013. p. 146.

²¹⁰ MORRIS, 1983. p. 170.

²¹¹ VASCONCELOS, Pedro L.; FUNARI, Pedro Paulo A. **Paulo de Tarso: Um apóstolo para as nações**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 34.

3.1.1 A Imbricada Controvérsia acerca da Ressurreição

Para Oliveira, “o fato da ressurreição é tratado como ponto crítico da fé cristã [...] Apoia-se na confissão neotestamentária do Cristo que foi morto e ressuscitou [...]”.²¹²

Por conta disso, o Apóstolo dos gentios, apologética e eclesialmente procura sanar tensões que envolvem diversos aspectos, sobretudo, de cunho atinentes a ortodoxia, vividos pela comunidade de Corinto àquela época. O que corrobora Marguerat, ao reverberar: “o conteúdo de 1 Coríntios é determinado, [...] pelas perguntas diretas dos coríntios ou pelas notícias que o apóstolo recebeu [...]. Paulo indica, às vezes, a fonte de suas informações [...]. Em outros casos, ele cita somente os comentários que ouviu (15,12²¹³)”.

Quanto aos problemas surgidos no seio da igreja de Corinto, temos na seguinte ordem, os principais: 1) Disputas partidárias na comunidade (Apolo, Cefas, Paulo). Ou seja, divisão interna na comunidade entre liderança a ser seguida. 2) Um tolerado caso promíscuo de incesto no seio da igreja. 3) Problemas ínsito a membresia, levados a tribunais pagãos. 4) Questões quanto à celibato, matrimônio e afins. 5) Carnes sacrificadas a ídolos. 6) Problemas envolvendo liturgia e ritualística dos cultos e celebrações. 7) O último demandou total atenção e devoção de Paulo à saná-lo, tema da presente pesquisa: A questão acerca da ressurreição dos mortos.²¹⁴ Conforme dicção de Marguerat, tem-se que, “o segundo e último grande desenvolvimento teológico da epístola é o que Paulo consagra à ressurreição dos mortos (15,1-58)”.²¹⁵

Na lição de Costa, perscruta-se o grande valor e importância, conferidos por Paulo a este importante tema:

A narrativa de 1 Cor 15, 3-8 é o testemunho mais antigo sobre a ressurreição de Jesus. [...] Entre os fiéis da Igreja de Corinto surgiram algumas questões sobre a ressurreição dos mortos e o apóstolo para

²¹² OLIVEIRA, David Mesquiati de. A ressurreição de Jesus na visão de Wolfhart Pannenberg: uma análise do discurso religioso. **UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória-ES, v. 1, jan-jun, 2014. p.122.

²¹³ MARGUERAT, 2015. p. 244.

²¹⁴ BORTOLINI, José. **Introdução a Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus, 2001. p. 78

²¹⁵ MARGUERAT, 2015. p. 246.

fundamentar o discurso sobre a ressurreição dos mortos, parte da ressurreição de Cristo.²¹⁶

Para Schreiner, “O mundo greco-romano louvava enfaticamente a retórica, e os palestrantes eram valorizados de acordo com sua capacidade de encantar o público com a arte, a habilidade e o poder de persuasão de sua retórica”.²¹⁷ O que deveras ocorrera naquela incipiente comunidade, ao negar a ressurreição, tema basilar da fé cristã.

Conforme preceitua Lopes “a integridade do evangelho estava sendo atacada em Corinto. O evangelho se misturava com a filosofia. Os coríntios queriam um evangelho híbrido, misturado com a sabedoria humana”.²¹⁸

Mencionado posicionamento, quadra registrar, trilhava em sentido contrário à reflexão da ressurreição aguerridamente defendida por Paulo. Haja vista, o Apóstolo defende a existência de um corpo material e um corpo espiritual (15.44). Vislumbra-se isso, na análise exegética do versículo 38 do capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios. Brakemeier, vaticina que, quem espera por ressurreição, deve antes morrer. Para Brakemeier, não existe continuidade direta entre este corpo (material) e o corpo futuro (espiritual). O novo corpo será totalmente diferente do antigo. Uma ruptura separa ambos, argui. Será nova criação, não voltará a morrer jamais, quem morrer em Cristo, conclui, ao tratar da ressurreição final em seus escritos.²¹⁹

Macarthur enaltece a ressurreição cristã, reconhecendo sua essencialidade evangelical:

Assim como o coração bombeia o sangue que dá vida a todas as partes do corpo, assim a verdade da ressurreição vivifica todas as áreas da verdade evangélica. A ressurreição é o pivô sobre o qual todo o cristianismo gira e sem o qual nenhuma das outras verdades teria muito valor. Sem a ressurreição, o cristianismo seria uma aspiração desejosa, assumindo seu lugar ao lado de outras filosofias humanas e outras especulações religiosas.²²⁰

Para Thielman, a comunidade de Corinto, havia pacificado a questão da negativa da ressurreição: “Não há ressurreição dos mortos” (1Cor 15.12), afirmavam.

²¹⁶ COSTA, Dom Paulo Cezar. **Deus o Ressuscitou dos Mortos**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 730-754, set./dez., 2016.

²¹⁷ SCHREINER, 2015. p. 21.

²¹⁸ LOPES, 2008. p. 30.

²¹⁹ BRAKEMEIER, 2008. p. 211.

²²⁰ MACARTHUR, John. **1 Coríntios: A solução de Deus para os problemas da igreja**. Tradução de Heloisa Cavallari. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2011. p. 79.

A indagação central era: “Com que espécie de corpo virão?” (15.35).²²¹ Não por outra razão, os gregos dificilmente entendiam a questão da ressurreição corpórea, conforme se depreende dos escritos lucanos em Atos 17.31.²²²

Dessarte, na Primeira Carta aos Coríntios, o Apóstolo Paulo escreveu sobre diversos problemas surgidos no seio da igreja, de ordem moral, ética, cultural e eclesiástica, conforme argumenta Kistemaker. Todavia, no capítulo 15, o Apóstolo envida esforços para apologeticamente defender tema de grande envergadura, eis que atinente a ortodoxia cristã, senão, a questão da ressurreição. O que deveras demandou de Paulo especial cuidado e atenção²²³. Kistemaker preleciona acerca da problemática em questão, a ponto de desmiuçar o modo pelo qual se deu o enfrentamento paulino a questão em tela:

Em sua epístola, Paulo demonstra ter encontrado adversários de seu ministério e doutrina. Esses adversários não formavam necessariamente uma frente coesa, pois, ao que parece, defendiam interesses diferentes. Paulo observa que os judeus exigem sinais miraculosos e os gregos buscam sabedoria (1.22). Ele tinha de lidar com membros com concepções errôneas acerca da fé cristã, entre os quais estavam aqueles que ensinavam que não há ressurreição (15.12).²²⁴

Para Paulo é inconteste e inegociável, o fato de que “foi dos mortos, que Cristo ressuscitou (15.20)”. Destarte era inconcebível a teologia paulina, a questão da negação da ressurreição (15.12), por parte da comunidade de fé de Corinto. No capítulo 15 da primeira carta aos coríntios, vislumbra-se um umbilical liame entre a ressurreição de Cristo e a ressurreição dos mortos.

Portanto, desastrosas consequências se têm com mencionada negação à singular doutrina cristã. Por conta disso, o enrijecimento do discurso apologético paulino, a partir do versículo 12 do capítulo 15, tornou-se necessário, pois, referido tema não pode ser tratado como tópico opcional do credo cristão, haja vista, cerne e fundamento basilar da fé cristã.²²⁵ E isso, não apenas para Paulo, mas também, seus pares do colégio apostólico, partindo da ressurreição de Cristo, onde tudo se iniciou.²²⁶ Para àqueles que encontraram o Cristo vivo, conforme alude o apóstolo

²²¹ THIELMANN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. Tradução Rogério Portella, Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2007. p. 359.

²²² SCHELKLE, 1977. p. 146.

²²³ KISTEMAKER, 2003. p. 729.

²²⁴ KISTEMAKER, 2003. p. 32.

²²⁵ BRAKEMEIER, 2008. p. 200.

²²⁶ DUNN, 2003. p. 284.

Paulo nos versículos 5 à 8 do capítulo 15, revelou-se gratificante, a crença na ressurreição de Cristo. Depositar crença no túmulo vazio. O que porém, não foi o caso das comunidades formadas pelos apóstolos, em sua maioria gentílicas, sendo que muitos destes novos crentes, sequer tiveram contato com o Jesus histórico.²²⁷

3.1.1.1 *Enfrentamento Paulino à negação da Ressurreição em 1Cor 15*

Indubitavelmente, a conversão de Paulo ocorrida no caminho para Damasco em Atos 9, ensejou uma extraordinária mudança em sua vida.²²⁸ Não há dúvidas que o encontro de Paulo com àquele que se lhe apresenta pessoalmente como o Cristo ressurreto, à Caminho de Damasco, propiciou esta transformação, coadunado ao evangelho como revelação.²²⁹ Destarte, a experiência de Paulo no caminho para Damasco, conjuntamente aos testemunhos do credo, cujo ensinamento açambarcou, ao lado da teologia antioquena²³⁰, moldaram sensivelmente a reflexão teológica de Paulo, preparando-o para à altura impugnar vãs filosofias em sentido contrário ao esposado pelo evangelho, como se vê em 1ª Cor. 15.²³¹ O que corrobora sua própria explanação, em que afirma ter visto Jesus, o crucificado, exaltado como Senhor ressurreto. “Não vi Jesus, nosso Senhor? Ele pergunta indignado, quando suas credenciais de apóstolo são questionadas (1ª Cor. 9.1), referindo-se à mesma ocasião mencionada mais adiante na mesma carta (1ª Cor. 15.8) em que, depois de relacionar aparições anteriores do Cristo ressurreto: “Depois de todos, foi visto também por mim”.²³² Verifica-se do encontro de Paulo com o Cristo ressurreto, a sua aguerrida defesa à ressurreição dos mortos, um tênue liame, propiciador à Paulo apologeticamente combater pernicioso ensino, patrocinado por alguns dentre a comunidade de fé em Corinto, para quem não há sobredita ressurreição (15.12).

Este “ensino desvirtuante” possuía o condão de achoolhar a questão acerca da ressurreição, essencialmente o estado daqueles que morreram, convém

²²⁷ BRUCE, 2003. p. 86.

²²⁸ BRUCE, 2003. p. 71.

²²⁹ BRUCE, 2003. p. 82.

²³⁰ Nesse caso, pode-se afirmar que, a teologia paulina, é uma explicitação do querigma da comunidade de Antioquia (SCHNELLE, Udo. **Paulo**: vida e pensamento. Tradução: Monika Ottermann. Santo André/SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 136).

²³¹ DUNN, 2003. p. 285.

²³² BRUCE, 2003. p. 71.

destacar.²³³ Com vistas a refutar mencionado conflito de cunho ortodoxo, Paulo inicia sua defesa à ressurreição, lembrando-lhes que, esta tem como núcleo, a morte vicária de Cristo e sua miraculosa ressurreição por Deus Pai (15.15), tornando-o a “primícia” dos que dormem (15.20). Com isso, Paulo vindica o direito de sanar mencionada problemática de ordem ortodoxa cristã.²³⁴

Para Paulo, tanto a soteriologia²³⁵, bem como a doutrina da justificação (Rm. 8.33), coadunado a ressurreição dos mortos (1ª Cor. 15), são interpretados como ação do Deus criador.²³⁶ E, no capítulo 15 em comento, fulcrado em Cristo, Paulo inaugura sua defesa à ressurreição, em que se perscruta a indissociabilidade para o apóstolo, da crucificação e ressurreição de Cristo. O inverso, cumpre ressaltar, seria o mesmo que descaracterizar o evangelho.²³⁷ Sem nenhuma aparente introdução à tão vital tema à fé cristã, a partir do versículo 12 do capítulo 15, Paulo inicia seu tratado apologético à ressurreição. A razão: revela-nos o versículo 12: “[...] como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição dos mortos”. Portanto, diante do presente “ensino desvirtuante”, de cunho ortodoxo, o apóstolo vê-se obrigado a uma longa apologia da esperança cristã. Sem titubear, diante da problemática em questão, mas, defendendo-a equitativamente à altura de modo coeso, Paulo focaliza sua atenção à ressurreição como um todo, seja a corpórea, a de Cristo, como também a ressurreição final, na segunda vinda de Cristo. Quanto à esta última em particular, no versículo 19 do capítulo em comento, o apóstolo Paulo empregará o termo *ἐλεεινότεροι* (gr. *eleeinóteroi*), palavra no plural, que significa mais miseráveis. Referido termo utilizado por Paulo, oriundo do cognato grego *ἐλεεινός* (*eleeinós*), que significa: “Lastimável, digno de compaixão, de piedade, infeliz, desprezível, miserável”, “aquele que espera Cristo só nesta vida, e, não o está aguardando no evento da ressurreição da Igreja”.²³⁸

Quanto à reflexão da ressurreição de modo aguerrido e apologético, Paulo a defenderá.²³⁹ Para tanto, Paulo trata com zelo este imbricado tema fundamental à fé

²³³ FOULKES, Irene. **Problemas pastorales en Corinto**: comentario exegético-pastoral a 1 Corintios. 1ª ed. San José, Costa Rica: DEI, 1996. p. 385.

²³⁴ FOULKES, 1996. p. 388.

²³⁵ *ΣΩΤΗΡΙΑ* (soteria, sig. salvação); *λογος* (logos, sig tratado, estudo), portanto Soteriologia, significa tratado, estudo da salvação.

²³⁶ BRAKEMEIER, 2008. p. 34.

²³⁷ BRAKEMEIER, 2008. p. 36.

²³⁸ BRAKEMEIER, 2008. p. 191.

²³⁹ SCHELKLE, 1977. p. 146.

e a vida cristã; pois, ausente a verdade da ressurreição de Cristo e da igreja, tornar-se-ia inócua de sentido e vã, inútil, a maior esperança cristã, no que atine a parusia.²⁴⁰

Para Boff, “a ressurreição é entendida como elevação, glorificação e um ir para o Pai”.²⁴¹ Já na dicção de Queiruga:

A ressurreição é a forma concreta que, em continuidade com a tradição bíblica, essa esperança assumiu no cristianismo. Forma intensa e preocupação central, alimentada sem dúvida pelo tremendo drama da morte que matou seu Fundador. De fato, converteu-se em ponto nevrálgico, que não se toca jamais sem suscitar cautela e ainda sem levantar suspeitas. Por isso, sobretudo desde a entrada da crítica bíblica, a ressurreição tem estado no foco da atenção e no centro da polêmica,²⁴²

Paulo recrudescer ainda mais sua apologia à reflexão da ressurreição, ao afirmar: “se mortos não ressuscitam, então Cristo não ressuscitou”, adverte. Conseqüentemente, a membresia de Corinto, permaneceria em seus pecados (17), atesta.²⁴³ Até porque, conforme se extrai da lição de Hodge, seria um paradoxo, para não dizer, verdadeiro disparate, admitir a ressurreição de Cristo, negando-se a ressurreição dos mortos.²⁴⁴

Portanto, aduz Hodge, “essa maneira de argumentar mostra que as objeções apresentadas em Corinto se opunham igualmente à ressurreição de Cristo e à doutrina geral da ressurreição”.²⁴⁵

Para Schweitzer *apud* Dunn, “a ideia original e central da mística paulina é, portanto, que os Eleitos compartilham entre si e com Cristo, uma corporeidade que é de maneira especial, suscetível à ação e aos poderes da morte e ressurreição”.²⁴⁶ O tema da ressurreição foi de tal modo defendido por Paulo na comunidade de fé de Corinto, que não se resumiu apenas à primeira carta, mas na segunda carta aos Coríntios, Paulo novamente retorna ao tema ressurreição, ao fazer remissão à ressurreição de Cristo, comparando à nossa no final dos tempos.

Em Paulo, a ressurreição de Cristo inaugura uma nova era, ao terminar a antiga. O binômio morte-ressurreição de Cristo subjaz o ensinamento paulino,

²⁴⁰ SCHELKLE, 1977. p. 146.

²⁴¹ BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986. p. 42.

²⁴² QUEIRUGA, 2010. p. 17.

²⁴³ BRAKEMEIER, 2008. p. 200.

²⁴⁴ HODGE, 2021. p. 345.

²⁴⁵ HODGE, 2021. p. 345.

²⁴⁶ SCHWEITZER, 1931 *apud* DUNN. 2003. p. 450.

conforme acima mencionado. Para Paulo é imprescindível a ressurreição *post mortem*²⁴⁷, por meio da cruz de Cristo Jesus, ao processo de salvação, revelando-se assim, condição indispensável.²⁴⁸ Ainda que, à época de Paulo, a pregação do *Χριστος* (Cristos), análogo ao משיח *Mashiach* “Messias”, ambos significando ungido, no grego e hebraico bíblicos respectivamente, constituía-se em algo impensável. Haja vista, pregar alguém que morreu em uma morte desprezível para os romanos e, maldita para os judeus, ainda mais quando se dizia que aquele que morreu em morte desprezível e maldita na cruz, era o Salvador do mundo.²⁴⁹

Quanto à morte de cruz, insta consignar que, além de ser um meio eficaz de causar terror, a crucificação era um modo de humilhar absolutamente povos conquistados, sobretudo, pelo Império Romano. Deixar os corpos na cruz como presa para aves e animais e não sepultá-los era a forma deveras cruel encontrada pelos romanos, como meio de pacificar sua ignominiosa, aviltante e infame Pax Romana.²⁵⁰ A intenção era de que o crucificado fosse esquecido para sempre da memória popular. Sua condenação à este tipo de morte, deveria servir como exemplo, sendo castigado exemplar e cruelmente a fim de não deixar seguidores.²⁵¹

Insta consignar que, tamanha e lancinante dor produzia mencionado método de execução, maiormente romana, que os crucificados se contorciam em pavorosas convulsões, cujos pulmões eram inundados pelo próprio sangue, coadunado à humilhação do cheiro fétido de suas fezes.²⁵² Somado a todo este fato, pregar um Cristo, ungido Messias, libertador, salvador, rei e Senhor, que morreu morte de cruz, era algo impensável, como supramencionado. Pois, a ideia de um Messias que morre, em morte horrenda e repugnante de cruz, era deveras, estranha, e isso tudo, indubitavelmente, poderia significar uma desilusão para os ouvintes do evangelho. Sabedor de toda esta dificuldade, o apóstolo Paulo reverbera em 1ª Cor. 1.23: “Nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios”. Pois, defluiu-se que a esperança judaica, repousava em um Messias que

²⁴⁷ POST MORTEM = Expressão latina, cujo significado literal é “depois de morto”. Disponível em: <https://conceitos.com/post-mortem/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

²⁴⁸ DUNN, 2003. p. 462

²⁴⁹ HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império**: O Reino de Deus e a nova desordem mundial. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004. p. 36.

²⁵⁰ HORSLEY, 2004. p. 36.

²⁵¹ ETERNO, Alessandra Tadeu. **Lençol de Turim**: O Evangelho dos Cientistas. São Paulo: Loyola, 2006. p. 42.

²⁵² ETERNO, 2006. p. 42.

deveria ser um rei para reinar, bem como libertá-los de todo império escravizador, não alguém para morrer como criminoso em morte de cruz.²⁵³

Nesse sentido Shelley, para quem: “o cristianismo é a única dentre as principais religiões a ter a humilhação de seu Deus como elemento central”.²⁵⁴

Horrenda morte, diga-se de passagem. Todavia, Cristo suportou a agonia da cruz e, o “aparente” abandono de Deus Pai, naquele momento de dor. É o que se extrai da preleção de Vermes, ao aduzir: “Enquanto pendia, à morte, de uma cruz romana, sob um *titulus* que dizia Jesus Nazareno Rei dos Judeus, Jesus exclamou em voz alta: Eloí eloí lemá shevaqtáni? “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?””²⁵⁵

Ainda segundo Vermes:

A morte de Jesus de Nazaré na cruz é um fato estabelecido [...] A crucificação é atestada não apenas nos quatro Evangelhos, nos Atos dos Apóstolos e em São Paulo, mas também fora do Novo Testamento, por Josefo (“Pilatos... o condenou a ser crucificado”, *Antiguidades judaicas* 18,64), Tácito (“Cristo... sofreu a pena de morte no reino de Tibério, por sentença do procurador Pôncio Pilatos”, *Anais* 15,44,3) e, indiretamente, pelo Talmude (“Na véspera da Páscoa eles suspenderam Jesus”, *Talmude Babilônico Sinédrio* 43a). A crucificação é parte integrante das histórias judaica e romana do século I d.C.²⁵⁶

Por conta disso, para Bruce:

Paulo era ousado ao oferecer-lhes (gentios = acréscimo nosso) um salvador crucificado. Pois a crucificação não era apenas uma forma incrivelmente agonizante de morte; era também uma vergonha completa. Morrer na cruz era chegar ao ponto mais profundo da desgraça. Será que se poderia esperar que pessoas respeitadas e inteligentes realmente confiassem em um salvador crucificado? Paulo sabia que esse evangelho do Cristo crucificado pareceria tolice aos gregos, mas persistiu em colocar o Cristo crucificado no centro de sua pregação.²⁵⁷

Thielman argumenta que, a comunidade de Corinto, havia pacificado a questão da negativa da ressurreição: “Não há ressurreição dos mortos” (15.12.)²⁵⁸ A apologética paulina à intricado tema que atine a ortodoxia, se fulcra essencialmente na preocupação com este ensino desviante, que vai na contramão à fé cristã. E isso,

²⁵³ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. 1ª ed., São Paulo: Exodus, 1997. p. 300.

²⁵⁴ SHELLEY, 2018. p. 17.

²⁵⁵ VERMES, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 2015. p. 21.

²⁵⁶ VERMES, Geza. **A paixão: a verdadeira história do acontecimento que mudou os rumos da humanidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 19.

²⁵⁷ BRUCE, 2020. p. 17.

²⁵⁸ THIELMANN, 2007. p. 359.

pela indissociabilidade entre a ressurreição futura dos crentes e a ressurreição de Cristo. Paulo acredita que ao negar a ressurreição dos mortos (15.12), os coríntios não atinaram quanto às implicações teológicas de seu ato negatório. E o enlevado propósito-mor da perícopre constante dos versículos 1 a 58 do capítulo 15, é justamente demovê-los de desafamado ensino desvirtuante e, convencê-los da gravidade de seu erro.²⁵⁹

Para Ladd, se não há ressurreição de mortos, por conseguinte, Cristo não ressurgiu dentre os mortos. Então, todo o projeto divino, quanto à paixão de Cristo, idealizada desde a fundação do mundo, conforme disposto no versículo 8 do capítulo 13 de Apocalipse, conseguintemente, nunca existiu.²⁶⁰ O que não traduz a verdade para Paulo (15.20), guardando consonância, diga-se de passagem, com o relato dos evangelhos (Mt. 28.5,6; Mc. 16.6; Lc. 24.6; Jo.20.14,ss), no qual o Jesus crucificado e sepultado emergiu do túmulo, para uma nova ordem de vida.²⁶¹

Em síntese, a mensagem cristã da ressurreição, como acima tratada, na contramão dos ensinamentos rabínicos, ao tempo da igreja do primeiro século, não se tratava de uma teoria abstrata, infamada pela pecha da inocuidade religiosa. Em definitivo, ali se encontrava o cerne, o ponto fulcral e nodal da teologia da igreja primitiva como um todo, supedâneo basilar e fundamento da fé cristã, por assim dizer, açambarcando, conseguintemente, a teologia paulina, nomeadamente, a defendida por este, nos versículos 20-24 do capítulo 15. Doravante, os coríntios, destinatários da carta paulina em exame, estavam diante da proclamação de um fato contemporâneo, traduzido no ato redentor, da ressurreição de Cristo, da parte de Deus, para com o qual eles não poderiam assumir uma atitude neutra ou indiferente, a partir de então.²⁶²

3.1.1.2 *Compreensão Grega da Vida Após a Morte*

O destino final dos mortos, sempre foi uma inquietação da humanidade ao longo dos séculos. Tema de acalorados debates e discussões. Convém ressaltar que, a teologia da igreja antiga admitia a imortalidade da alma, bem como sua

²⁵⁹ THIELMANN, 2007. p. 359.

²⁶⁰ LADD, 1997. p. 301.

²⁶¹ LADD, 1997. p. 301.

²⁶² LADD, 1997. p. 307.

indestrutibilidade. Ou seja, sem fim temporal. E segundo Jünger, a antropologia teológica teve um adversário a sua altura, a “influência da filosofia platônica”.²⁶³

Na antiguidade, a questão da negação a ressurreição não era exclusiva dos gregos. O mundo pagão, em grande escala, negava a ressurreição. Não havia esperança de algum morto tornar a vida. Este é o posicionamento de Wright e Evans, ao citarem um conto extraído da mitologia grega como embasamento:

O mundo pagão negava a ressurreição em si, embora muitos pagãos acreditassem em todos os tipos de teoria diferente sobre a vida após a morte. A única coisa que sabiam que não acontecia eram as pessoas voltando à vida corporal em algum momento após a morte. Há uma famosa história de Orfeu e Eurídice na mitologia grega que ilustra isso. Eurídice, a amada de Orfeu, morreu e foi para o inferno, existindo em uma forma indistinta no submundo. Orfeu então teve permissão para descer até lá e pedir que o deixassem trazer Eurídice de volta, mas ele tinha que cumprir esta condição: se olhasse para ela atrás dele enquanto a tirava do inferno, o que ele naturalmente estava ansioso por fazer, então a perderia para sempre. Assim eles começaram a jornada, subindo a longa escada, mas, por fim, o desejo de olhar para sua amada ficou muito forte, e Orfeu olhou para trás, perdendo-a, portanto, para sempre. Esse mesmo tipo de negação da ressurreição corporal também é encontrada em Homero, Platão e Plínio, e está aí consistentemente durante mil anos de paganismo, até – e durante – o tempo de Jesus.²⁶⁴

Ecl 12,7 “[...] volte o pé à terra, de onde veio, e o espírito retorne a Deus, que o concedeu [...]” nitidamente pertence ao período helenístico. Não há salvação ou esperança para o corpo inerte, após a vida. Isso bem retrata a influência da cultura helenista sobre o judaísmo veterotestamentário.²⁶⁵ Isso se explica pelo fato de que à época das grandes conquistas, Alexandre, o Grande exportou a cultura grega como um todo para as nações conquistadas. Estas nações fascinadas pela cultura helenística, a açambarcavam. Na Palestina isso não foi diferente. Desde pessoas do povo, até a nobreza da alta classe de Jerusalém, passaram a adotar comportamentos culturais da sociedade grega.²⁶⁶

A crença grega na inexistência da ressurreição se dava pelo fato de que, uma vez liberta do corpo, a alma jamais poderia tornar a ser presa novamente da carga imunda do corpo.²⁶⁷

²⁶³ JÜNGEL, 2010. p. 37.

²⁶⁴ WRIGHT, N. T.; EVANS, Craig A. **Os últimos dias de Jesus: o que de fato aconteceu?** Trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2020. p. 90s.

²⁶⁵ QUEIRUGA, 2010. p. 124.

²⁶⁶ BALCH, 2014. p. 14. (Obs: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

²⁶⁷ HODGE, 2021. p. 346.

Um dos grandes filósofos que trabalhou muito bem a questão da alma humana, sem sombra de dúvidas foi Aristóteles. Discípulo de Platão, enxergava em seu mestre, a devoção, bem como os maiores atributos sendo devotados à alma. É de Aristóteles a autoria da máxima: “A vida torna-se a morte da alma, a morte é o avanço para uma vida superior”.²⁶⁸ O corpo é transitório, enquanto a alma é imortal. Para a filosofia aristotélica, a morte liberta a alma, da vinculação corpórea a que esteve sujeita. Jünger traz uma comparação feita por Aristóteles entre alma e corpo, comparando-os aos piratas etruscos e suas vítimas.

Em seu “Protréptico”, uma exortação à filosofia, o jovem Aristóteles compara a alma humana na relação com a vida de seu corpo ao destino dos prisioneiros dos piratas etruscos. Os piratas etruscos eram salteadores especialmente cruéis, o que se mostrava, sobretudo, no modo como tratavam seus prisioneiros, pois, “para torturar os seus prisioneiros, os salteadores amarravam-nos vivos sobre cadáveres, rosto contra rosto. Nesse entrelaçamento violentamente forçado da vida com a decomposição, deixavam as suas vítimas definharem lentamente”. Tal como os prisioneiros dos piratas etruscos amarrados a cadáveres, assim, portanto, segundo Aristóteles, vivem as almas humanas em seus corpos. A vida de um ser humano compara-se, nessa parábola macabra, à vinculação involuntária com a transitoriedade. Assim, a morte real do ser humano pode ser expressa como libertação dessa vinculação, por meio da qual a alma participa da transitoriedade dos corpos.²⁶⁹

Para Platão, o corpo é o cárcere da alma, que somente será libertada, quando da ocorrência da morte. Momento em que esta irá para o mundo dos mortos, isto é, Hades.²⁷⁰ Antes da morte, corpo e alma são indissociáveis. A busca pelo conhecimento deve ser constante, enquanto houver fôlego de vida. Mas, o pleno conhecimento somente é alcançado pela alma ao libertar-se do corpo. Nesse sentido, nos dizeres de Jünger, “a morte como separação de corpo e alma mostra o que é o verdadeiro conhecer: deixar que a alma liberta do corpo torne a si mesma”.²⁷¹

Em Fédon, Sócrates argumenta sobre a libertação da alma, do corpo que é mau.

[...] durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos! Ora, este objeto é, como dizíamos, a verdade. Não somente mil e

²⁶⁸ JÜNGEL, 2010. p. 38.

²⁶⁹ JÜNGEL, 2010. p. 38.

²⁷⁰ ZAGONEL, Maurício Luís. A morte como passagem da alma para o Hades. **Revista Comfilotec** – ano 5, vol. 9, 2019. p. 5.

²⁷¹ JÜNGEL, 2010. p. 40.

uma confusões nos são efetivamente suscitadas pelo corpo quando clamam as necessidades da vida, mas ainda somos acometidos pelas doenças – e eis-nos às voltas com novos entraves em nossa caça ao verdadeiro real! O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte [...], nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; [...] se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! [...] Inversamente, obtivemos a prova de que, se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só então é que, segundo me parece, nos há de pertencer aquilo de que nos declaramos amantes: a sabedoria. Sim, quando estivermos mortos, tal como o indica o argumento, e não durante nossa vida! Se, com efeito, é impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter qualquer conhecimento puro, então de duas uma: ou jamais nos será possível conseguir de nenhum modo a sabedoria, ou a conseguiremos apenas quando estivermos mortos, porque nesse momento a alma, separada do corpo, existirá em si mesma e por si mesma – mas nunca antes.²⁷²

A separação da alma e do corpo, quando do evento morte é visível no diálogo Fédon. Isto surge no contexto do debate, em que o filósofo, nítida e claramente, tem preferência pela morte.²⁷³ A comparação do filósofo com o homem comum, marca o início do diálogo. Para Sócrates, o mais importante é a aquisição da verdadeira sabedoria, ainda que desprezada pelo homem comum em detrimento do prazer. Para Sócrates, o corpo e seu mundo de prazeres é um obstáculo a aquisição da verdadeira sabedoria, pois enquanto no corpo se age com a emoção, a alma age com a razão, escapando aos sentidos da vida corpórea, na sua busca da realidade, da verdade e da sabedoria.²⁷⁴ Por isso, na busca da realidade, o desprezo pelo corpo, deve ser levado em consideração, pois, o corpo é presa fácil dos prazeres, paixões e frivolidades, que escravizam-no, bem como fazem gerar a cobiça e inúmeros conflitos impeditivos da alma alcançar a plena sabedoria, enquanto enclausurada no corpo que é mau, somente alcançando-a, após a morte.²⁷⁵

Por ocasião da execução de Sócrates por envenenamento, o desapego do filósofo pela vida presente, coadunado ao seu apego à vida *post mortem*, mostrou-se visível no diálogo que se desenvolveu na cela onde se encontrava recluso a espera do envenenamento que daria cabo de sua vida e, ensejou o diálogo

²⁷² **Diálogos:** o banquete, Fédon, sofista, político. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972. p. 73ss.

²⁷³ SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão:** alma, cidade, cosmo. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2009. p. 39.

²⁷⁴ SANTOS, 2009. p. 39.

²⁷⁵ SANTOS, 2009. p. 39.

nominado “Fédon”. Nome concebido em homenagem a um discípulo querido por Sócrates.²⁷⁶ Para Zagonel, “a obra do Fédon retrata [...] os sentidos vitais da imortalidade da alma numa conversa dramática entre amigos e como se deve proceder para alcançar a sua plenitude, ou seja, o estado do verdadeiro conhecimento”.²⁷⁷

A bem da verdade, Fédon, conforme preleção de Vella, [...] foi produzido para iniciar os jovens discípulos de Platão no tema da imortalidade da alma e, ao mesmo tempo, oferecer uma meditação ética a respeito da morte.²⁷⁸

A utilização do verdadeiro conhecimento, conforme a filosofia platônica, se dá com o desapego a esta vida e a aquisição da vida após a morte. Momento em que, o verdadeiro conhecimento será adquirido. O sábio, ciente deste fato, tornar-se-á então, feliz com a morte, enquanto àquele que lhe falta entendimento, se entristece com a proximidade da morte.²⁷⁹

A νεκρόπολη “necrópole”, ou simplesmente, cidade dos mortos, para a mitologia grega, é um local afastado, cercado por um grande muro, que separa os mortos dos vivos e vice-versa.²⁸⁰ Este local, denominado “Hades”, conforme a dicção de Zagonel, é um lugar frio.

Segundo a narrativa mitológica, no Hades as almas sentem frio e são convidadas a não se aproximarem da fonte onde as demais sentem frio, mas devem pedir de beber das águas geladas da memória. Após implorar pela água da memória, será percorrido uma estrada na qual muitos daqueles que bem souberam viver passaram. E aqui de fato irás caminhar ao encontro dos bem-aventurados e encontrarás o verdadeiro prazer que se desvela no encontro real e definitivo com o saber.²⁸¹

Este local frio, denominado Hades, ou lugar dos mortos, também é um local de encontro, conforme a filosofia platônica. Onde o recém chegado encontrará seu ente querido, que morreu primeiro. Além de, é claro, encontrar neste lugar a verdadeira sabedoria. Conforme Zagonel, “[...] aquele que encontrará o verdadeiro êxito de sua conquista na casa de Hades, é aquele que parte sabendo que lá de fato

²⁷⁶ JÜNGEL, 2010. p. 38.

²⁷⁷ ZAGONEL, 2019. p. 5.

²⁷⁸ VELLA, Giovanni. Desejo impossível e conhecimento possível. Do Fédon a O Banquete: o poder gerativo de Eros. **Dissertação (Mestrado em Filosofia)**. Faculdade de São Bento, 2013.

²⁷⁹ ZAGONEL, 2019. p. 9.

²⁸⁰ ZAGONEL, 2019. p. 11.

²⁸¹ ZAGONEL, 2019. p. 13.

se encontrarão pleno saber, ou seja, a verdadeira pureza e realização do mundo que se revela [...] no reino dos mortos”.²⁸²

Em Fédon, diálogo onde se trata da morte e da imortalidade da alma, Platão rejeita o prazer de origem corporal, a fim de que possa usufruir da vida filosófica. Porém, a verdadeira vida filosófica em Platão, somente é alcançada na morte, momento em que a alma se liberta do corpo, “já que a morte se define como a separação da alma e do corpo: a morte é “desligamento” ou “libertação” da alma encarcerada pelo corpo”, conforme preleciona Santos.²⁸³

A separação da alma e do corpo encerra a vida do homem na terra, mas lhe possibilita o acesso a uma vida onde a conquista do verdadeiro saber é uma realidade. O filósofo almeja esta separação do mundo, pois a vida no mundo dos mortos possibilita ao filósofo acesso às “[...] realidades inteligíveis do mundo das Ideias, as quais ela busca incessantemente”, pontua Santos²⁸⁴

No diálogo Fédon, vislumbra-se que a imortalidade e indestrutibilidade da alma apenas são alcançadas, quando a alma se separa do corpo. Nesta separação do corpo, ocorre a purificação da alma, a qual, o filósofo pode aguardar com alegria. A alma independe do corpo para existir, o inverso não é verdadeiro, pois o corpo depende da alma, como princípio animador para poder existir. Enquanto o corpo é transitório, a alma destaca-se por sua perenidade. A morte quando encontra com o ser humano, este morre, mas a alma uma vez libertada da transitoriedade do corpo, vive eternamente. A morte, portanto, é a libertação da alma.²⁸⁵

O ser humano é conclamado ao verdadeiro conhecimento, não por desfrutar de sua vida, mas porque tem noção que um dia deixará de existir. Somente quando o ser humano tiver ciência do autoconhecimento de sua mortalidade, passará a se conhecer a si mesmo.²⁸⁶

O fato de conhecer a finitude de sua vida, conseqüentemente a certeza da morte, torna o ser humano diferente dos demais seres vivos. A capacidade de

²⁸² ZAGONEL, 2019. p. 13.

²⁸³ SANTOS, Bento Silva; ARAÚJO, Arthur. **Concepções antigas sobre a alma**: Homero, Platão e Aristóteles. Vitória: UFES, 2011. p. 35s.

²⁸⁴ SANTOS, 2011. p.36.

²⁸⁵ JÜNGEL, 2010. p. 39.

²⁸⁶ JÜNGEL, 2010. p. 41.

conhecer-se a si próprio, fundamenta a sua relação com a inevitabilidade de sua própria morte.²⁸⁷

Rosa, em sua dissertação de Mestrado, reproduz a compreensão grega acerca da vida após a morte, no debate havido entre Platão, Sócrates, seus discípulos e amigos, momentos antes do envenenamento de Sócrates, revelando-nos o posicionamento grego, de então, quanto ao tema em tela:

A compreensão platônica da morte de Sócrates deu a essa concepção da relação entre morte e conhecimento uma interpretação significativa, que marcou a tradição intelectual do Ocidente. Para Platão a alma é incorruptível, imortal e preexistente ao corpo. Mas, uma vez encarnada, ela perde seu contato com o mundo perfeito das ideias. Assim, o corpo é um cárcere para a alma. O verdadeiro filósofo deseja a morte para se libertar do corpo. No Fédon, Platão fundamenta seu pensamento dualista. Nessa obra o personagem Fédon, arguido por Equécrates acerca das circunstâncias da morte de Sócrates, passa a descrever um diálogo ocorrido na prisão entre Sócrates e seus discípulos, entre os quais se encontrava Fédon, no dia em que ele teve que beber o veneno. Ao iniciar a narrativa, Fédon descreve como, diante da morte, Sócrates encontrava-se feliz. Não parecia ser um homem a caminho da morte, mas a caminho da vida “feliz, tanto na maneira de comportar-se como na de conversar, tal era a tranquila nobreza que havia no seu fim”.²⁸⁸

O que chancela Vella ao esmiuçar os fatos ocorridos quando da realização do discurso Fédon:

O Fédon é um dos diálogos que mais caracteriza a marca do pensamento platônico ou até mesmo do platonismo na história da cultura ocidental. Nele, Platão relata o evento da morte de Sócrates. O fato é que, no ano 399 a.C., o filósofo foi condenado à morte em Atenas, acusado de “impiedade por não reconhecer o culto dos deuses” e por “corromper a juventude”. Na descrição das últimas horas do filósofo, partilhadas com os próprios companheiros antes de tomar cicuta, é apresentada a autobiografia do homem que, por força de suas próprias convicções, escolhe morrer respeitando a lei da cidade, embora os juízes o acusem injustamente.²⁸⁹

Para Silva, Fédon possibilitou o fomento a discussão acerca da imortalidade da alma:

No Fédon, temos a narrativa da última conversa de Sócrates com os seus amigos. Apesar da iminência de sua condenação à morte, em seu último dia de vida o mestre não se furtou a realizar uma investigação que justifica a curiosa e incomum boa aceitação de sua morte, a saber: a investigação sobre a imortalidade da alma. Platão narra, na voz de Fédon, a aquela que seria a última investigação filosófica do filósofo, personagem de Platão, e

²⁸⁷ JÜNGEL, 2010. p. 42.

²⁸⁸ ROSA, Wanderley Pereira da. O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências. **Dissertação (Mestrado em Teologia)**, Faculdades EST, 2010.

²⁸⁹ VELLA, Giovanni. A alma e a morte na apologia do Fédon: Sócrates entre θάνατος e τεθνάναι. **Tese (Doutorado em Filosofia)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, 2019.

aproveita este cenário para formular uma teoria sobre a imortalidade sob a perspectiva estritamente filosófica, tal como realizará ao longo do texto.²⁹⁰

A *ψυχή* “*psychê*”, sede da racionalidade e consciência moral é o tema central do diálogo Fédon. A oposição da alma ao corpo é sério debate encarnado em Fédon. Esta marcante oposição no diálogo Fédon, por sua vez, principiou o debate acerca da natureza da alma. Enquanto ao corpo são atribuídas as emoções e as paixões, encarados como a raiz de todos os vícios, algo peculiar no mundo dos sentidos, a alma move-se pela razão e encontra-se no superior e elevado mundo das ideias, conforme a filosofia platônica.²⁹¹ Por esse motivo, Platão em Fédon, prega o desejo que deve permear o filósofo e todo amante da verdadeira sabedoria, à libertação da alma dos vícios e males que fazem parte do arcabouço corpóreo alienantes do acesso da alma ao divino, no anseio por alcançar na morte o acesso ao racional.²⁹²

Em Fédon, percebe-se a preocupação de Sócrates com a alma: “Há, entretanto, volveu Sócrates, pelo menos uma coisa sobre a qual seria justo que vós todos ainda refletísseis: se verdadeiramente a alma é imortal, cumpre que zelemos por ela, não só durante o tempo atual [...]”.²⁹³

Neste diálogo filosófico, Sócrates continua a filosofar sobre a imortalidade da alma para seus discípulos: “Que admirável sorte não estaria reservada então para os maus, que se veriam [...] libertos de seu corpo, de sua alma e de sua própria maldade. Mas, uma vez evidenciado que a alma é imortal, não existirá para ela [...] nenhuma salvação”.²⁹⁴

Em Fédon, Sócrates faz menção ao Hades, como destino final das almas.

A alma com efeito, nada mais tem consigo, quando chega ao Hades, do que sua formação moral e seu regime de vida, o que aliás, segundo a tradição, é justamente o que mais vale ou prejudica ao morto, desde o início da viagem que o conduz ao além. Assim, dizem que o mesmo gênio que acompanha cada um de nós durante sua vida é, também, quem conduz cada morto a um determinado lugar. Então, os que lá se encontram reunidos são submetidos a um julgamento e, imposta a sentença, são levados ao Hades, conduzidos por um guia a quem foi dada a ordem de levá-los para lá. [...] O que quer dizer, portanto, que o caminho não é tal como o pretende o Téfelo de Ésquilo. Este, com efeito, diz que é simples o caminho que conduz ao

²⁹⁰ SILVA, Sheila Paulino e. O Filósofo e a Morte: Um Estudo Sobre a Phronesis no Fédon de Platão. **Dissertação (Mestrado em Filosofia)**. Universidade de São Paulo – USP. 2009.

²⁹¹ SANTOS, 2009. p. 40.

²⁹² SANTOS, 2009. p. 40.

²⁹³ PLATÃO, 1972. p. 121.

²⁹⁴ PLATÃO, 1972. p. 121.

Hades; a mim, todavia, quer me parecer que ele não é nem simples, nem um só, pois, se houvesse uma só estrada para ir ao Hades, não era necessária a existência de guias, já que ninguém poderia errar a direção. Mas é evidente que esse caminho possui muitas encruzilhadas e voltas e, prova disso são os cultos e costumes religiosos que temos. Desta maneira, pois, a alma ordenada e sábia acompanha obedientemente ao guia, pois bem conhece a situação. Mas a alma que se agarra avidamente ao corpo, coisa que antes expliquei, permanece por muito tempo ainda adejando ao redor do cadáver e dos monumentos funerários, oferece resistência e sofre, e só se deixa levar pelo gênio sob violência e exigindo grandes esforços.²⁹⁵

Ainda em Fédon, Símiias replica a Sócrates: “[...] Estar morto consiste nisso: apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo; a alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma[...].”²⁹⁶

Para Santos, o “[...] sexto sentido que a alma admite no Fédon: o de causadora, ou portadora, da vida”²⁹⁷, lhe outorga a responsabilidade pela cognição humana.

[...] É, portanto, na alma que reside a capacidade que permite o exercício da anamnese e o da memória [...], que indiretamente assenta a afirmação da existência anterior da alma na forma humana [...], que aponta para a alegação de imortalidade [...]. Implícitamente, poderemos, portanto, avançar a atribuição de um novo sentido à alma: o de sede das competências cognitivas “superiores” do “sujeito”, não localizáveis no corpo ou não associáveis ao exercício da sensibilidade.²⁹⁸

Em Santos, “Toda alma é imortal.”²⁹⁹ A alma é preexistente, enquanto o corpo é temporal.³⁰⁰ Enquanto a alma é imutável e invisível, o corpo é mutável e visível. Neste caso, a alma se assemelha ao racional, divino e imortal. O destino da alma é reunir-se ao divino, ao separar-se do corpo na morte.³⁰¹

A separação da alma do corpo na morte, bem como a busca pelo saber, funcionam como salvação para a alma, determinada a encontrar o restabelecimento da sua ligação com o divino.³⁰²

Conforme a filosofia socrática, além do Hades, há também outro lugar, como destino final dos mortos. Para Sócrates, aqueles que em vida praticaram crimes horrendos, atentatórios a dignidade humana, ao invés de se dirigirem para o Hades, quando do evento morte, são conduzidas direto ao Tártaro, local onde nunca

²⁹⁵ PLATÃO, 1972. p. 121.

²⁹⁶ PLATÃO, 1972. p. 71.

²⁹⁷ SANTOS, 2009. p. 45.

²⁹⁸ SANTOS, 2009. p. 41.

²⁹⁹ SANTOS, 2009. p. 49.

³⁰⁰ SANTOS, 2009. p. 42.

³⁰¹ SANTOS, 2009. p. 42.

³⁰² SANTOS, 2009. p. 42.

podem sair. Aqueles, contudo, que não cometeram crimes graves, no processo de sua expurgação, emerge um ano depois, até passarem por uma nova encarnação. Melhor fim está reservado, porém, aqueles que se dedicaram à filosofia, pois, uma vez libertos dos seus corpos, vão habitar esplêndidas moradas, sem necessitarem de purificação.³⁰³

Enquanto a alma pertence ao elevado e perfeito mundo das ideias, o corpo pertence ao emocional mundo dos sentidos, compartilhando a existência de emoções, paixões, vícios e males dos mais variados tipos. Todos estes males devem ser expiados, como forma de punição aos prazeres e deleites a que o corpo se submeteu em vida. Neste caso, para Platão existe a transmigração das almas, como forma de expiação de faltas cometidas;³⁰⁴

Tem-se a Índia bem como a Grécia, como lugares em que a teoria da reencarnação, reincorporação ou ainda transmigração da alma, adquiriu grande relevância. Seu caráter teológico tem a ver com recompensas pela conduta do indivíduo. Bem como punição ou castigo a ser recebido, conforme sua conduta em existências anteriores. Há ainda a possibilidade de aperfeiçoar-se espiritualmente, caso isso não tenha sido possível em uma única vida.³⁰⁵ Segundo Novak, a questão acerca da transmigração das almas é encontrada, sobretudo, nos diálogos Fedro e República X.³⁰⁶ Para Barros, “[...] a alma não só é imortal, mas como também transmigra entre diferentes corpos após a morte em um processo de reencarnação”.³⁰⁷

Para Santos, Fédon traz considerações de Sócrates sobre o destino reservado aos homens. Para Sócrates, a morte não pode ser o fim. A maldade praticada no corpo deve ser punida, pois, do contrário isso seria benéfico para os maus. Mas, a salvação trazida pela imortalidade da alma é reservada aos bons e sábios. Há a ideia do juiz no Hades, mundo dos mortos, que reserva um destino condizente ao que em vida se praticou³⁰⁸.

³⁰³ SANTOS, 2009. p. 47.

³⁰⁴ SANTOS, 2009. p. 42.

³⁰⁵ QUEIRUGA, 2010. p. 128.

³⁰⁶ NOVAK, Maria da Glória. **Platão, a transmigração das almas e Tito Lucrécio Caro**. Letras clássicas, n. 2, 1998. p. 67-82

³⁰⁷ BARROS, Hemerson Luan Farias de. **Uma análise das possíveis influências órficopitagóricas no Fédon de Platão**. Fortaleza – volume 2, número 2, jul./dez. 2017. p. 71.

³⁰⁸ SANTOS, 2009. p. 46.

Até às almas ínsitas aos corpos dos deuses possuem destinação conforme a filosofia grega. As almas dos deuses foram fabricadas pelo demiurgo, possuem forma arredondada e são de fogo. Seus corpos e almas nasceram juntos. Não necessitam do processo idêntico da alma que habita os seres humanos, em passar por purificação.³⁰⁹ No diálogo denominado Fedro³¹⁰, o destino das almas dos deuses restringe-se ao plano cósmico, que o governa.³¹¹

Os corpos dos homens são habitados por almas, juntadas após sua formação, tendo como função cuidar do inanimado, sendo fadada a habitar um corpo que se moverá pelo seu poder. A junção do corpo e alma forma um ser vivo mortal.³¹²

A imortalidade na filosofia grega pertence a alma, jamais ao corpo. Por conta disso, era completamente inconcebível e incabível, segundo a compreensão grega acerca da vida após a morte, a remota possibilidade da ressurreição de um corpo pútrido em decomposição.

É exatamente neste contexto último, que Russell discute acerca do campo de atuação da teologia, que irá tratar do sobrenatural, daquilo que foge a compreensão da filosofia, da ciência e da razão humana. O conhecimento pertence a ciência. E tudo aquilo que ultrapassa esse conhecimento definido, pertence ao campo da teologia. E “entre a teologia e a ciência existe uma Terra de Ninguém, exposta aos ataques de ambos os campos: essa Terra de Ninguém é a filosofia”, segundo Russell.³¹³

³⁰⁹ SANTOS, 2009. p. 52.

³¹⁰ FEDRO (no original em grego, Φαῖδρος – Faidros) é o nome de um texto filosófico escrito por Platão, por volta de 385-370 a.C. O nome da obra é o mesmo de um dos personagens principais do diálogo, que ao lado de Sócrates, discute o amor como uma metáfora para a discussão sobre o uso adequado de retórica. A discussão aborda ainda temas como a alma, a loucura, a inspiração divina, e a prática e domínio de uma arte. (SANTIAGO, Emerson. Fedro (Platão). Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/fedro-platao/>. Acesso em: 13 nov. 2021).

³¹¹ SANTOS, 2009. p. 54.

³¹² SANTOS, 2009. p. 52.

³¹³ RUSSELL, Bertrand. **A Filosofia entre a Religião e a Ciência**. Kindle Direct Publishing. Posição 1s. (Obs: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, cuja paginação é diferente da usual).

3.1.1.3 Ressurreição na Ótica dos Judeus

O judaísmo antigo encontrou dificuldade para lidar com o destino da vida após a morte.³¹⁴ Não há nenhuma porção pré-exílica das Escrituras que contenha reconhecidamente uma esperança na ressurreição dentre os mortos. A morte conforme se depreende dos escritos pré-exílicos encerra toda e qualquer existência. Exemplo clássico encontramos em Gn 3.19 e Jó 30.23, bem como nas declarações dos Salmos 88.5,10,11. Nestes salmos, vê-se que o Sheol (gr. Hades) é o lugar de habitação dos mortos. E quem for direcionado a este lugar, estará cortado de sua relação com Yahweh.³¹⁵

A justiça divina frente ao opressor, bem como a restauração de Israel como nação, foram sendo trabalhados na mentalidade do povo judeu no Antigo Testamento, como uma possível causa e efeito. Causa = doença (opressor). Cura (ressurreição) = libertação do opressor. Passagens bíblicas como, Isaías 49; Jeremias 30 e Amós 9, tratam da restauração de Israel. Mas, não apenas estas. O capítulo 37 de Ezequiel também trata da restauração de Israel. Ossos ressequidos tornam a vida mediante a palavra do profeta. Essa ressurreição significa o ressurgimento de Israel como nação. Por conta disso, é seguro dizer que, o tema da ressurreição foi sendo trabalhado aos poucos e ao longo das gerações judaicas. A crença numa ressurreição corpórea começou ainda que timidamente a se formar nas partes mais recente do Antigo Testamento, portanto apenas no judaísmo tardio. E isso, preparando campo para a crença geral na ressurreição de Cristo.³¹⁶

Contudo, o fato da ressurreição não encontrar unanimidade entre os judeus contemporâneos a Cristo, levou Vermes a procurar estabelecer uma estimativa aproximada dos descrentes na ressurreição por ocasião do período adjacente ao ministério de Jesus:

Dir-se-ia, conseqüentemente, que na altura do século II d.C. a fé na ressurreição corpórea era um elemento constitutivo essencial da religião rabínico-farisaica. À primeira vista, porém, não há provas positivas que indiquem que este fosse o caso durante o período da vida de Jesus, do ministério de Paulo ou das primeiras décadas da cristandade. Contudo, para

³¹⁴ PANASIEWICZ, p. 43-56. jan./jun.2013.

³¹⁵ MARQUES, Roselane. **O significado da ressurreição de Jesus para a comunidade de Mateus.** Discernindo - Revista Teológica Discente da Metodista. v.3, n.3., p. 25-50, jan. dez. 2017.

³¹⁶ SANTOS, Eduardo da Silva. **A ressurreição da carne:** estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p.44

uma avaliação de o quanto os ouvintes de Jesus e dos pregadores apostólicos estariam preparados para a ideia da ressurreição, seria útil dispor de meios para compreender a extensão da difusão dessa noção nas várias camadas da sociedade judaica e greco-romana no século I d.C.³¹⁷. Entre os que não acreditavam na ressurreição, nós podemos contar mais de 4 mil essênios e provavelmente uma boa proporção dos entre 15 a 20 mil membros do Templo, juntamente, sem dúvida, com suas famílias e seus aliados leigos das classes superiores. Em contraposição a eles, havia cerca de 6 mil fariseus, suas famílias e seus seguidores. Tomados em conjunto, tanto os oponentes quanto os partidários da *DOCTRINA DA RESSURREIÇÃO* formavam apenas uma pequena parcela da população judaica da Palestina no século I d.C., estimada entre 500 mil e 1 milhão de habitantes, mas somando mais provavelmente entre 500 e 600 mil habitantes.³¹⁸ (grifos nossos)

Na tradição judaica antiga, a ressurreição era figurada metaforicamente. No clã familiar, o nome da família mantinha-se vivo, na sucessão de pai para filho. No âmbito nacional, a derrota diante do inimigo, bem como o cativo a que o povo no interregno de sua história se submeteu, é comparado com a ausência de vida. Ao passo que, a ajuda divina em livrar seu povo da mão do opressor é tido como restauração e ressurreição. Vermes, traz um exemplo disso registrado no livro do profeta Oséias.

Um exemplo antecipatório recua até o profeta Oséias, no século VIII a.C. À sombra da ameaça da Assíria, ele escreveu linhas memoráveis cujos ecos continuaram a reverberar até a época do Novo Testamento: “Vinde, retornemos a lahweh. Porque ele despedaçou, ele nos curará; ele feriu, ele nos ligará a ferida. Depois de dois dias nos fará reviver, no terceiro dia nos levantará, e nós viveremos em sua presença...” (Os 6.1-2).³¹⁹

Há um dualismo no pensamento judaico acerca da vida e a morte. Ambas encontram-se sempre em oposição. Uma pessoa ao ficar gravemente doente, na visão judaica antiga e tardia, se aproximará do Sheol. Em caso de melhora em sua saúde, afastar-se-á do mesmo, ao novamente aproximar-se da vida. Em 1Sm 2.6, Yahweh, Senhor da vida e da morte, tem poder tanto para fazer descer, quanto para fazer subir do Sheol.

A ressurreição no judaísmo antigo, tem aspecto de metáfora, funcionando como linguagem figurada. O despovoamento de Israel, como exemplo, é uma espécie de morte. Ao passo que, uma vida mais tranquila, comunidade numerosa e próspera, é uma espécie de volta a vida.³²⁰

³¹⁷ VERMES, 2013. p. 68.

³¹⁸ VERMES, 2013. p. 69.

³¹⁹ VERMES, 2013. p. 50.

³²⁰ SANTOS, 1997. p. 47.

Em Isaiás 38.19, o profeta afirma que, somente os vivos louvam a Yahweh. Eclesiastes 9.7-10, o sábio aconselha a se tirar o prazer de seus dias. Corroborado por Ec 3.13, onde se estimula ao homem, comer, beber e gozar os seus dias aqui. E isso porque, tudo o que tiver de acontecer ao homem, acontecerá a sua vida aqui.³²¹

O Sheol na crença judaica antiga era o destino final dos mortos. Contudo, na dicção de Vermes, há um meio alternativo na crença judaica para se escapar ao Sheol, como destino dos mortos.

Ao mesmo tempo em que a Bíblia hebraica afirma que a morte e o Sheol são destinos inevitáveis da espécie humana, ela, todavia, registra umas poucas exceções à regra, e a literatura pós-bíblica estende ligeiramente a lista acrescentando dois outros casos. Uma rota de fuga do sono perpétuo do inferno era através de uma chamada de volta à vida logo após o último suspiro do homem, antes, por assim dizer, que ele tenha tido tempo de chegar ao Sheol e nele instalar-se. Assunção ou ascensão com a ajuda de Deus era outro meio de escapar ao Sheol. Ambos os conceitos de revivificação e subida acima da esfera humana são significativos para os estudiosos do Novo Testamento. O primeiro exemplifica as reanimações registradas no Novo Testamento e o último serve como protótipo da ascensão de Jesus ao paraíso descrita por Lucas em seu Evangelho e nos Atos dos Apóstolos, e também afirmada no longo final de Marcos.³²²

Os Livros dos Reis (1º e 2º, respectivamente), relatam-nos dois episódios de ressurreição, ínsitos aos ministérios dos profetas Elias e Eliseu. Contudo, identificados pelo judaísmo antigo como a mais alta realização da cura religiosa.³²³

Para Vermes há uma cristalina semelhança no modo como foi realizado ambas as ressurreições:

O método de ressuscitar o morto é semelhante em ambos os casos e consiste não somente em palavras de comando e contato corporal, mas numa espécie de identificação total com eles a fim de reintroduzir o sopro em seus cadáveres através de um beijo xamanístico de vida.³²⁴

As Escrituras veterotestamentárias, mostram-nos dois casos de elevação. Em ambos os casos, contornou-se a morte. São estes alusivos à Enoque em Gênesis e Elias em 2º Reis.³²⁵ Conforme Jubileus 4.23, Enoque teria ido para o “jardim do Éden”, levado por anjos.³²⁶ Corroborado por Vermes, para quem, “[...] a exegese e as tradições da Bíblia judaica identificam Henoc como o primeiro humano

³²¹ VERMES, 2013. p.36.

³²² VERMES, 2013. p. 41.

³²³ VERMES, 2013. p. 41.

³²⁴ VERMES, 2013. p. 42.

³²⁵ VERMES, 2013. p. 44.

³²⁶ VERMES, 2013. p. 44.

a ser poupado de uma descida ao inferno. Ele não precisou de uma ressurreição, pois foi transferido vivo para o paraíso ou céu”.³²⁷

A tradição judaica bíblica atribui a elevação de Elias ligando-a a uma função escatológica. Tanto MI 3.23, quanto a Septuaginta em Eclo 48.10, são unânimes em mencionar a volta de Elias como preparação do dia do Senhor. E isso ficou tão arraigado na tradição judaica, que passagens bíblicas como Mt 11.10 reconheceram João, o Batista, como Elias que haveria de voltar.³²⁸

A tradição judaica ainda nos revela dois casos, em que não se teve como destino pós-morte, o Sheol, quais sejam, os alusivos à Moisés e Isaías.³²⁹ Conforme Vermes, o apócrifo “a assunção de Moisés” relata que [...] “após ter sido posto em seu repouso pelos anjos e por Deus, o corpo de Moisés foi revivificado e elevado aos céus”.³³⁰

Fazendo uma citação ao apócrifo “Ascensão de Isaías”, Vermes nos revela o destino pós-morte deste profeta.

Não há indícios bíblicos descrevendo a morte e a vida após a morte do profeta Isaías, mas a tradição rabínica tem conhecimento do seu assassinato. Fugindo de Manassés, o malvado rei de Israel, Isaías se escondeu num buraco no tronco de um cedro, mas o rei ordenou que a árvore, juntamente com o profeta dentro dela, fosse serrado ao meio. Um apócrifo, *Ascensão de Isaías*, escrito por um autor judeu do século I d.C. e retrabalhado por um editor cristão, narra em detalhes que depois da execução o profeta viajou para as alturas, assim como Henoc antes dele, e foi levado por um anjo através dos sete céus (capítulos 7-9).³³¹

Quanto aos eventos cura e morte, na tradição judaica antiga e posterior, Vermes preconiza que:

Em suma, deve-se afirmar que na estrutura do judaísmo profético popular, em que a cura dos doentes ocupava um lugar importante, o fenômeno da ressurreição, a restauração à vida de uma pessoa recentemente falecida, de modo algum parecia estar fora de lugar. Além da ressurreição, ascensão e assunção, a transferência miraculosa do morto para o mundo supraterrrestre provê outro meio de isenção ao destino comum da humanidade. Uma pessoa pode ser levada diretamente ao céu, contornando inteiramente a morte, ou depois de uma revivificação quase instantânea após a partida dentre os vivos.³³²

³²⁷ VERMES, 2013. p. 45.

³²⁸ VERMES, 2013. p. 45.

³²⁹ VERMES, 2013. p. 44.

³³⁰ VERMES, 2013. p. 46.

³³¹ VERMES, 2013. p. 46.

³³² VERMES, 2013. p. 43.

Para Aitken e Paget, “a doutrina farisaica da ressurreição é transformada em uma doutrina de imortalidade e de transmigração da alma [...]. O dualismo de corpo e alma, presente em ambas as formas de pensamento, é uma transformação helenística da antropologia bíblica monista mais antiga”.³³³

A questão da ressurreição na visão judaica tardia começou a se delinear apenas no período do Segundo Templo. Contudo, não alcançou unanimidade. Enquanto na Palestina judaica tardia, ainda que timidamente, a ideia da ressurreição corpórea começou a conquistar adeptos, na diáspora de fala grega, seguindo a filosofia platônica, a questão acerca da imortalidade da alma, quando libertada do cárcere do corpo corruptível não admitia sequer, a remota hipótese de ressurreição.³³⁴

A questão da ressurreição corpórea no período judaico antigo é praticamente nula. Começa a ganhar corpo no período judaico tardio. Daniel 12.2 [e muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno] e contexto, cuja reformulação final, data do século II a.C., portanto inserto ao período judaico tardio, retrata muito bem isso, ao trabalhar a questão da ressurreição veterotestamentária. O contexto da perícopre de Daniel 12, traz elementos do final dos tempos. Israel em grande luta com as nações pagãs, é socorrido pela ação divina trazida pelo arcanjo Miguel. Os judeus inscritos no livro de Yahweh estarão do lado vencedor.³³⁵ Vermes assim preceitua acerca do contexto de Daniel 12: “[...] considera-se geralmente que o texto transmite a ideia de ressurreição corpórea, mesmo que não afirme formalmente a reunificação do corpo e da alma”.³³⁶

Essa linguagem de vencedores e derrotados. Sendo vencedores, os justos e derrotados, os injustos, possui em Daniel, imagem escatológica. A bem-aventurada ressurreição, para se estar com Deus é reservada apenas aos justos, em Daniel. Negada porém, aos injustos. Por ocasião da mesma época, ou seja, no período judaico tardio, o Apocalipse siríaco de Baruc, traz a mesma ideia: “Quando o

³³³ AITKEN, 2019. p. 19.

³³⁴ VERMES, 2013. p. 50.

³³⁵ VERMES, 2013. p. 52.

³³⁶ VERMES, 2013. p. 53.

Messias retornar em glória aos céus, então todos os que morreram e colocaram nele as suas esperanças ressuscitarão” (2Bar 30.1).³³⁷

Também por ocasião do período judaico tardio, a questão da martirização, foi tida como ato heroico, que seria por Deus recompensada com a ressurreição no final. 2 Macabeus retrata muito bem isso. Em específico a perícopes de 2Mc 7.1-41. O contexto histórico nos revela que, após perder para os egípcios, o selêucida Antíoco Epifanes, invade o território palestino e o conquista. Faz cessar o culto em Israel. Sacrifica uma porca no altar em claro desprezo pela religião judaica. À esse tempo, uma mãe com seus sete filhos são martirizados, por não se negarem a continuar prestar cultos a Yahweh. A crença de que Deus os ressuscitaria como recompensa de seus heroicos feitos, encontra-se registrada em referida perícopes. 2Mc 7.11 afirma ainda que implicitamente, a crença na ressurreição ao dar voz a um dos irmãos martirizados: “Do céu recebi estes membros, e é por causa de leis [de Deus] que os desprezo, pois espero dele recebê-los novamente”.³³⁸

Acerca destas passagens da Septuaginta, Vermes assim se manifesta:

Esses textos indicam que o auto-sacrifício coletivo numa batalha combatida em nome dos céus e o martírio individual, infligido aos justos pelos descrentes como punição por seu apego à religião judaica, deu vida ao ensinamento da ressurreição dos mortos. A doutrina, sucintamente definida no Testamento de Judá – “aqueles que foram mortos em nome do Senhor despertarão para a vida” (Test. de Judá 25.4) -, continuou a desenvolver-se durante o período helenístico e romano, e chegou ao seu clímax durante a perseguição dos judeus observantes no curso da segunda guerra contra Roma, sob Adriano, em 132-135 d.C. Os rabinos da era talmúdica chegaram ao ponto de especificar que o corpo de um homem ressuscitado seria exatamente o mesmo que ele possuía ao morrer: os aleijados ressuscitariam aleijados e os cegos ressuscitariam cegos, mas seriam curados se estivessem entre os justos [...].³³⁹

Mas esta visão acerca da ressurreição, ainda que timidamente começou a se desenvolver por ocasião do período judaico tardio, não alcançou unanimidade, conforme falamos. Os judeus helenizados, adeptos da cultura grega, continuaram a afirmar a imortalidade da alma. O Hades (gr.) ou Sheol (hb.) era o lugar definitivo de habitação dos mortos.³⁴⁰

O Quarto livro dos Macabeus, escrito eminentemente helenista, já traz a ideia de que os mártires justos, que não negaram suas crenças e devoção a

³³⁷ VERMES, 2013. p. 53.

³³⁸ VERMES, 2013. p. 54.

³³⁹ VERMES, 2013. p. 54.

³⁴⁰ VERMES, 2013. p. 55.

Yahweh, compartilham o destino de Abraão e demais Patriarcas, ao também receberem “almas puras e imortais”.³⁴¹

Já os essênios, avessos a política e a guerra, retirantes do deserto da Judeia, conforme Shelley, isolados em sua comunidade, detidamente estudavam as Escrituras e se preparavam para o dia do Senhor, tempo apocalíptico do fim.³⁴² Seus mártires que preferiam a morte a negar sua religião, seguiam confiantes de que ao entregarem suas almas a Yahweh, a receberiam de volta. Mas, não apenas os mártires, os justos também recebiam idêntico destino, na visão desta isolada comunidade. A mesma ideia se vê no livro de 1He 51.4 “os justos ressuscitados serão “como anjos nos céus””.³⁴³

Contudo, a questão da ressurreição na comunidade essenica de Qumran, estava longe de ser pacífica e uníssona, conforme se descobriu mais tardes pelos escritos encontrados nos idos de 1948. O Apocalipse Messiânico, escrito que faz reminiscência a Isaías (61.1), é o único texto encontrado, que remete a crença na ressurreição: [Deus] “curará os feridos e ressuscitará os mortos e trará boas-novas para os pobres” (4Q 521, frag. 2 ii, linha 12).³⁴⁴ Portanto, não se pode afirmar com certeza, que a totalidade da comunidade Qumrânica fosse adepta da ressurreição corpórea, haja vista, nesta comunidade havia também quem defendesse a imortalidade da alma.³⁴⁵

Quanto à ideia de Sheol ou Hades, a literatura apócrifa de Henoc, na dicção de Vermes, nos traz um nítido vislumbre, do destino reservados aos homens após a morte.

Esses extratos darão ao leitor uma ideia útil da representação judaica da vida após a morte, mas o quadro pode ser completado pelo relato da visita de Henoc ao reino dos mortos e ao Paraíso, descrita no Primeiro Livro de Henoc, capítulos 22.25-27. As imagens diferem da ideia bíblica comum de um submundo subterrâneo e localiza o Sheol na extremidade ocidental do mundo. Conduzido pelo anjo Rafael, Henoc escala uma alta montanha com imensas cavernas onde residem as almas dos mortos, separadas segundo a sua conduta no passado. Uma fonte de águas claras refresca os virtuosos enquanto os iníquos sofrem. Depois do julgamento final, os incrédulos, que já receberam sua punição na Terra, serão aniquilados sem deixar traço. Aqueles entre os iníquos que escaparam ao castigo durante a vida, serão

³⁴¹ VERMES, 2013. p. 56.

³⁴² SHELLEY, 2018. p. 22. (Obs.: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

³⁴³ VERMES, 2013. p. 57.

³⁴⁴ VERMES, 2013. p. 64.

³⁴⁵ VERMES, 2013. p. 64.

ressuscitados e transferidos para o Vale de Hinnom (Ge' Hinnom = Geena), para sofrer o tormento eterno, ao passo que os virtuosos habitarão a montanha de Deus, no topo da qual situa-se o trono divino.³⁴⁶

Portanto, a ideia, ainda que vaga, acerca da ressurreição e imortalidade era presente para parcela dos judeus na Palestina. O mesmo valendo para os judeus da diáspora, por ocasião do período do Segundo Templo.³⁴⁷

Para Vermes, Filo de Alexandria, era um representante a altura do pensamento grego da compreensão da vida após a morte. A crença na imortalidade da alma encontrava-se impregnada em seus escritos. A alma encontrava-se encarcerada no corpo, até sua libertação total com o advento morte. Compreensão análoga, percebe-se, a visão platônica.³⁴⁸

Paulo teve que enfrentar o pensamento sofista grego na imortalidade da alma e inexistência da ressurreição, tanto para a membresia da comunidade de fé helênica de Corinto, quanto em sua pregação na cidade também grega de Atenas. Seu discurso atraiu a simpatia de gregos incultos. Os demais, acostumados a debates filosóficos na ágora e no Areópago, preferiram discutir sobre a ressurreição com Paulo em outro momento, conforme o relato lucano: “E, como ouviram falar da ressurreição dos mortos, uns escarneciam, e outros diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez” (Atos 17.32).³⁴⁹

A classe sacerdotal judaica, oriunda do grupo dos saduceus, conforme relato lucano (At 23.8), nitidamente não criam na ressurreição. Contudo, para Vermes:

Eles não especularam em demasia sobre a vida após a morte e apegaram-se ao saber bíblico convencional, enfática e fatalisticamente definido nos Apócrifos pelo autor do Livro do eclesiástico, Jesus, filho de Sirac, ele próprio talvez um sacerdote de Jerusalém: “Não temas a sentença da morte, lembra-te dos que precederam e dos que te seguirão. É sentença do Senhor para toda carne; por que recusares a vontade do Altíssimo? Sejam dez ou cem ou mil anos, no Xeol não se levanta a respeito da vida” (Eclo 41.3-4). Segundo Josefo, ele próprio originário da classe dos chefes dos sacerdotes, embora aos 19 anos tenha decidido mudar sua lealdade para os fariseus (Vida 1-12), os saduceus rejeitavam a ideia de sobrevivência após a morte e não acreditavam na ressurreição futura. Nas próprias palavras de Josefo: “Os saduceus afirmam que a alma morre junto com o corpo” (Ant 18.16), o que significa dizer, na morte, a vida é extinta de uma vez por todas. Ele ainda declara: “Quanto à persistência da alma após a morte, punições no inferno e recompensas, eles [os saduceus] não terão nada disso” (Guerra 2:16). Nos Evangelhos, o credo dos saduceus

³⁴⁶ VERMES, 2013. p. 57.

³⁴⁷ VERMES, 2013. p. 57.

³⁴⁸ VERMES, 2013. p. 59.

³⁴⁹ VERMES, 2013. p. 60.

proclama “não existir ressurreição” (Mc 12.18; Mt 22.23; Lc 20.27). Num episódio polêmico [...], os saduceus ridicularizam a noção de ressurreição dos mortos (Mc 12.18-27; Mt 22.23-32; Lc 27-38). Os Atos dos Apóstolos vão ainda mais longe que Josefo e os Evangelhos ao transformar os saduceus em materialistas completos que negavam não só a ressurreição dos mortos, mas também a existência de anjos e espíritos (At 23.8). Contudo, esse exagero deve provavelmente ser imputado mais ao desconhecimento genio de Lucas com o pensamento judeu-palestino do que aos saduceus, pois anjos são comumente mencionados na Bíblia e os saduceus eram estritos na observância da letra da escritura.³⁵⁰

Portanto, os saduceus “[...] não tinham alguma esperança em relação à vida futura; acreditavam que aqui nesta terra era o fim de tudo”, conforme preceitua Santos.³⁵¹

Outro grupo que possivelmente não cria na ressurreição era o grupo dos samaritanos, que conforme Souza, “[...] possivelmente os samaritanos também não acreditavam na ressurreição, pois seus escritos sagrados se limitavam apenas ao Pentateuco, no qual o tema não aparece com clareza”.³⁵²

Portanto, quanto mais próximos do apocalípticismo, mais presente se tornava a crença judaica tardia na ressurreição.³⁵³ Contudo, a ausência de unanimidade acerca da crença judaica na ressurreição, influenciou Souza a prelecionar que, “havia muita coisa vaga que precisava ser solidificada para definir a doutrina da ressurreição”.³⁵⁴

Para finalizar, Souza reverbera que:

Não é de admirar que nem todos aceitassem a pregação da doutrina da ressurreição proclamada pelos discípulos. O fato de eles realçarem tanto esse tema em seus discursos nos mostra que a ressurreição ainda não era aceita por todos e que precisava estar sempre enfatizando essa nova doutrina, que era parte essencial da fé cristã.³⁵⁵

³⁵⁰ VERMES, 2013. p. 60s.

³⁵¹ SOUZA, 2016. p. 41.

³⁵² SOUZA, 2016. p. 41.

³⁵³ SOUZA, 2016. p. 42.

³⁵⁴ SOUZA, 2016. p. 42.

³⁵⁵ SOUZA, 2016. p. 42.

4 METODIZAÇÃO DISCURSIVA PAULINA À RESSURREIÇÃO EM 1COR 15

4.1 A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

O capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios, metodicamente disposto por Paulo em seu argumento apologético à ressurreição, recebe conforme definição de Marguerat, a seguinte divisão: vv.1-11 – A certeza fundamental: Cristo ressuscitou; vv.12-34 – Ressurreição de Jesus e ressurreição dos mortos; vv.35-49 - o corpo espiritual dos ressuscitados [quando da parusia].³⁵⁶

Marguerat argumenta que a primeira Carta de Paulo aos Coríntios encontra-se devidamente estruturada. Sendo que Paulo reservou a última parte da epístola, para tratar de relevante ensino, qual seja, a reflexão acerca da ressurreição dos mortos.

Quanto ao seu conteúdo, a primeira carta aos Coríntios é claramente estruturada. A primeira parte lembra qual o fundamento do cristianismo e quais as condições de sua comunicação apostólica (1,1-4,21); a segunda parte trata de uma série de questões éticas (5,1-11,1); a terceira parte é consagrada à vida cultural da Igreja (11,2-14,40); a última parte contém a reflexão mais desenvolvida de Paulo sobre a ressurreição dos mortos (15).³⁵⁷

Quanto a metódica disposição paulina à ressurreição na quarta e última parte da Primeira Carta aos Coríntios, Marguerat assim argumenta:

A quarta parte constitui de novo, em si mesma, um desenvolvimento independente (1Cor 15,1-58). O tema é o da ressurreição dos mortos. Depois de ter lembrado que a confissão da morte e ressurreição de Jesus é o fundamento da fé cristã (15,1-11), Paulo mostra que não tem sentido falar da ressurreição de Jesus se a ressurreição dos mortos não existe (15,12-19), como alguns, em Corinto, parecem afirmar (15,12). Na realidade, a ressurreição de Jesus é apenas o início da realização final na qual os mortos ressuscitarão e na qual Cristo, tendo recebido autoridade sobre toda a criação, se submeterá ele mesmo, a Deus (15,20-28). Assim, a ressurreição dos mortos faz parte do acabamento da obra criadora de Deus (15,35-44a), quando ele recriará incorruptíveis suas criaturas corruptíveis: todos serão transformados (15,44b-58).³⁵⁸

³⁵⁶ MARGUERAT, 2015. p. 238.

³⁵⁷ MARGUERAT, 2015. p. 233.

³⁵⁸ MARGUERAT, 2015. p. 236.

A defesa à ressurreição, ganha em Paulo, uma importância teológica sem precedentes, sendo alçada ao patamar de doura reflexão evangelical, pois, imbricado a esta, tem-se a ressurreição do corpo (15.35-44), a ressurreição de Cristo (15.19-28) e, a ressurreição final dos seguidores de Cristo, na esfera escatológica (15.45-54).³⁵⁹

A reflexão da ressurreição é, portanto, a última grande questão examinada pela Epístola aos Coríntios, contudo, pela sua importância, possui posição de destaque e primazia na teologia paulina.³⁶⁰

Destarte, o capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios não trata apenas da ressurreição corpórea, mas a de Cristo, (principal ressurreição conforme Paulo) e, a ressurreição final (parusia). O capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios nos mostra a ressurreição de Cristo como ensejadora da nova criação, pois Cristo, pela ressurreição de seu corpo, tornou-se Espírito vivificante, propiciando nova vida a todos quantos reconhecem como obra divina sua ressurreição.³⁶¹

A ressurreição de Cristo obtém proeminência na teologia paulina, pois, além de propiciar salvação coadunada ao evento de sua morte vicária, também torna real as demais ressurreições. Conforme o relato matiano no versículo 51 do capítulo 27, quando Cristo na cruz expirou, o véu do templo se rasgou em dois. O significado do véu do templo, bem como do rasgo a que fora submetido, o vemos na dicção de Deifelt, para quem, “o véu é metáfora de separação, dicotomias e dualismos: entre puro e impuro, sagrado e profano [...]. Ao rasgar o véu, separou-se a separação”.³⁶² Conforme Reinke, o fato do véu do templo haver se rasgado no momento da morte de Jesus, revela-nos que fora eliminada a partir de então, toda e qualquer separação entre Deus e os homens.³⁶³

Para Queiruga, a morte-ressurreição de Jesus rompeu o véu dos preconceitos humanos tendenciosos a encobrir a ação divina, de um Deus que,

³⁵⁹ VANG, 2018. p. 206.

³⁶⁰ QUESNEL, Michel. **As Epístolas aos Coríntios**. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 83;

³⁶¹ CERFAUX, 2003. p. 220.

³⁶² DEIFELT, Wanda. **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião / [Organizado por] Elaine Neuenfeldt, Karen Bergesch e Mara Parlow. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. p.16.

³⁶³ REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia**: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. p. 105.

revela o cuidado para com a obra prima de suas mãos, por seu incomensurável amor:

A morte-ressurreição de Jesus tornou possível “romper o véu” (Mc 15,38 e par.) dos preconceitos objetivantes e mitológicos com que o espírito humano tende a encobrir a ação divina: a ação daquele que, criando-nos e sustentando-nos por amor, se mostrou na fundação mesma do Antigo Testamento como o que se compadece da “aflição de seu povo” (Ex 3,7), e que com Jesus se mostrou preocupado com cuidado amoroso de tudo – até de “um cabelo de nossa cabeça” (Lc 21,18) – e de todos e todas, principalmente dos feridos pelo mal – “bem-aventurados os pobres” -, sem que sequer os maus e os injustos fiquem excluídos (cf. Mt 5,45³⁶⁴).

Bultmann revela-nos que, ínsito à teologia paulina, encontra-se a indissociabilidade do binômio morte-ressurreição de Cristo, como propiciador da salvação à humanidade:

...a morte de Cristo forma a unidade de um evento salvífico juntamente com sua ressurreição... O evento salvífico abrange, portanto, a morte e a ressurreição de Jesus.³⁶⁵ [nota de rodapé] Morte e ressurreição de Jesus, são, portanto, o decisivo, sim, no fundo, as únicas coisas que são importantes para Paulo na pessoa e no destino de Jesus.³⁶⁶

O binômio morte-ressurreição de Cristo trouxe à desolada humanidade reconciliação com Deus, através do sacrifício vicário de seu Filho Jesus. Para Bultmann, “Cristo, o Filho de Deus, veio e se revelou na carne [...], sofreu e morreu por nós na cruz [...], por seu sangue [...] conquistou o perdão dos pecados [...], por sua ressurreição destruiu a morte e conseguiu a vida³⁶⁷”, com a específica finalidade de trazer salvação a toda humanidade.

É através do evento morte-ressurreição de Cristo que a salvação é efetuada. E, para Pannenberg, entre os efeitos da salvação, encontra-se a reconciliação do homem com o criador. O sacrifício do Filho encarnado culminou na comunicação do Espírito aos fiéis:

Na concretização do evento da reconciliação e da mediação histórica de seus efeitos de salvação, a encarnação do Filho precede - ou seja, sua atuação terrena, morte e ressurreição precedem - a comunicação do

³⁶⁴ QUEIRUGA, Andrés Torres. **Esperança apesar do mal**: a ressurreição como horizonte. Trad. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007. p.150.

³⁶⁵ BULTMANN, 2008. p. 359.

³⁶⁶ BULTMANN, 2008. p. 360.

³⁶⁷ BULTMANN, 2008. p. 611.

Espírito aos fiéis. É somente nesse contexto que se fala de um "envio", pelo Filho, do Espírito que em eternidade emana do Pai (Jo 15.26s; 16.7).³⁶⁸

Destarte, a questão salvífica aponta para a glorificação do Cristo ressurreto. Sua morte e ressurreição trouxe salvação a todos quantos o aceitarem.³⁶⁹

Para Fee, “Paulo desenvolve a sua Soteriologia cristológica [através de] uma identificação da morte e ressurreição de Cristo como o meio da salvação”.³⁷⁰

Ao defender a ressurreição de Cristo no capítulo 15 da Primeira Carta aos Coríntios, coadunado a expressão que emprega no hino da Carta aos colossenses (Cl 1.18) “primogênito dentre os mortos”, Paulo situa a ressurreição de Cristo na escatologia apocalíptica.³⁷¹

Conforme Cerfaux, a teologia paulina nos comunica que, “pela influência do Cristo ressuscitado, que exerce sua onipotência espiritual e renova tudo, todos quantos a ele se achegam, são transformados em nova criatura (2 Co 5.17)”.³⁷²

Por conta disso, Paulo tem em alta relevância a ressurreição de Cristo. Nesse sentido, Bortolini, para quem “a grande vitória dos cristãos é a ressurreição de Cristo, aquele que foi morto (sic), mas voltou à vida”.³⁷³

Para Cerfaux, “a associação destes dois temas, morte redentora – ressurreição é especialmente cristã”.³⁷⁴ Por conta disso, para embasar e bem fundamentar sua apologética ao evento morte-ressurreição de Cristo, perquire-se o empenho de Paulo em demonstrar acerca da veracidade deste, alçando-o ao patamar escriturístico. Por conta disso, em Paulo torna-se irrefutável a ressurreição de Cristo.³⁷⁵

Não sem motivo, por conta disso, Cristo e sua ressurreição, obtém a primazia na teologia paulina; sendo por esta considerada elemento fundante da nova religião, conforme se perscruta de seu escrito epistolar: “Se Cristo não ressuscitou, nossa mensagem é vazia de sua substância, vazia é também vossa fé” (15.14). Destarte, pode-se inferir, indubitavelmente, que a totalidade do capítulo 15 da

³⁶⁸ PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática** – vol. 3. Trad. Werner Fuchs. Santo André/SP: Academia Cristã; Paulus, 2009. p. 29.

³⁶⁹ BOFF, 1986. p. 43.

³⁷⁰ FEE, 2019. p. 26.

³⁷¹ CERFAUX, 2003. p. 54.

³⁷² CERFAUX, 2003. p. 77.

³⁷³ BORTOLINI, José. **Como ler a Segunda Carta aos Coríntios: O agente de pastoral e o poder**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 15.

³⁷⁴ CERFAUX, 2012. p. 60.

³⁷⁵ KISTEMAKER, 2014. p. 650.

Primeira Carta aos coríntios é um Tratado da reflexão cristã da ressurreição. Sendo visíveis, patentes, definidos e delineados, no presente caso, sua teologia, história, apologética.³⁷⁶

E é justamente por conta disso que, em Paulo, a ressurreição de Cristo é mola propulsora de sua teologia e cristologia, funcionando como verdadeira essência do evangelho, condição essencial à sua existência.

Por conta disso, em Paulo, a ressurreição de Cristo é basilar em sua mensagem, pois representa que, aquele que a si mesmo, de forma compassiva e amorosa, se entregou em resgate de muitos (1Tm 2.6), possibilitou com isso, aos seus seguidores livre acesso à Deus (Ef 2.18).³⁷⁷ Destarte, para Paulo, a ressurreição de Cristo marca o início da plenitude dos tempos (Gl 4.4), a principiar-se na ressurreição dos mortos³⁷⁸. Desse modo, é somente através da ressurreição de Cristo, segundo a teologia paulina (2Tm 1.8,9) que se obtém acesso à Deus.³⁷⁹

4.1.1 O sepulcro vazio

Contudo, não se pode falar de ressurreição de Cristo, sem se aludir a tradição do “sepulcro ou túmulo vazio”. Discussão de calorosos debates ao longo dos séculos.³⁸⁰ A questão do “sepulcro vazio” encontra-se de modo indelével arraigado na compreensão da ressurreição de Cristo. Panasiewicz e Reis prelecionam que, “os relatos do sepulcro vazio são afirmados em todos os evangelhos [...]. [Contudo], há razões tanto para a sua afirmação como para sua negação³⁸¹”. O que corrobora Queiruga ao aludir acerca do episódio do “sepulcro vazio”, afirmando que em relação aos dias atuais, a negação ao fato do “sepulcro vazio, conforme a visão de alguns teólogos, não representa perigo à fé no Ressuscitado”.³⁸²

Ainda Queiruga, aduz que, “[...] são muitos os autores que fazem a fé na ressurreição independer da postura que se adote a respeito: reconhece-se que

³⁷⁶ CERFAUX, 2003. p. 26.

³⁷⁷ ARAÚJO, 2002. p. 38.

³⁷⁸ ARAÚJO, 2002. p. 27.

³⁷⁹ ARAÚJO. 2002. p. 43.

³⁸⁰ PINHO, Arnaldo de. **O anúncio e a pregação a ressurreição na fé da Igreja e sua formulação hoje. Humanística e Teologia.** 35:1 (2014) 77-85.

³⁸¹ PANASIEWICZ, p. 43-56. jan./jun.2013.

³⁸² QUEIRUGA, 2010. p. 30.

podem crer nela tanto os que pensam que o sepulcro ficou vazio como os que afirmam o contrário”.³⁸³ E a explicação para Queiruga é simples: “o Ressuscitado é invisível e intangível tanto para quem afirma que o sepulcro ficou vazio como para quem afirma o contrário”.³⁸⁴ “Isso é importante [finaliza Queiruga], pois o que, no fundo e com toda a legitimidade, a afirmação do sepulcro vazio pretende salvaguardar é a identidade do Ressuscitado”.³⁸⁵

Mesma senda trilhada por Costa, para quem:

A ressurreição mesma é concebida como um abandono do sepulcro (Mt 27,53). [...] O sepulcro vazio orienta para o acontecimento da ressurreição. [...] Então, proclamar a ressurreição implica o acontecimento do sepulcro vazio. [...] O túmulo vazio significava que Cristo tinha ressuscitado. [...] O sepulcro vazio é um canal de união entre o crucificado e as aparições do ressuscitado.³⁸⁶

Para Boff, “a tradição do sepulcro vazio se formou em Jerusalém”.³⁸⁷ Ainda, conforme Boff: “o sepulcro vazio é um sinal que fala a todos e leva a refletir na possibilidade da Ressurreição. É um convite à fé”.³⁸⁸ Mas, este convite à fé, em Boff, não é possível apenas pelo fato do sepulcro vazio, mas, circunscrito a este, o fato da ressurreição de Cristo, atestado pelas suas aparições pós-pascais.³⁸⁹ O que coadunam, Panasiewicz e Reis, ao afirmarem que, “no contexto neotestamentário, a experiência profunda da ressurreição de Jesus Cristo [...], foi expressa por meio da experiência do encontro com o ressuscitado [...] e do sepulcro vazio”.³⁹⁰

Referidas aparições, ensejadoras à profissão de fé na ressurreição, diga-se de passagem, teve nos dizeres de Boff, o condão de retirar a ambiguidade do sepulcro vazio: “A profissão de fé na ressurreição de Jesus é a resposta às aparições. Só elas tiraram a ambiguidade do sepulcro vazio e deram origem à exclamação dos Apóstolos: Ele ressuscitou verdadeiramente!”³⁹¹

As aparições do Cristo ressurreto, nos dizeres de Marques, ensejaram o testemunho dos primeiros apóstolos, capaz de assegurar a veracidade de seus argumentos: “O testemunho dos discípulos não se baseava no evento em que Jesus

³⁸³ QUEIRUGA, 2010. p. 270.

³⁸⁴ QUEIRUGA, 2010. p. 270.

³⁸⁵ QUEIRUGA, 2010. p. 270.

³⁸⁶ COSTA, p. 730-754, set./dez., 2016.

³⁸⁷ BOFF, 1986. p. 46.

³⁸⁸ BOFF, 1986. p. 48.

³⁸⁹ BOFF, 1986. p. 47.

³⁹⁰ PANASIEWICZ, p. 43-56. jan./jun.2013.

³⁹¹ BOFF, 1986. p. 49.

foi ressuscitado, o qual ninguém viu, mas, sim, nos seus encontros com o Ressuscitado”.³⁹²

Ainda Boff argumenta que, “assim como Elias foi “arrebatado” ao céu [...] da mesma forma Jesus [...]. O emprego dessa terminologia pôde certamente ser sugerido pelo fato do desaparecimento do corpo de Cristo [...] ao qual os textos dão certa importância”.³⁹³ Por conta disso, a questão atinente ao surgimento do “sepulcro vazio”, se dá conforme Boff, pelo fato de que ninguém presenciou a ressurreição de Cristo.³⁹⁴ Apenas há uma literatura, conforme aponta o próprio Boff, que se trata do evangelho apócrifo de S. Pedro, cuja circulação se deu por volta do ano 150 d.C. Este evangelho afirma, conforme Boff, que a ressurreição de Cristo se deu diante dos vigias e anciãos judeus. Ou seja, fora presenciada por estes. Contudo, referido evangelho, descoberto nos idos de 1886, fora rejeitado como canônico pela igreja, pois seu conteúdo foi colocado em dúvida.³⁹⁵

Conforme Soares, a ausência de testemunha ocular da ressurreição de Cristo, ensejou o descrédito por parte de alguns, na tradição primitiva nominada “sepulcro vazio”, “como o exemplo mais clássico de uma tentativa de suavizar um grande problema para o cristianismo primitivo”.³⁹⁶

Nesta toada, Soares argumenta acerca do suborno oferecido aos guardas responsáveis pela guarda do túmulo de Jesus, conforme registrado no capítulo 27 de Mateus. “Fato que inviabilizaria a tradição do túmulo vazio como prova cabal da ressurreição”, aduz.³⁹⁷

Contudo, para Boff, há que se destacar a incontestabilidade do “sepulcro vazio”, conforme bem atesta Mc 16.1, que relata acerca da atitude de três mulheres, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e Salomé, que munidas de fragrâncias aromáticas, tencionavam ungi o corpo inerte de Jesus.³⁹⁸ Todavia, o corpo inerte de Cristo não mais se encontrava no sepulcro. O que pode ser comprovado pelas

³⁹² MARQUES, p. 25-50, jan. dez. 2017.

³⁹³ BOFF, 1986. p. 42.

³⁹⁴ BOFF, 1986. p. 45.

³⁹⁵ BOFF, 1986. p. 45.

³⁹⁶ SOARES, Elizangela. **Se cristo não ressuscitou**: vislumbres da escatologia pessoal cristã primitiva. São Bernardo do Campo: Oracula, 3.6, 2007. p. 42.

³⁹⁷ SOARES, Dionísio Oliveira. **A ressurreição corporal na tradição paulina**: O sôma psychikón e o sôma pneumatikón. Atualidade Teológica Ano XIII nº 33, setembro a dezembro / 2009. p. 409.

³⁹⁸ Marcos 16.1: Ao encerrar-se o sábado, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram especiarias aromáticas para ungi o corpo de Jesus.

aparições pós-pascais, atestadas inclusive por Paulo em 1Cor 15.6, onde se relata que o Cristo ressurreto fora visto por mais de quinhentos irmãos.

Para Boff, extraem-se deste episódio, dois fatos principais: a esta época, os judeus veneravam os túmulos dos profetas. Conseqüentemente, os cristãos, desde cedo, passaram a venerar o local onde fora sepultado o Senhor. E o principal. Mulheres que haviam estado com o Mestre, seguindo este costume, levavam especiarias para ungir seu corpo, contudo, foram as primeiras a verificar que de fato o Senhor já havia ressuscitado. “[...] O Senhor vive e ressuscitou. O sepulcro está vazio”.³⁹⁹

Exegetas tanto católicos quanto protestantes afirmam um núcleo central histórico, anterior aos evangelhos. As mulheres encontraram o sepulcro vazio. Esse núcleo histórico foi tradicionalizado em ambientes cultuais. É sabido que os judeus veneravam os túmulos dos profetas. Assim semelhantemente desde cedo os cristãos começaram a venerar os lugares onde se realizou o mistério cristão em Jerusalém. Dramatizavam-no em três momentos principais: uma recordação (anamnese) da última noite de Jesus, por ocasião do ágape fraternal; uma liturgia da sexta-feira santa na hora em que se celebravam as orações judias; e uma ação litúrgica na manhã de páscoa com uma visita ao sepulcro de Jesus. Por isso os textos do relato do encontro do sepulcro vazio mostram um interesse especial pelo lugar: “Ele não está aqui. Vede o lugar onde o depositaram” (Mc 16,6b). Essa tradição porém não se preocupou em dar exatamente os detalhes. Basta comparar os paralelos sinóticos e João para se observar as divergências (no número de mulheres; no número de anjos; divergências nos motivos por que as mulheres foram ao sepulcro; diferença no horário; diferença na mensagem do anjo; diferença na reação das mulheres frente ao sepulcro vazio). O relato contudo (sic) atém ao essencial: O Senhor vive e ressuscitou. O sepulcro está vazio.⁴⁰⁰

Aliás, nada melhor que o depoimento de testemunhas, para se atestar determinado fato. Pensamento perfilhado por Hodge ao argumentar que:

[...] a ressurreição de Cristo é um fato histórico, ela deve ser provada por evidência histórica. Portanto, o apóstolo apela ao testemunho de testemunhas competentes. Todas as leis humanas presumem que o testemunho de duas testemunhas, quando não há contradição, produz convicção da verdade do fato [...].⁴⁰¹

Destarte, vislumbra-se não se tratar de abstração, ou infundada ilação, a ressurreição de Cristo. O que corroboram Wright e Evans, ao prelecionarem, “a morte, o sepultamento e a ressurreição de Jesus não são meras ideias teológicas,

³⁹⁹ Marcos 16.6: Ele, porém, disse-lhes: Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram.

⁴⁰⁰ BOFF, 1986. p. 46s.

⁴⁰¹ HODGE, 2021. p. 341.

mas eventos reais [...] que despertaram a fé”.⁴⁰² E na preleção de Sebastiana e Machado, extraímos que, “Paulo pregou em Corinto o Cristo crucificado [...], mas não parou por aí. Ele sempre declarou que Cristo ressuscitou dos mortos”.⁴⁰³ Corroborado pelo relato matiano, onde temos o ponto central do sepulcro vazio: “Ele não está aqui, porque já ressuscitou [...]” (Mateus 28.6).

Em Paulo, a ressurreição de Cristo marca o início de uma nova era e, tem o poder de trazer consigo as Boas Novas do Evangelho. Doravante, o interregno temporal compreendido entre o século presente e a ressurreição escatológica, pode ser denominado período de transição para os cristãos. Período esse, em que o acesso à parusia, possível apenas e tão somente pela ressurreição de Cristo, é algo místico, que se desdobrará com toda a certeza na ressurreição geral.⁴⁰⁴ Importante mencionar que, mediante a ressurreição de Cristo se proclama que tudo quanto Jesus fez e falou em seu ministério terreno, tinha um significado maior, que apontava para a sua cruz. Mas, não apenas apontava para a cruz, no martírio vicário de Cristo, mas também no túmulo vazio e, neste último reside o supedâneo da cristologia paulina. Portanto, Cristo tinha razão em tudo o que fez e falou em seu ministério terreno, que se encerrou não na cruz, mas, no túmulo vazio, conforme Paulo (15.3,4). A ressurreição de Cristo, portanto, mostra-nos o cumprimento da causa, a que ele veio (1Tm 1.15) “salvar os pecadores””.⁴⁰⁵

A pregação de Paulo sobre a paixão e ressurreição de Cristo, funciona como antecipação do fim da história e por isso, é escatológica. Esta antecipação conforme a teologia paulina se manifestou no crucificado que, por sua vez culminou no túmulo vazio. A fé que daí surge traz esperança em seu bojo de uma nova justiça a todos àqueles que abraçarem esta fé. A ressurreição de Cristo, dentre outros, fez triunfar a justiça. A fórmula “ressurreição dos mortos” se traduz, em Paulo, na expectativa da justiça de Deus. Em Paulo, todo aquele que “está em Cristo”, encontra-se de igual modo, morto e ressuscitado com ele (Rm 6,8). E é justamente por isso, que a defesa da ressurreição, com todas as suas nuances e implicações, torna-se central na

⁴⁰² WRIGHT, 2020. p. 14.

⁴⁰³ NOGUEIRA, Sebastiana; MACHADO, Jonas. **Lendo as cartas aos coríntios: unidade, diversidade e autoridade apostólica na comunidade cristã.** São Paulo: Paulus, 2021. p. 116.

⁴⁰⁴ BECKER, 2007. p. 72.

⁴⁰⁵ ARAÚJO, 2002. p. 37.

teologia paulina. Conforme a preleção de Vermes, “...Paulo teve um papel crucial no estabelecimento da ressurreição como núcleo da mensagem cristã”.⁴⁰⁶

4.1.2 A Ressurreição dos Mortos

Paulo inicia sua defesa a ressurreição pela ressurreição corpórea, no versículo 12 do capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios, fundamentando-a na ressurreição de Cristo, que possibilitou as demais ressurreições tratadas no capítulo 15. Pois, quando parcela da comunidade de fé de Corinto, nega a ressurreição do corpo, influenciada pelo pensamento grego, acabam por anular a ressurreição de Cristo, central do Evangelho, bem como acabam também por extinguir grande esperança da Igreja, a ressurreição final, quando da parusia.

Exatamente por isso, “a ressurreição dos mortos tem um lugar especial na teologia paulina”, pontua Marguerat.⁴⁰⁷ Para Queiruga, “falar de ressurreição implica falar de uma vida presenteada por Deus a um ser, o ser humano, que, em si, é mortal”.⁴⁰⁸

Perscruta-se na teologia paulina a indissociabilidade da ressurreição de Cristo e a ressurreição dos mortos. Para Paulo a ressurreição de Cristo aponta para a ressurreição do corpo. Em Paulo o mesmo poder miraculoso de Deus que ressuscitou Cristo, ressuscitará também os cristãos. Em Paulo se perquire o liame existente entre a ressurreição de Cristo, que possibilitou a ressurreição dos mortos e a ressurreição final. E tudo isso, pelo poder de Deus.⁴⁰⁹

Para Paulo, o ato de Deus de ressuscitar os mortos, revela o seu grande poder em trazer a existência todas às coisas (Rm 4.17). A ressurreição de Cristo, como clímax da salvação por este a todos propiciada, somente foi possível pelo imensurável poder de Deus, que a partir de então tornou possível a ressurreição dos mortos, essência da defesa paulina à ressurreição, em contraposição ao pensamento sofista grego que acabou por influenciar parte da igreja em Corinto, que considerava impossível a ressurreição de um corpo em decomposição.⁴¹⁰

⁴⁰⁶ VERMES, 2013. p. 143.

⁴⁰⁷ MARGUERAT, 2015. p. 253.

⁴⁰⁸ QUEIRUGA, 2010. p. 123.

⁴⁰⁹ GREATHOUSE; METZ; CARVER, 2006. p. 289.

⁴¹⁰ DUNN, 2003. p. 69.

Paulo ao defender a ressurreição corpórea afirma que, o primeiro homem é da terra (15.47). Este, é corpo vitalizado e caracterizado pela *ψυχή* (psyche “alma”), o último, caracterizado pelo *πνευμα* (pneuma “espírito”), é do céu (15.47,48). O primeiro, representado por Adão, termina na morte (15.22). Cristo representa o último, o espírito vivificante do versículo 45 do capítulo 15, cuja ressurreição eterna, auspícia a ressurreição corpórea. Corroborando o disposto supra, Dunn reverbera que “Adão representa a humanidade através da vida para a morte, Cristo representa a humanidade através da morte para a vida”.⁴¹¹

Em 1Cor 15.35-44, Paulo faz uma distinção entre o corpo atual e o corpo da ressurreição. Ao todo totalizam-se onze ocorrências sobre corpo em 1Cor 15. Vislumbra-se a importância de Paulo a defesa da ressurreição corpórea pela reiteração do tema no capítulo em exame. No versículo 1 do capítulo 3 da Carta aos Filipenses, Paulo assim se refere aos cristãos da cidade de Filipos: “Não me é penoso a mim escrever-vos as mesmas coisas, e a vós vos dá segurança”. Ao que tudo indica, para a segurança dos cristãos coríntios Paulo deu ênfase a doutrina da ressurreição corpórea, evidentemente enfrentando qualquer incredulidade de que possa haver ressurreição do corpo (15.12-35). Paulo utiliza a analogia para dizer que “o corpo atual (a corporificação da alma) termina em corrupção, desonra, fraqueza” (15.42-44); ao passo que, o corpo da ressurreição (15.45) é ressuscitado em incorruptibilidade (15.52-54).⁴¹²

Perscruta-se inserto a teologia paulina, inúmeros aspectos reunidos em torno da esperança da ressurreição do corpo. A ressurreição do corpo na teologia paulina, é intrínseca ao evangelho por Paulo pregado (15.12-19). Destarte, a vitória sobre a morte é central no evangelho de Paulo (15.21-22,26,54-57). O imbróglio patrocinado pela comunidade de Corinto, quanto a tensão entre carne e corpo, é brilhante e pormenorizadamente resolvido por Paulo (15.42-54), não deixando margens à dúvidas, quanto a possibilidade da ressurreição do corpo, ainda que em estado de putrefação e decomposição, o que era inconcebível e incabível no pensamento sofista grego.⁴¹³

Em síntese, assim como no mundo vegetal, onde o velho corpo (semente) morre, para ceder espaço a um novo (árvores e plantas), Deus dá a cada qual seu

⁴¹¹ DUNN, 2003. p. 288.

⁴¹² DUNN, 2003. p. 91.

⁴¹³ DUNN, 2003. p. 553.

corpo respectivo (15.38). O que Paulo pretende dizer é que, o mesmo Deus que opera o milagre no corpo vegetal, também é poderoso para o operar no corpo animal (15.44). O argumento paulino não deixa dúvidas. O mesmo Deus que age na reprodução das espécies no reino vegetal, propiciando-lhes nova vida, dará novo corpo a quem irá ressuscitar dos mortos. Para embasar seu argumento, Paulo utiliza como valor ilustrativo, um exemplo comum a seu tempo, do grão de trigo (15.37).⁴¹⁴

4.1.3 A Ressurreição Final

Portanto, percebe-se então, que no capítulo 15, Paulo fundamenta sua defesa à ressurreição pela ressurreição de Cristo, que torna possível tanto a ressurreição corpórea, quanto a ressurreição final, por onde finaliza o capítulo da defesa a ressurreição. Quanto a ressurreição final, a princípio, importante trazer à baila ensinamento de Marques, para quem, a ressurreição final é assegurada pela ressurreição de Cristo, que a propiciou. E isso, “[...], porque a ressurreição de Jesus representou o começo do fim da era presente e, conseqüentemente, a realização das esperanças escatológicas dos fiéis”.⁴¹⁵ Nesta senda Cerfaux, ao prelecionar que, “[...] os últimos tempos chegaram com o cristianismo [...]”.⁴¹⁶

Mesmo pensar de Hodge, ao prelecionar que, “embora a ressurreição de Cristo assegure a ressurreição do Seu povo, os dois eventos não são contemporâneos. Cristo ressuscitou primeiro; Seu povo ressuscitará quando Cristo vier pela segunda vez. Então virá a consumação final [...]”.⁴¹⁷

Já para Marguerat, a ressurreição dos mortos encontra-se umbilicalmente ligada à ressurreição final, momento da transformação final da criação corruptível em criação incorruptível:

Em 1 Coríntios 15,1-58, a ressurreição dos mortos faz parte da transformação final da criação corruptível em criação incorruptível. A fé na ressurreição é fundada no querigma da morte e ressurreição de Jesus. Ao som da trombeta (1Cor 15,52), os mortos vão ressuscitar, a fim de que todos, vivos e mortos, possam ser transformados. O último inimigo de Deus, a morte, será então vencido.⁴¹⁸

⁴¹⁴ BRAKEMEIER, 2008. p. 211.

⁴¹⁵ MARQUES, p. 25-50, jan. dez. 2017.

⁴¹⁶ CERFAUX, 2012. p. 99.

⁴¹⁷ HODGE, 2021. p. 337.

⁴¹⁸ MARGUERAT, 2015. p. 254.

Fica claro, portanto, que a concepção bíblica da ressurreição está íntima e até indissolúvelmente unida à ideia de uma história que, para o indivíduo e para a humanidade, se apresenta como um caminho único. E isso de tal modo que, partindo do amor criador de Deus e acompanhada por ele, tal história se desenvolve em um tempo irreversível, para alcançar a plenitude na comunhão definitiva da salvação final.⁴¹⁹

Destarte, a ressurreição de Cristo antecipa a parusia, que em Paulo significa, a aniquilação do império da morte (15.26). Mas, a ressurreição de Cristo, também traz a abolição em princípio, do pecado, das potestades e da Lei, substituindo-os por dons do Espírito, vida nova e, possibilidade de acesso a Deus Pai.⁴²⁰

Portanto, ao afirmar como real a ressurreição de Cristo, bem como a ressurreição final dos crentes, quando da parusia, o Apóstolo Paulo apologeticamente e de modo aguerrido defende a esperança, a essência e o sentido da fé cristã.⁴²¹ Há que se consignar que, encontra-se inserto ao misticismo apocalíptico de Paulo, lugar para o paraíso (2º Coríntios 12:4), sendo este entendido como o “lugar celeste onde os santos desfrutam da comunhão com Deus”. Esse lugar é a habitação dos santos que morreram e, que aguardam a ressurreição de seus corpos, conforme exposto por Cristo, quando de sua crucificação, àquele que foi crucificado ao seu lado (Lucas 23.43). Ao imiscuir-se no apocalíptico de Paulo, Segal, preleciona que “Paulo é um apocalíptico judaico do primeiro século, e como tal era também um místico⁴²²”. Segal finaliza afirmando que “para entender o judaísmo de Paulo e sua conversão, seu misticismo deve ser investigado”.⁴²³

Em 1Cor 15.23, Paulo faz uso da linguagem apocalíptica “parusia”, já utilizada antes por ele em 1Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23. Essa apocalíptica do retorno de Cristo significa a superação definitiva da morte e sua limitação (1Cor 15,55).⁴²⁴ O testemunho dos evangelhos que dão conta da ressurreição de Jesus é reforçado por Paulo em sua defesa à doutrina da ressurreição em 1ª Coríntios 15. Vislumbra-se assim, na defesa paulina, a preocupação do apóstolo quanto à ressurreição

⁴¹⁹ QUEIRUGA, 2010. p. 130.

⁴²⁰ CERFAUX, 2012. p. 41.

⁴²¹ BRAKEMEIER, 2008. p. 200.

⁴²² SEGAL, 2010. p. 69.

⁴²³ SEGAL, 2010. p. 70.

⁴²⁴ MAZZAROLO, 2011. p. 154.

escatológica dos santos, por conta da parusia (ressurreição escatológica do final dos tempos”).⁴²⁵

Cumprir ressaltar que, não há se falar em cristologia de Paulo dissociado da segunda vinda do Cristo exaltado. Seria teologicamente incompleto se abandonássemos a análise da cristologia de Paulo sem considerarmos a ressurreição de Cristo, portanto, a cristologia de Paulo abraça ambas. Em Paulo, a segunda vinda de Cristo, leia-se, ressurreição final, levará ao clímax a obra da salvação iniciada na cruz.⁴²⁶

E essa proclamação conforme Bultmann, prenunciam Jesus Cristo como ato salvífico escatológico de Deus e, funciona como fato gerador da fé cristã: “Fé cristã [...] existe só a partir do momento em que existe um querigma cristão, isto é, um querigma que proclama a Jesus Cristo como ato salvífico escatológico de Deus, ou seja, Jesus Cristo, o crucificado e ressurreto”.⁴²⁷

Ao finalizar o capítulo da sua defesa à ressurreição, no versículo 55, o apóstolo dos gentios então pergunta: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?” A vitória sobre a morte, complementa o autor, é promessa bíblica a se cumprir na forma da ressurreição. Portanto, a certeza da ressurreição final em Paulo é algo credível e não abstrato.⁴²⁸ A ressurreição de Cristo em Paulo lança luz para o futuro escatológico, que é factível.⁴²⁹ Para a teologia paulina, a ressurreição de Cristo é um evento escatológico que possibilitou a existência a partir de então da igreja.⁴³⁰

O modelo da ressurreição final é patente em 1Cor 15 no Cristo ressuscitado.⁴³¹ Em 2Cor 4.14 afirma-se a esperança de que Deus “que ressuscitou o Senhor Jesus ressuscitará também a nós com Jesus e nos apresentará ao lado dele...”.⁴³² A ressurreição final conduzirá aqueles que morreram em Cristo para a

⁴²⁵ LADD, 1997. p. 309.

⁴²⁶ DUNN, 2003. p. 346.

⁴²⁷ BULTMANN, 2008. p. 40.

⁴²⁸ BRAKEMEIER, 2008. p. 32.

⁴²⁹ DUNN, 2003. p. 346.

⁴³⁰ LADD, 1997. p. 310.

⁴³¹ DUNN, 2003. p. 360.

⁴³² DUNN, 2003. p. 361.

vida eterna da Era Porvir.⁴³³ A ressurreição de Jesus, portanto, foi um evento escatológico, que possibilita a ressurreição escatológica.⁴³⁴

4.2 *ETHOS, PATHOS E LOGOS NA APOLOGIA DE PAULO*

4.2.1 *O Ethos na Apologia de Paulo*

2 Pedro 3.15: E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada;

16: Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição.

Nos versículos supra, Pedro, o apóstolo, ao obter acesso as proto-cartas paulinas, faz menção às mesmas, elevando-as ao nível Escriturístico. As cartas de Paulo, eram de conhecimento não apenas das comunidades destinatárias, mas também circulavam às demais comunidades de fé da época. Nelas, o apóstolo expõe sua teologia e cristologia e argumenta com ares de apologia acerca da permanência destas comunidades à fé que um dia dele aprenderam.

Paulo em sua apologia procura convencer seu público do que afirma. Enquanto se afasta de seus opositores, aqueles que maculam o genuíno Evangelho, por meio de comparações e até mesmo de autoelogio. Configurando-se aí, o ethos em seu discurso.⁴³⁵

Ínsito à análise do discurso, encontramos o ethos, bem como o pathos e o logos, que juntos possuem o poder de persuasão. Imprimir certeza daquilo que se fala no ouvinte de modo a dissuadi-lo convincentemente. Segundo Menezes apud Paulinelli, “atribui-se a Aristóteles, na Antiguidade clássica, a sistematização dos estudos sobre os meios de persuasão”.⁴³⁶ O que corrobora Nascimento ao prelecionar que, “Aristóteles criou o que podemos chamar de um manual capaz de

⁴³³ LADD, 1997. p. 314.

⁴³⁴ LADD, 1997. p. 317.

⁴³⁵ RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. A apologia de Paulo na segunda carta aos Coríntios: uma análise retórica. **Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010. p. 85.

⁴³⁶ MENEZES, 2004 apud PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. **Retórica: argumentação e discurso em retrospectiva**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

elencar todos os passos para se atingir a persuasão diante de um determinado público”.⁴³⁷

Com vistas a se alcançar os objetivos propostos pela presente pesquisa, qual seja, a demonstração da negação da ressurreição pela comunidade de Corinto e o enfrentamento paulino à tal celeuma, é viabilizado através do desenvolvimento de uma metodologia consistente eminentemente em material bibliográfico, utilizando-se, sobretudo, de autores, que visualizam a persuasão como meio de convencimento, presente nos discursos. Dentre estes autores destacamos Sousa, Ferreira e Lima.

Sousa, aliás, enxerga um tênue liame entre convencimento e persuasão, encontrando-se esta, “estritamente ligada ao acto de convencer⁴³⁸” E aqui citamos o discurso de Paulo, em forma de aguerrida apologética às ressurreições, corpórea, de Cristo e final, quando da parusia. Corroborado por Ferreira, ao prelecionar: “É, então, ainda (como em 1Coríntios) a questão do êthos que resiste no conjunto de problemas que o enunciador necessita tratar. [...] Assim o êthos legítimo para responder às inquietações [...]. [Pois] em 1Coríntios Paulo [...] conclama o seu auditório”.⁴³⁹

Nesta parte em específico da pesquisa, buscou-se um elemento inserto aos discursos paulinos que outorgava-lhe credibilidade diante de seus interlocutores, encontrando na “persuasão” nos discursos, mormente ínsitos à retórica aristotélica, um relevante referencial teórico para tal.

Dessarte, citamos como referencial teórico, a questão da persuasão dos discursos, tão importante para o filósofo Aristóteles, ao prelecionar, “De fato, em uma certa medida, todos procuram discutir e sustentar teses [...]”.⁴⁴⁰ E, é justamente neste sustentar de teses, que o orador se empenhará no convencimento de seu receptor.

Ademais, é nesse “sustentar de teses”, insta mencionar, que se encontra a persuasão pretendida pelo orador. Para Aristóteles, [...] “a persuasão é obtida

⁴³⁷ NASCIMENTO, Joelson Santos. **A relação entre lógica, páthos e ethos na arte retórica de Aristóteles**. Anais de filosofia clássica, vol. 9 nº17, 2015. p.39.

⁴³⁸ SOUSA, Américo. **A persuasão**. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2001. p.8.

⁴³⁹ FERREIRA, Moisés Olímpio. **A arte retórica nos discursos do apóstolo Paulo**: as estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditórios. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

⁴⁴⁰ ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019. p.40.

através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta”.⁴⁴¹ O que corrobora Lima, ao prelecionar que, “pela retórica aristotélica, aquele que discursa busca persuadir o ouvinte”.⁴⁴²

Dessarte, o objetivo desta persuasão é o convencimento do auditório, conforme extrai-se da arte retórica de Aristóteles, consoante os dizeres de Sousa. Consistindo “[...] nos principais meios ou recursos persuasivos de que se vale o orador para convencer o auditório”.⁴⁴³

Aristóteles não concebeu a persuasão intrínseca aos discursos, mas a aperfeiçoou de modo conciso. Nesta senda, Lima aduz que, “[muito] embora a prática persuasiva tenha historicamente existido em culturas diversas, o estudo dessa arte recebeu significativa atenção de antigos filósofos gregos, entre os quais destacamos Aristóteles [...], pensador que escreveu a obra Retórica”.⁴⁴⁴

Podemos, dessarte, afirmar que, a persuasão é parte intrínseca da retórica, sobretudo, a aristotélica. Nesse sentido, Reboul citado por Lima, define a retórica, “como sendo a arte de persuadir pelo discurso”.⁴⁴⁵

Referida persuasão pode ser obtida através da confiança transmitida no discurso do orador em seus ouvintes. Confiança esta, intimamente ligada ao caráter subjetivo do orador. É o que se depreende da lição nos legada por Aristóteles, citado por Abuchaim e Pereira:

Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança. As pessoas de bem inspiram confiança mais eficazmente e mais rapidamente em todos os assuntos, de um modo geral; mas nas questões em que não há possibilidade de obter certeza e que se prestam à dúvida, essa confiança reveste particular importância. É preciso também que este resultado seja obtido pelo discurso sem que intervenha qualquer preconceito favorável ao caráter do orador [...].⁴⁴⁶

⁴⁴¹ ARISTÓTELES, 2019. p.46.

⁴⁴² LIMA, 2011. p.25.

⁴⁴³ SOUSA, 2001. p.17.

⁴⁴⁴ LIMA, Marcos Aurélio de. **A retórica em Aristóteles**: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Natal: IFRN, 2011. p.14.

⁴⁴⁵ REBOUL, 2004 *apud* LIMA, 2011. p.26.

⁴⁴⁶ ARISTÓTELES, 2005 *apud* ABUCHAIM, Cláudia; PEREIRA Maria de Lourdes e Silva. **Artimanhas do dizer**: retórica, oratória e eloquência. Org. Luiz Antonio Ferreira. São Paulo: Blucher, 2017. p.78s.

Em Aristóteles apud Nascimento, temos que a persuasão também pode ser obtida pelo caráter do orador. Algo que se convencionou, conforme a filosofia aristotélica de “ethos”:

Persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão do orador ser digno de fé. Pois acreditamos bem mais e depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas, sobretudo nas que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida (Ret., I, 1356a).⁴⁴⁷

Cortella disserta acerca da semântica do termo “ethos”, ao afirmar:

[...] que até o século VI a.C. significava “morada do humano”. A expressão *domus*, em latim, é uma tradução do grego *ethos*. *Ethos* é o lugar onde habitamos, é a nossa casa. [...] *Ethos* também significa “marca” ou “caracter”. [...] Porque você fala em “caracter”, “ca-racterística” é aquilo que te marca. *Ethos* é a morada do humano, *ethos* é a fronteira entre o humano e a natureza.⁴⁴⁸

O *ethos* encontra-se inserido no discurso, que por sua vez é gestado em torno de uma problemática que envolve questões.⁴⁴⁹ Quanto ao discurso, conforme Aristóteles, três elementos o compõem: “o orador, o assunto e a pessoa a que se dirige o discurso”.⁴⁵⁰ Um dos elementos mais importantes nesta tríade aristotélica, é o ouvinte, pois é este quem “determina a finalidade e o objeto do discurso”.⁴⁵¹

E justamente ínsito ao discurso, encontramos a tríade *ethos*, *pathos* e *logos*. O *ethos* se apresenta como a resposta às questões levantadas pelos destinatários do discurso (no caso, o ouvinte), tendo o orador apresentado ao seu público, determinado ponto ou questão. O *pathos* pode ser definido como os anseios deste público, em forma de perguntas e indagações, mas que também podem se transformar em respostas, conforme a receptividade do auditório. Já o *logos* é o responsável por exprimir as ocorrências atinentes ao *pathos* e o *ethos*, seja as perguntas, seja as respostas, delineando possíveis disparidades entre ambos no discurso.⁴⁵² Na dicção de Ribeiro “é por meio do *logos* que os argumentos e as figuras retóricas se expressam no discurso. [...] o *logos* expressa tudo aquilo que

⁴⁴⁷ NASCIMENTO, 2015. p.41.

⁴⁴⁸ CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?:** Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 379. (Obs: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

⁴⁴⁹ RIBEIRO, 2010. p. 94.

⁴⁵⁰ ARISTÓTELES, 2019. p. 52.

⁴⁵¹ ARISTÓTELES, 2019. p. 52.

⁴⁵² RIBEIRO, 2010. p. 94.

está em questão”.⁴⁵³ Corroborado por Magalhães, ao preconizar que “a concatenação racional entre forma e conteúdo do discurso é chamada logos, “tudo aquilo que está em questão”.⁴⁵⁴

Paulo escreve sua apologia à ressurreição, procurando responder aos anseios atinentes ao Evangelho na comunidade de Corinto, bem como a todos os questionamentos encontrados na Primeira Carta aos Coríntios, que lhe foram direcionados, ocupando-se da utilização, tanto do *ethos*, quanto do *pathos* e *logos*, para tal.⁴⁵⁵

Ao utilizar a tríade *ethos-pathos-logos*, em sua defesa a ressurreição, Paulo utiliza de argumentos que são assimiláveis por seu auditório, procurando imprimir eficácia ao seu discurso. Para tanto Paulo deixa emergir sua cristologia, ao iniciar o capítulo da ressurreição (1Cor 15), afirmando que Cristo morreu por nossos pecados (15.3), ressurgindo dos mortos ao terceiro dia (15.4).⁴⁵⁶

Paulo cativa a atenção do seu público logo no início de seu discurso apologético. Vislumbra-se da cristologia paulina, Cristo ressurreto, o liame umbilical que liga Paulo e a igreja de Corinto. Conforme Ribeiro, “Paulo utiliza a presunção de interesse, que consiste em se achar que tudo o que vai ser dito pode ser de interesse. Dessa forma, firma o acordo com o auditório logo no início do discurso”.⁴⁵⁷

A empatia do auditório é fundamental em toda e qualquer argumentação. Haja vista, o orador conduz o seu discurso, buscando a receptividade e aceitação do seu público.⁴⁵⁸ E nisso reside, conforme Aristóteles, a persuasão pretendida pelo orador. “Por outro lado, a persuasão pode ser obtida através dos ouvintes quando o discurso afeta suas emoções; com efeito, os julgamentos que emitimos variam segundo experimentamos sentimentos de angústia ou júbilo, amizade ou hostilidade.”⁴⁵⁹

As proto-cartas paulinas, escritas com vistas a resolver problemas ortodoxos da comunidade de fé destinatária, bem como encorajá-las diante das adversidades

⁴⁵³ RIBEIRO, 2010. p. 94.

⁴⁵⁴ MAGALHÃES, Edith Maria Marques. Aproximações e afastamentos na formação do pedagogo: um estudo comparativo das argumentações de alunos das modalidades de ensino presencial e a distância. **Tese (Doutorado em Educação)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. p. 27.

⁴⁵⁵ RIBEIRO, 2010. p. 95.

⁴⁵⁶ RIBEIRO, 2010. p. 95.

⁴⁵⁷ RIBEIRO, 2010. p. 95.

⁴⁵⁸ RIBEIRO, 2010. p. 95.

⁴⁵⁹ ARISTÓTELES, 2019. p.45.

enfrentadas, eram partilhadas pelas demais igrejas ao entorno ou mesmo distantes da igreja destinatária. Serviam também para ser guardadas para posterior consulta. No caso do presente ensaio, Paulo se dirige a um grupo em específico, a comunidade de fé de Corinto, destinatária de duas cartas canônicas suas.⁴⁶⁰

O arcabouço lexical de Paulo é vasto. Em sua defesa a ressurreição, Paulo não poupa esforços para reafirmar seus ideais escriturísticos e basilares da fé cristã. No versículo 19, Paulo utiliza do cognato *ἐλεεινότεροι* (gr. *eleeinóteroi*), para designar “desprezível, miserável”, todo descrente da *parusia*.⁴⁶¹ Paulo chama a atenção do seu público no capítulo 15, para o fato de que, se não há ressurreição, tanto ele, quanto os demais apóstolos são tidos então, como mentirosos, bem como *ψευδομάρτυρες* (pseudomartires) falsas testemunhas. Pois, pregavam o Cristo ressurreto. E mais, se não há ressurreição, como afirmavam os coríntios, Cristo então não havia ressuscitado, o que colocava em xeque a fé e esperança deles, bem como égide basilar da fé cristã. A negação a ressurreição, em Paulo configura em desobediência a Cristo e seu Evangelho. Sendo assim, Paulo firma um acordo, em seu argumento apologético a ressurreição frente à igreja de Corinto. Para Ribeiro, referido “[...] acordo é firmado quando Paulo inclui o auditório na batalha contra a desobediência a Cristo, ao se negar a ressurreição, pois o torna ativo e participante na ação em favor da fé comum”.⁴⁶²

Apesar do recrudescimento argumentativo de Paulo em sua apologia a ressurreição, como no exemplo de “1Cor 15.36: Insensato! o que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer”. Onde o apóstolo utiliza o verbete grego *ἄφρων* (*aphron*), para designar insensato, tolo, sem razão, sem sentido, estúpido, sem reflexão ou inteligência, todo aquele que desconhece os mistérios divinos insertos na ressurreição (v.35), contudo, a *κοινωνία* (gr. *koinonia*), a comunhão, encontra-se incólume preservada em seu discurso, como vemos nos seguintes versículos “50: E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção”. “51: Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados”.

⁴⁶⁰ RIBEIRO, 2010. p. 95.

⁴⁶¹ BRAKEMEIER, 2008. p. 191.

⁴⁶² RIBEIRO, 2010. p. 96.

O acordo de Paulo com seu público vislumbra-se, é estabelecido do início ao fim, no desenrolar de sua apologia.⁴⁶³

Desse modo para Ribeiro:

[...] O acordo com o auditório permite o estabelecimento de consensos, de primícias aceitas por ambos, principalmente pelo auditório. Pode fazer parte do acordo prévio o argumento de autoridade. Quando Paulo se dirige aos coríntios [...], o faz com a autoridade dada a ele pelo próprio Cristo, e cria nos seus ouvintes o favorecimento à tese que irá apresentar. [...] Paulo [...] se vale da autoridade de Cristo, autoridade divina, a fim de reforçar sua própria autoridade.⁴⁶⁴ Assim, o argumento ganha mais força persuasiva ao utilizar o logos argumento de autoridade, e o *pathos* ao suscitar o temor.⁴⁶⁵

O principal objetivo de Paulo em sua apologia é defender a ressurreição de Cristo, que possibilitou a ressurreição corpórea e, conseqüentemente, a ressurreição final, quando da parusia. Ainda que o apóstolo inicie seu argumento apologético pela ressurreição corpórea, a qual parcela da comunidade de fé de Corinto, negava sua ocorrência.⁴⁶⁶

Vislumbra-se que Paulo utiliza-se de argumentos carregados de sentimentos pessoais, para refutar a negação a ressurreição, bem como fundamentar seus discursos. E isso com vistas a persuadir seu público “igreja de Corinto”, mostrando-lhes que seu apostolado estava acima de seus sentimentos pessoais e, até mesmo de sua incolumidade física. Isso fica claro na perícopie constante dos versículos 30-32 de 1Cor 15.⁴⁶⁷

30: Por que estamos nós também a toda a hora em perigo?

31: Eu protesto que cada dia morro, gloriando-me em vós, irmãos, por Cristo Jesus nosso Senhor.

32: Se, como homem, combati em Éfeso contra as bestas, que me aproveita isso, se os mortos não ressuscitam? Comamos e bebamos, que amanhã morreremos.

No v. 10, Paulo afirma haver trabalhado exaustivamente como apóstolo. E como apóstolo utiliza de sua autoridade para refutar os negadores à ressurreição, ao afirmar no v. 20, que a ressurreição é algo real e factível, pois Cristo ressuscitou (“Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos” - 1Cor 15.20). Desse modo, para Ribeiro, “Paulo utiliza estratégias de prevenção de conflitos, isto é, tenta por meio de

⁴⁶³ RIBEIRO, 2010. p. 97.

⁴⁶⁴ RIBEIRO, 2010. p. 97.

⁴⁶⁵ RIBEIRO, 2010. p. 98.

⁴⁶⁶ RIBEIRO, 2010. p. 99.

⁴⁶⁷ RIBEIRO, 2010. p. 99.

mecanismos persuasivos se desviar da oposição direta à sua defesa, de maneira que a última palavra válida seja a sua”.⁴⁶⁸

Na apologia de Paulo a ressurreição, fica nítida em seus discursos a visualização do *ethos*, conforme demonstrado, bem como também, *pathos* e *logos*. Todos encontrados concomitantemente, de maneira entrelaçada em seu argumento. E isso, para validar seus discursos, com vistas a se corroborar o que afirma. Esta tríade encontra-se imbricada no argumento paulino, a fim de provar, por meio do discurso, a irrefutabilidade existencial da ressurreição.⁴⁶⁹ Ribeiro sintetiza muito bem o supra-afirmado, ao prelecionar que, “[...] *ethos*, *logos* e *pathos* se entrelaçam e interagem no discurso com o intuito de fazer aderir o auditório”.⁴⁷⁰

A biografia de Paulo apóstolo, se funde com as comunidades que fundou. O ardor, a devoção, o zelo e denodo com que lidava com referidas comunidades, presentes em suas cartas, revelam-nos o profundo ardor pela causa à qual tanto se dedicava. Porém, nem sempre o apóstolo podia se fazer presente nas comunidades que gestou. Em Corinto por exemplo, permaneceu por um período de apenas 1 (um) ano e 6 (seis) meses (At 18.11). Na sua ausência, estas comunidades experimentaram diversos problemas, até mesmo de ordem ortodoxa. O que ensejou sua apologia ao genuíno Evangelho por ele pregado.⁴⁷¹

Contudo, ainda que à distância, a autoridade de Paulo deveria permanecer incólume. Seus ensinamentos deveriam ser acatados pela comunidade como um todo. Haja vista, a pureza do Evangelho não admitia máculas que a diminuíssem. Por isso, era imprescindível o esforço paulino no sentido de fazer seu público acatar a sua autoridade apostólica.⁴⁷²

Para Ribeiro:

O principal objetivo da apologia [de Paulo] era legitimar sua autoridade apostólica diante dos fiéis de Corinto, de maneira a trazer ao seu favor aqueles que estavam propícios a aderir aos seus oponentes⁴⁷³. Para cumprir seu objetivo Paulo inicia com o acordo prévio, ao ressaltar a autoridade do Cristo, e tece todo o discurso pelo viés argumentativo utilizando para esse fim, provas retóricas lógicas e psicológicas. A apologia de Paulo pertence ao gênero laudatório, o que faz evidenciar o *ethos*, pois utiliza como defesa o autoelogio. Esse gênero permitiu a Paulo contrapor a

⁴⁶⁸ RIBEIRO, 2010. p. 100.

⁴⁶⁹ RIBEIRO, 2010. p. 101.

⁴⁷⁰ RIBEIRO, 2010. p. 102.

⁴⁷¹ RIBEIRO, 2010. p. 104.

⁴⁷² RIBEIRO, 2010. p. 104.

⁴⁷³ RIBEIRO, 2010. p. 104.

imagem negativa que seus oponentes procuravam, como estratégia persuasiva, construir dele. Paulo, então no decorrer da apologia, constrói o *ethos* de confiança diante do auditório.⁴⁷⁴

Quando Paulo enaltece seu labor apostólico ao afirmar “[...] pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles” (1Cor 15.10), nítida e claramente, utilizando-se do *ethos*, procura construir uma imagem de notabilidade a seu respeito. Até mesmo quando afirma, “Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus” (1Cor 15.9), sua aparente humildade não afeta sua apostolicidade, ainda que isso possa soar como um *ethos* negativo, Paulo “reafirma sua humildade e não corre o risco de perder sua credibilidade”, conforme preleção de Ribeiro.⁴⁷⁵

O adágio “vence quem tem o melhor discurso” é válido aqui. Corroborado por Freire, ao prelecionar que: “discursos se mantêm tentando excluir discursos contrários. É uma luta que não cessa e que se manifesta nas práticas sociais [...] A realização da ideologia na língua, sua luta por poder, é o discurso”.⁴⁷⁶

Para Cruz, “o discurso é um efeito de sentido que brota do cruzamento entre história, sujeito e ideologia. [...] Logo, o discurso é algo dinâmico, mutável e suscetível às relações sociais e históricas”.⁴⁷⁷

O discurso não deixa de influenciar, bem como também de ser influenciado. Este dinamismo na influência é constante. O discurso é idealizado pela ideologia, que por sua vez, se materializa por meio das práticas humanas.⁴⁷⁸

O *ethos* como parte integrante do discurso, insta frisar, está associado a uma característica subjetiva do orador, bem como também está associado a um comportamento deste. Sua função primária é influenciar o outro.⁴⁷⁹

Ínsito a dinâmica do *ethos* temos a alteridade. A alteridade funciona como força motriz para o *ethos*, pois, em um diálogo, a intersubjetividade dos sujeitos do

⁴⁷⁴ RIBEIRO, 2010. p. 105.

⁴⁷⁵ RIBEIRO, 2010. p. 105.

⁴⁷⁶ FREIRE, Sérgio. **Análise de Discurso: Procedimentos metodológicos**. 2. ed. Manaus: EDUA, 2014. p.12s. (Obs: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

⁴⁷⁷ CRUZ, Adriano Charles da Silva. **Mídia e discurso: a construção de sentidos**. Marília: Poiesis, 2018. p.10. (Obs: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

⁴⁷⁸ CRUZ, 2018. p. 11. (Obs.: utilizamos aqui um e-book - Kindle edition -, portanto, as páginas podem variar).

⁴⁷⁹ LORDES, Antonio Wallace. *Pathos, ethos e logos em charges de Charlie Hebdo*. Universidade Federal de Minas Gerais. **Tese (doutorado) – Faculdade de Letras**. Belo Horizonte. 2019.

ato comunicativo é imprescindível para a eficácia do *ethos*. O orador ao utilizar-se do discurso direciona sua imagem ao seu alvo com vistas a obter maior aceitação ao seu argumento.⁴⁸⁰

Esta imagem é construída quando o orador se coloca diante de um auditório. Não apenas o seu argumento, mas sua postura, entonação, gestos, expressões corporais, são avaliados pelo seu público, compondo-se como um poderoso instrumental da comunicação humana. Este conjunto formará a imagem do orador perante seus ouvintes. Se todo este conjunto reverberar em uma imagem confiável do orador perante seu público, então, já os conquistou. E isto é imprescindível ao orador, com vistas a atribuir-lhe autoridade argumentativa.⁴⁸¹

O apóstolo não se encontrava presente dos destinatários da primeira carta aos Coríntios, quando a escreveu, mas encontrava-se na cidade de Éfeso. Mesmo assim, sua autoridade apostólica deveria ser imposta em seu discurso apologético a ressurreição. Para tanto, deveria construir por meio de seu argumento, seu *ethos*, isto é, sua imagem de confiança, quando aguerrida e combativamente, com honestidade e prudência necessárias, procurou imprimir validade aos seus discursos, no capítulo 15 da primeira carta aos Coríntios”.⁴⁸²

4.2.2 O *Pathos* na *Apologia de Paulo*

O *ethos*, portanto, se evidencia no momento em que o orador obtém êxito em transmitir confiança em sua fala ao auditório através de sua imagem, ao dirigir suas características ao outro, no caso vertente, seu público. Ao suscitar no auditório as paixões, entra em voga o *pathos*, que coadunado ao *ethos*, consiste nos questionamentos que se transformam em respostas. Apesar de, atrair a atenção do seu público, contudo, cada destinatário do discurso proferido pelo orador, responderá de modo particular e diverso a mensagem inserida no discurso. Mas, os discursos tanto podem provocar adesão, quanto repulsa. Aceitação ou reprovação. Dependerá da maneira como o orador atrai as paixões no auditório ao seu argumento. Dependerá da mensagem introduzida em seu discurso. Dependerá da

⁴⁸⁰ LORDES, Antonio Wallace. *Pathos, ethos e logos* em charges de Charlie Hebdo. Universidade Federal de Minas Gerais. **Tese (doutorado) – Faculdade de Letras**. Belo Horizonte. 2019.

⁴⁸¹ RIBEIRO, 2010. p. 86.

⁴⁸² RIBEIRO, 2010. p. 86.

receptividade deste público. Onde cada indivíduo traz em si, suas peculiaridades e particularidades, que influenciarão na sua adesão ou não a mensagem anunciada. Ribeiro reverbera que, “na apologia de Paulo há um grande movimento das paixões, que permeia todo o discurso, com o intuito de provocar a adesão do auditório à tese apresentada”.⁴⁸³

Contudo, como o *ethos* evidencia-se pelas paixões e o *pathos* constitui-se numa extensão do *ethos*, em se materializar a mensagem por meio de perguntas que culminarão em respostas, há sempre o temor em ambos os lados do discurso. Da parte do orador, no caso em análise, o apóstolo Paulo, temor que se apresenta na forma de preocupação diante da possibilidade de os fiéis negarem a fé ao não adirem os argumentos apresentados. Do lado do público, temor diante da possibilidade da confluência que resultará na executabilidade de se submeterem ao rigor da exortação produzida no discurso lhes apresentado.⁴⁸⁴

As paixões tanto podem funcionar para conquistar ou para repelir o auditório. Tudo dependerá da forma, maneira e modo, como o discurso é apresentado. Podendo se consistir em uma poderosa arma persuasiva que pode fazer o auditório responder positivamente à tese apresentada. Ou afastar as pessoas repulsivamente ao não saber conduzir o discurso da maneira adequada e satisfatória a atender os anseios do público alvo.⁴⁸⁵

Em 1Cor 4.14 (admoesto-vos como meus filhos amados), Paulo em uma declaração amorosa aduz que todo seu discurso é baseado no amor paternal. Logo, suas recomendações e reprimendas devem produzir o bem-estar em seu público, não o inverso. Portanto, sua apologia à ressurreição é no sentido de paternalmente admoestar a igreja de Corinto visando seu bem-estar. Nesse sentido entrelaçado ao *ethos*, encontra-se o *pathos*, pois, ao discursar dessa forma a comunidade de fé de Corinto, Paulo, na dicção de Ribeiro, revelando o seu amor paternal, acabou por construir o “[...] *ethos* de amabilidade (*eúnoia*) que é uma das características que contribuem para a confiabilidade do orador”.⁴⁸⁶

Extrai-se da lição de Ribeiro que, a *eúnoia*, ínsita ao *pathos*, se traduz na amabilidade, benevolência e atitude respeitosa do orador para com seus ouvintes,

⁴⁸³ RIBEIRO, 2010. p. 89.

⁴⁸⁴ RIBEIRO, 2010. p. 91.

⁴⁸⁵ RIBEIRO, 2010. p. 92.

⁴⁸⁶ RIBEIRO, 2010. p. 93.

ao despertar a paixão do auditório, buscando a retenção do seu público ao seu argumento.

A *eúnoia* evidencia-se pela benevolência e pela atitude respeitosa do orador para com seus ouvintes. Está ligada ao *pathos*, pois o orador poderá despertar paixões no auditório ao mostrar como pode ser bom, tolerante, indulgente quando necessário, perdoador. Dessa forma, cabe ressaltar que cada uma das qualidades do orador está relacionada com uma das provas retóricas, a saber: *phónesis*, com o *logos*; *areté*, com o *ethos*; e *eúnoia*, com o *pathos*.⁴⁸⁷

O intuito sempre será o de buscar a adesão do auditório ao discurso proferido.⁴⁸⁸ As paixões, sabiamente manejadas pelo orador têm o condão de convencimento.⁴⁸⁹

Portanto, o entrelaçamento do *ethos* e *pathos* é visível nos discursos de Paulo, onde o *ethos* se encontra permeado pelo *pathos*, pois, no momento em que Paulo constrói uma imagem positiva de si, como o apóstolo paternal para a comunidade de Corinto, perspicazmente utilizando as paixões, como por exemplo, o temor, busca com isso, trazer o auditório para junto de si.⁴⁹⁰

4.2.3 O Logos na Apologia de Paulo

Ribeiro em breve síntese sobre a tríade *ethos-pathos-logos*, aduz que:

Enquanto o *ethos* se incumba da imagem do orador, o *pathos* se encarrega de expressar a resposta do auditório. Nesse processo o *logos* toma parte importante, pois expressa por meio do discurso, o *ethos* e o *pathos*. Assim, ao utilizar o argumento do sacrifício (*logos*), Paulo desperta a compaixão do auditório (*pathos*) e reforça o seu *ethos* de autoridade, pois em questão de sofrimento aproxima-se ao Cristo. Dessa forma, *pathos* e *logos* se entrelaçam no intuito persuasivo de trazer os fiéis para perto de Paulo e os oponentes para longe de si e de algum eventual reconhecimento como apóstolos.⁴⁹¹

⁴⁸⁷ RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. **A imagem de si na apologia paulina: a construção do *ethos***. Verbum (Issn 2316-3267), v. 9, n. 1, mai. 2020. p. 240-255.

⁴⁸⁸ RIBEIRO, 2010. p. 94.

⁴⁸⁹ RIBEIRO, 2010. p. 94.

⁴⁹⁰ RIBEIRO, 2010. p. 105.

⁴⁹¹ RIBEIRO, 2010. p. 106.

Assim como *ethos* e *pathos* encontram-se entrelaçados em uma aparente indissociabilidade, de igual modo, nos dizeres de Lordes “Logos e *ethos* estão numa relação de consubstancialidade, ou seja, são inseparáveis”.⁴⁹²

Ao passo que o *ethos* pode se traduzir como a resposta às questões levantadas pelos destinatários do discurso, e o *pathos* como os anseios deste público, em forma de perguntas e indagações, o *logos* por sua vez, abarca a vasta dimensão da linguagem capaz de influenciar seu destinatário. Para Galinari, isso pode se dar tanto como seleção lexical, como também formação de palavras, modalizações, estruturas sintáticas, etc.⁴⁹³ Desse modo, dado ao entrelaçamento da tríade aqui exposta, pode-se inferir que, “tanto o *ethos*, quanto o *pathos*, são desdobramentos semântico-discursivos do *logos*”, conforme preconiza Galinari.⁴⁹⁴

Portanto, a tríade aristotélica *ethos*, *pathos* e *logos*, ínsito aos desdobramentos do discurso e partes neste envolvidas, com ênfase para o orador⁴⁹⁵, busca poder fazer mudar comportamentos, sentimentos, percepções, etc., no público alvo. Superada essa premissa, o orador terá satisfeito seu anelo ao fim almejado pelo discurso proferido, no caso em estudo, a busca do retorno da comunidade de Corinto à fé genuína, bem como a um Evangelho imaculado, conforme pode-se entrever nos discursos proto-paulinos. Paulo então, torna-se um orador eficiente, ao obter tamanho êxito, fazendo o auditório aderir à sua tese, de maneira convincente.⁴⁹⁶ Desse modo, pode-se dizer que o *logos* traduz-se na lógica dos argumentos apresentados.⁴⁹⁷

Ribeiro reconhece a paternidade aristotélica da tríade *ethos-pathos e logos*. Bem como sua utilização no discurso retórico, subdividindo-o em três partes, bem como, três provas técnicas nestas residentes.

Para Aristóteles [...], o discurso retórico é composto por três partes: o orador, o assunto (o que é tratado) e o ouvinte (o auditório para quem se dirige). Também são três as provas técnicas que podem residir: no caráter

⁴⁹² LORDES, Antonio Wallace. *Pathos, ethos e logos* em charges de Charlie Hebdo. Universidade Federal de Minas Gerais. **Tese (doutorado)** – Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2019.

⁴⁹³ GALINARI, Melliandro Mendes. **Logos, ethos e pathos: “três lados” da mesma moeda**. Alfa, São Paulo, 2014, 58 (2): 257-285.

⁴⁹⁴ GALINARI, 2014, 58 (2): 257-285.

⁴⁹⁵ FERNANDES, Ivani Cristina Brito. *Ethos e pathos* na elaboração de vínculos: considerações sobre a construção enunciativo-discursiva dos efeitos de empatia na argumentação em colunas jornalísticas. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 49, n. 1, abr. 2020. p. 397-416.

⁴⁹⁶ RIBEIRO, mai. 2020. p. 240-255.

⁴⁹⁷ GUNZI, Arnaldo. **Ethos, Pathos e Logos**. Disponível em: <https://ideiasesquecidas.com/2018/09/07/ethos-pathos-e-logos/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

moral do orador (*ethos*); nas disposições criadas no auditório (*pathos*); e no próprio discurso no que demonstra ou parece demonstrar (*logos*). Entre as provas técnicas, podemos, ainda, dividi-las em: provas psicológicas, que abarcam o *ethos* e o *pathos*; e provas lógicas, que abrangem o *logos*.⁴⁹⁸

Desse modo, o orador ao utilizar do bom senso e da ponderação na construção do seu argumento, ainda que seu discurso possua caráter repreensivo, levará indubitavelmente, sua argumentatividade à razão prática e, portanto, ao *logos*, demonstrando-se virtuoso e sincero em seu discurso, tendo em vistas atingir ao fim proposto, a aceitação do seu discurso pelo seu auditório.⁴⁹⁹

A patente interdependência da tríade, conforme ensinamento de Galinari, reside também no fato de que, “tanto o *ethos*, quanto o *pathos*, [podem] ser compreendidos como desdobramentos semântico-discursivos do *logos*”.⁵⁰⁰ Para finalizar Galinari aduz que, “é justamente nessa inter-relação que conseguimos edificar e reconstruir as “virtudes intelectuais” do orador, ou seja, uma das importantes dimensões de seu *ethos*: aquela assentada na maestria coerente/coesa nas artes do *logos*”.⁵⁰¹

⁴⁹⁸ RIBEIRO, mai. 2020. p. 240-255.

⁴⁹⁹ MAINGUENEAU, 2020. p. 10.

⁵⁰⁰ GALINARI, 2014, 58 (2): 257-285.

⁵⁰¹ GALINARI, 2014, 58 (2): 257-285.

5 CONCLUSÃO

Por todo o exposto, conclui-se que, diante das tensões e conflitos surgidos na comunidade de fé de Corinto, como na controversa questão acerca da ressurreição; conflitos esses, diga-se de passagem, que arrogavam à comunidade de fé de Corinto, práticas subversivas ao ensinamento apostólico, típicas da sociedade injusta e discriminadora a estes contíguas; eis que, Influenciados pela filosofia grega, alguns dentre a membresia de Corinto, passaram a negar completamente a ressurreição, em específico no que atine a ressurreição corpórea, irrogaram de Paulo defesa à altura dos princípios ortodoxos e balizadores à fé cristã, por si abarcados; conseqüentemente propiciando-lhe renhir apologeticamente, frente à indigesta questão negatória da ressurreição. Haja vista, a negação à reflexão da ressurreição significava colocar em xeque, a pauta à questão de cunho ortodoxo, tida como ponto fulcral, supedaneador da fé cristã, sua essência e sentido, constituindo-se assim, um dos grandes pilares sobre a qual repousa a fé cristã.

Conseqüentemente, por conta disso, o Apóstolo Paulo dá vital importância à reflexão da ressurreição em sua Primeira Carta aos Coríntios, eis que, ao iniciá-la, assegura que a base da sua pregação é o Cristo crucificado (1.23), e ao terminá-la, declara que o ápice e o clímax da sua mensagem é o Cristo ressuscitado (15.20). Portanto, em um nítido enrijecimento de seu discurso acerca da celeuma em questão, o Apóstolo no versículo 16 de indigitado capítulo, dirá à comunidade de Corinto que, se os mortos não ressuscitam, então Nosso Salvador, também não ressuscitou e, se Cristo não ressuscitou, reverbera no versículo 17, “É vã vossa fé” e, “ainda permaneceis em vossos pecados”. Haja vista, para Paulo, o afastamento da base confessional da igreja era inevitável à quem negava a ressurreição. Percebe-se então, que o Apóstolo Paulo de modo aguerrido e apoloético defenderá a ressurreição, não apenas em sua Primeira Carta, mas também na segunda Carta aos Coríntios, escrita cerca de um ano após ter escrito a Primeira. Na Segunda Carta, o Apóstolo novamente torna à apoloeticamente reverberar acerca da morte e ressurreição do cristão (2º Coríntios 5:1-10), como um dos pontos centrais de sua teologia. Pois, para Paulo, se a esperança na ressurreição for desfeita, então toda a estrutura da verdade do evangelho, entrará em colapso e ruína, algo combatido aguerridamente por Paulo.

A pergunta de Paulo em 1Cor 15.35: “Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?” deixa entrever o cerne da inquietação e imbróglio doutrinário dos coríntios. A resposta de Paulo é concisa e enérgica. Em primeiro lugar, os nomina insensatos, comparado a alguém que “perdeu a razão”, após, em um jogo de palavras, onde utiliza exemplo do reino vegetal, afirma que a questão corpórea pertence a Deus, que ressuscitou a seu filho Jesus, bem como dará a cada um, corpo como quer.

Destarte, as implicações a propalada negação dos coríntios à reflexão da ressurreição, são várias, e que resvalavam na ressurreição de Cristo, bem como tornava Paulo e os demais apóstolos mentirosos, pois pregavam a ressurreição de Cristo. Tornava ainda, inócua, vazia e vã a fé que professavam em um Cristo que não ressurgiu (15.15), como aludiam. Bem como ainda implicava na permanência destes em suas vidas de pecados, tornando ineficaz o sacrifício da cruz. Por último, tirava-lhes a esperança de uma vida no porvir.

Todos estes desdobramentos demandaram do apóstolo, aguerrida defesa a tal ensino perturbador, que culminava em indigesta apostasia ortodoxa, tornando ineficiente todo o trabalho missionário de Paulo naquela comunidade que lhe devotou tempo e atenção durante o período de um ano e meio (At 18.11) que ali permaneceu na implantação daquela igreja.

REFERÊNCIAS

- ABUCHAIM, Cláudia; PEREIRA Maria de Lourdes e Silva. **Artimanhas do dizer: retórica, oratória e eloquência**. Org. Luiz Antonio Ferreira. São Paulo: Blucher, 2017.
- AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã**. Trad. Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- AITKEN, James K.; PAGET, James Carleton. **A tradição judaico-grega na antiguidade e no Império Bizantino**. Rio de Janeiro: Bvbooks, 2019.
- ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz; LOPONDO, Lílian. **Diálogo no limiar e diatribe: mecanismos de construção da autoconsciência do sujeito**. Bakhtiniana, São Paulo, 7 (2): 5-18, Jul./Dez. 2012.
- ARBIOL, Carlos J. Gil. **Paulo na origem do cristianismo**. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2018.
- ARAÚJO, Frei José Wiliam Corrêa de. **O conteúdo da fé na ressurreição de Jesus**. GRANDE SINAL Revista de Espiritualidade. Petrópolis: Instituto Teológico Franciscano. Ano LVI – Janeiro-Fevereiro, 2002.
- ARISTÓTELES. Retórica. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- BALCH, David L.; STAMBAUGH. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BARROS, Douglas Ferreira. **Teologia Política: disciplina de estudos e pesquisas acerca da relação entre religião, teologia e política**. INTERAÇÕES: Belo Horizonte. v.15, n. 01, jan./jun.2020.
- BARROS, Hemerson Luan Farias de. **Uma análise das possíveis influências órficopitagóricas no Fédon de Platão**. Fortaleza – volume 2, número 2, jul./dez. 2017.
- BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. Tradução Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã. 2007.
- BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. Tradução Irineu J. Rabuske. São Paulo: Academia Cristã. 2020.
- BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo: a nossa ressurreição na morte**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1986.
- BONHOEFFER, Dietrich. Discipulado. Trad. Murilo Jardelino, Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BORTOLINI, José. **Introdução a Paulo e suas cartas**. São Paulo: Paulus, 2001.

BORTOLINI, José. **Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os Conflitos em Comunidade**. 5ª Ed., São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

BORTOLINI, José. **Como ler a Segunda Carta aos Coríntios: O agente de pastoral e o poder**. São Paulo: Paulus. 2014.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto: Um comentário exegético-teológico**. São Leopoldo: Sinodal/EST. 2008.

BRUCE, F.F. **Paulo e seus convertidos: como o apóstolo cuidou das igrejas que plantou**. Trad. Marcelo Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2020.

BRUCE, F.F. **Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

BRUTEAU, Beatrice. **Jesus segundo o judaísmo: Rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito de um antigo irmão**. São Paulo: Paulus. 2014.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Ilson Kayser. Santo André/SP: Academia Cristã. 2008.

CALVINO, João. **1 Coríntios – Série Comentários Bíblicos**. Tradução: Rev. Valter Graciano Martins. São José dos Campos/SP. Ed. Fiel, 2004.

CEBI. **Paulo e suas cartas: Roteiros para Reflexão X**. São Paulo: Paulus, 2000.

CERFAUX, Lucien. **O Cristão na teologia de Paulo**. Tradução José Raimundo Vidigal. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.

CERFAUX, Lucien. **O Cristão na teologia de Paulo**. Tradução Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Teológica, 2003.

CONEGERO, Daniel. **Como Morreram os Apóstolos de Jesus?** Disponível em: <https://estilodoracao.com/como-morreram-os-apostolos/>. Acesso em: 18 dez, 2020.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?: Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, Dom Paulo Cezar. **Deus o Ressuscitou dos Mortos**. ATeo, Rio de Janeiro, v. 20, n. 54, p. 730-754, set./dez.2016.

CRISÓSTOMO, SÃO JOÃO (347-407) **História da Igreja** - Prof. Márcio Ruben. Disponível em: <https://historiadaigreja-com.webnode.com/c/crisostomo%2C-s%C3%A3o-jo%C3%A3o-%28347-407%29-/>. Acesso em: 17 out. 2021.

CRUZ, Adriano Charles da Silva. **Mídia e discurso: a construção de sentidos**. Marília: Poiesis, 2018.

DEIFELT, Wanda. **Epistemologia, violência e sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião / [Organizado por] Elaine Neuenfeldt, Karen Bergesch e Mara Parlow. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

DUNN, James D. G. **A Teologia do apóstolo Paulo**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

DUNN, James D. G. **Teologia do Novo Testamento**: uma introdução. Trad. Karen Clavery Macedo e Leonardo A.R.T. dos Santos. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo**: a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1998.

ETERNO, Alessandra Tadeu. **Lençol de Turim**: O Evangelho dos Cientistas. São Paulo: Loyola, 2006.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: apóstolo dos gentios. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2001.

FEE, Gordon D. **Jesus o Senhor segundo o Apóstolo Paulo**: Uma Síntese Teológica. Trad. Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

FERNANDES, Ivani Cristina Brito. **Ethos e pathos na elaboração de vínculos**: considerações sobre a construção enunciativo-discursiva dos efeitos de empatia na argumentação em colunas jornalísticas. Estudos Linguísticos (São Paulo, 1978), v. 49, n. 1, p. 397-416, abr. 2020.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **A parusia e a valorização do tempo futuro no pentecostalismo**. Paralellus, Recife, v. 7, n. 15, mai./ago. 2016.

FERREIRA, Moisés Olímpio. **A arte retórica nos discursos do apóstolo Paulo**: as estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditórios. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.

FREIRE, Sérgio. **Análise de Discurso**: Procedimentos metodológicos. 2. ed. Manaus: EDUA, 2014.

FOULKES, Irene. **Problemas pastorales em Corinto**: comentario exegético-pastoral a 1 Corintios. L^a ed. San José, Costa Rica. DEI, 1996.

GALINARI, Melliandro Mendes. **Logos, ethos e pathos**: “três lados” da mesma moeda. Alfa, São Paulo, 58 (2): 257-285, 2014.

GRAEME, Goldsworthy. **Pregando toda a Bíblia como a escritura cristã**: a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva. Trad.. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos/SP: Fiel, 2013.

GREATHOUSE, William M.; METZ, Donald S.; CARVER, Frank G. **Comentário Bíblico Beacon**: Romanos a 1 e 2 Coríntios. Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

GUNZI, Arnaldo. **Ethos, Pathos e Logos**. Disponível em: <https://ideiasesquecidas.com/2018/09/07/ethos-pathos-e-logos/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

HODGE, Charles. **1Coríntios**. Trad. Sharon Barkley. São Paulo: PES, 2021.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império**: O Reino de Deus e a nova desordem mundial. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

IZIDORO, José Luiz. **O problema da identidade no cristianismo primitivo**: interação, conflitos e desafios. Oracula, São Bernardo do Campo, 4.7. ISSN 1807-8222, 2008.

JOÃO CRISÓSTOMO, Santo. **Comentários às Cartas de São Paulo/2**: Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios: Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios. Trad. Mosteiro de Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Paulus, 2010.

JÜNGEL, Eberhard. **Morte**. Trad. Ilson Kayser. 3ed. São Leopoldo/RS: Sinodal/EST. 2010.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**. Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios. São Paulo: Ed. Cultura Cristã. 2003.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios. 2. ed., São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2014.

KREEFT, Peter; TACELLI, Ronald K. **Manual de Defesa da Fé**: Apologética Cristã – 100 Respostas para Questões Cruciais. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. 1ª ed. São Paulo: Exodus, 1997.

LAUTER, Gabriel Giroto. A historicidade da ressurreição: um estudo exegético de 1 coríntios 15.1-11. **Revista Batista Pioneira**. v. 5, n. 2, dezembro/2016.

LIMA, Marcos Aurélio de. A retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia. Natal: IFRN, 2011.

LOPES, Hernandes Dias. **1 Coríntios**: como resolver conflitos na Igreja (Comentários Expositivos Hagnos). São Paulo: Hagnos, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. Paulo: **O maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.

LORDES, Antonio Wallace. *Pathos, ethos e logos* em charges de Charlie Hebdo. Universidade Federal de Minas Gerais. **Tese (doutorado) – Faculdade de Letras**. Belo Horizonte, 2019.

MACARTHUR, John. **1 Coríntios**: A solução de Deus para os problemas da igreja. Tradução de Heloisa Cavallari, São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2011.

MACARTHUR, John. **O evangelho segundo Paulo**: a essência das boas-novas. Tradução Maurício Bezerra Santos Silva. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

MACHADO, Jonas. **O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo**: um novo olhar nas Cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa. São Paulo: Paulus, 2009.

MAGALHÃES, Edith Maria Marques. Aproximações e afastamentos na formação do pedagogo: um estudo comparativo das argumentações de alunos das modalidades de ensino presencial e a distância. **Tese (Doutorado em Educação)**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2015.

MARQUES, Roselane. O significado da ressurreição de Jesus para a comunidade de Mateus. Discernindo - **Revista Teológica Discente da Metodista**. v. 3, n. 3, p. 25-50, jan. dez., 2017.

MATOS, Keila. **O que a história registrou sobre Paulo, Corinto, a igreja e as mulheres no Século I**. Fragmentos de Cultura. Goiânia, v. 17, n. 9/10. set./out. 2007.

MAZZAROLO, Isidoro. **O Apóstolo Paulo**: o Grego, o Judeu e o Cristão. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2011.

MORRIS, Leon. **I Coríntios**: Introdução e Comentário. Tradução Odayr Olivetti. São Paulo. Mundo Cristão, 1983.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

NASCIMENTO, Joelson Santos. **A relação entre lógica, páthos e ethos na arte retórica de Aristóteles**. Anais de filosofia clássica, vol. 9 nº17, 2015.

NETO, Diácono Manoel F. de Miranda. **Os fariseus e sua contribuição teológica para o judaísmo e o cristianismo**. Revista de Cultura Teológica. V.12. nº 47. abr/jun 2004.

NOGUEIRA, Sebastiana; MACHADO, Jonas. **Lendo as cartas aos coríntios**: unidade, diversidade e autoridade apostólica na comunidade cristã. São Paulo: Paulus, 2021.

NOVAK, Maria da Gloria. **Platão, a transmigração das almas e Tito Lucrecio Caro**. Letras clássicas, n. 2, p. 67-82, 1998.

OLIVEIRA, André Luiz Alves de. O conceito de vontade no homem interior em Hannah Arendt. **Dissertação (Mestrado em Filosofia)**. Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. A ressurreição de Jesus na visão de Wolfhart Pannenberg: uma análise do discurso religioso. **UNITAS – Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória-ES, v. 1, jan-jun, 2014.

PANASIEWICZ, Roberlei; REIS, Miracy Monteiro Melo. Ressurreição e fé cristã: uma leitura a partir da compreensão de Andrés Torres Queiruga. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 53 n. 1. p. 43-56. jan./jun., 2013.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática – vol. 3**. Trad. Werner Fuchs. Santo André/SP: Academia Cristã; Paulus, 2009.

PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do evangelho**: Introdução estrutural às cartas de São Paulo. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. **Retórica**: argumentação e discurso em retrospectiva. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PINHO, Arnaldo de. **O anúncio e a pregação a ressurreição na fé da Igreja e sua formulação hoje**. Humanística e Teologia. 35:1 (2014) 77-85.

PLATÃO. **Diálogos**: o banquete, Fédon, sofista, político. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Victor Civita, 1972.

PRIOR, David. **A Mensagem de 1 Coríntios**: A vida na igreja local. São Paulo: ABU, 1993.

QUEIROZ, Paulo. **Ensaio**: Direito, política e religião. 3ed. Salvador: Juspodivm, 2017.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a ressurreição**: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares, Anoar Jarbas Provenzi. 2ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Esperança apesar do mal**: a ressurreição como horizonte. Trad. Pedro Lima Vasconcellos. São Paulo: Paulinas, 2007.

QUESNEL, Michel. **As Epístolas aos Coríntios**. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983.

REINKE, André Daniel. **Aqueles da Bíblia**: História fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia**: História, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. Trad. Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2012.

RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. A apologia de Paulo na segunda carta aos Coríntios: uma análise retórica. **Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. **A imagem de si na apologia paulina**: a construção do ethos. *Verbum* (Issn 2316-3267), v. 9, n. 1, mai. 2020. p. 240-255.

RIBEIRO, Olavo J. A. **1º Coríntios**: Comentário Exegético. Kindle Direct Publishing.

ROSA, Wanderley Pereira da. O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas consequências. **Dissertação (Mestrado em Teologia)**. Faculdades EST, 2010.

RUSSELL, Bertrand. **A Filosofia entre a Religião e a Ciência**. Kindle Direct Publishing.

SANTIAGO, Emerson. Fedro (Platão). Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/fedro-platao/>>. Acesso em: 13/11/2021

SANTOS, Bento Silva; ARAÚJO, Arthur. **Concepções antigas sobre a alma**: Homero, Platão e Aristóteles. Vitória: UFES, 2011.

SANTOS, Eduardo da Silva. **A ressurreição da carne**: estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SANTOS, José Trindade. **Para ler Platão**: alma, cidade, cosmo. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2009.

SCARDELAI, Donizete. **O escriba Esdras e o Judaísmo**: Um estudo sobre Esdras à luz da tradição. São Paulo: Paulus, 2012.

SCHELKLE, Karl Hermann. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Antônio Steffen. São Paulo: Loyola, 1977.

SCHNELLE, Udo. **Paulo**: vida e pensamento. Tradução: Monika Ottermann. Santo André/SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: O apóstolo da glória de Deus em Cristo. Trad. A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2015.

SEGAL, Alan F. Paulo, o convertido: apostolado e apostasia de Saulo fariseu. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2010.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. Trad. Giuliana Niedhardt. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SILVA, Ângelo Vieira da. A literatura apocalíptica e o livro dos vigilantes: o problema do mal no livro etíope de Enoque. **Dissertação (Mestrado em Teologia)**. Faculdade Unida de Vitória, 2013.

SILVA, Sheila Paulino e. O Filósofo e a Morte: Um Estudo Sobre a Phronesis no Fédon de Platão. **Dissertação (Mestrado em Filosofia)**. Universidade de São Paulo – USP, 2009.

SOARES, Dionísio Oliveira. **A ressurreição corporal na tradição paulina**: O sôma psychikón e o sôma pneumatikón. Atualidade Teológica Ano XIII nº 33, setembro a dezembro / 2009.

SOARES, Elizangela. **Se cristo não ressuscitou**: vislumbres da escatologia pessoal cristã primitiva. Oracula, São Bernardo do Campo, 3.6, 2007.

SOUSA, Américo. A persuasão. Covilhã, Portugal: Universidade da Beira Interior, 2001.

SOUZA, Marcelo Serafim de. **Paulo**: cristologia, pneumatologia e teologia antioquena. Anais eletrônicos do VI Simpósio Cristianismo e Interpretações / ISSN 2595-6345. Recife: Unicap, 2020.

SOUZA, Tiago Dias de. **Do outro lado da vida**: a apologia paulina da ressurreição em 1 Coríntios 15. São Leopoldo/RS: Oikos, 2016.

SWINDOLL, Charles R. **Vivendo Provérbios**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

THIELMANN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. Tradução Rogério Portella, Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

VANG, Preben. **1 Coríntios**. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2018.

VASCONCELOS, Pedro L.; FUNARI, Pedro Paulo A. **Paulo de Tarso**: Um apóstolo para as nações. São Paulo: Paulus, 2014.

VELLA, Giovanni. Desejo impossível e conhecimento possível. Do Fédon a O Banquete: o poder gerativo de Eros. **Dissertação (Mestrado em Filosofia)**. Faculdade de São Bento, 2013.

VELLA, Giovanni. A alma e a morte na apologia do Fédon: Sócrates entre θάνατος e τεθνάναι. Tese (Doutorado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC SP, 2019.

VERMES, Geza. **A paixão**: a verdadeira história do acontecimento que mudou os rumos da humanidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VERMES, Geza. **Jesus e o mundo do judaísmo**. Trad. Johan Konings. São Paulo: Loyola, 2015.

VERMES, Geza. **Ressurreição**: História e mito. Rio de Janeiro: Record, 2013.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens**: uma introdução à bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

WRIGHT Nicholas Thomas. **Paulo**: uma biografia. Trad. Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

WRIGHT, N.T.; EVANS, Craig A. **Os últimos dias de Jesus**: o que de fato aconteceu? Trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa: Ultimato, 2020.

ZAGONEL, Maurício Luís. A morte como passagem da alma para o hades. **Revista Comfilotec** – ano 5. vol. 9, 2019.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Paulo: O príncipe dos pregadores. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.